



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TÁSSIA OLIVEIRA RAMOS

SENTIDO DE COMUNIDADE, LAZER E POBREZA:
O IMPACTO DA ARENINHA DO CONJUNTO PALMEIRAS, FORTALEZA/CE

FORTALEZA

2022

TÁSSIA OLIVEIRA RAMOS

SENTIDO DE COMUNIDADE, LAZER E POBREZA:

O IMPACTO DA ARENINHA DO CONJUNTO PALMEIRAS, FORTALEZA/CE

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Ceará como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Processos Psicossociais e Vulnerabilidades Sociais.

Orientador: Dr. James Ferreira Moura Júnior

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R147s Ramos, Tássia Oliveira.
Sentido de comunidade, lazer e pobreza : o impacto da Areninha do Conjunto Palmeiras, Fortaleza/CE /
Tássia Oliveira Ramos. – 2022.
111 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. James Ferreira Moura Júnior.

1. Sentido de Comunidade. 2. Pobreza. 3. Lazer. 4. Esporte. I. Título.

CDD 150

TÁSSIA OLIVEIRA RAMOS

SENTIDO DE COMUNIDADE, LAZER E POBREZA:

O IMPACTO DA ARENINHA DO CONJUNTO PALMEIRAS, FORTALEZA/CE

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Ceará como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Processos Psicossociais e Vulnerabilidades Sociais.

Aprovada em 27/04/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. James Ferreira Moura Júnior (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Brasileira (UNILAB)/ Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Elívia Camurça Cidade

Faculdade Ari de Sá

Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

“Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes” (Raul Seixas)

Realizar uma jornada de Mestrado acadêmico contribuiu muito para mudar a forma como pensamos sobre a vida, e como é importante uma publicação científica, com a afirmação de ideias que são pautadas na ética e no desejo de transformação de uma sociedade desigual em busca de mais igualdade, de acesso a direitos, que haja garantia de direitos a todos!

Agradeço à minha família mãe, mulher mais forte que já conheci, minha fortaleza, que me ensina a viver com a força do empenho, da presença e do trabalho, estrutura da minha vida, e que me ensinou que o esforço pode ser saboreado viajando pelo mundo!

Aos irmãos Sabrina e Bruno, que me acompanham por toda a vida e torcem por cada desafio que me proponho a me lançar, sendo presença de cuidado. Atravessar esses momentos de mestrado com a partida de papai e de algumas pessoas queridas foram momentos de fortes emoções, e vocês continuaram a ser alicerce de força para que minha jornada no mestrado continuasse.

Ao meu pai, que vivi lindos momentos compartilhando com ele as ideias que eu tinha no processo da pesquisa enquanto acompanhava seus tratamentos de saúde, com ele aprendi que, apesar de tudo, é preciso e possível sorrir!

Ao meu primo irmão Leonel, que desde pequena é uma inspiração pra mim como atleta, como pessoa, como professor. Me engrandeço buscando seguir seus passos!

Ao meu orientador James, homem sensível e dedicado nos ofícios e lutas. Desde o início abraçou essa proposta e contribuiu para o aprofundamento teórico crítico com o compartilhar de orientação.

Aos amigos que muito contribuíram para esta jornada acontecer: Livia Viana professora e amiga fonte de inspiração, que acolheu minhas ideias iniciais de projeto, e Francileuda, Aílton, Vilki, o quanto aprendi com nosso compartilhar de orientações.

A Daniele Negreiros, que acompanhou minhas tentativas de ingresso no mestrado e, mesmo com novas mudanças nas nossas formas de estar, sempre se colocou prontamente disponível para me ajudar nesta jornada acadêmica. Você me inspira como pessoa e profissional em busca da mudança social.

Às minhas terapeutas, Cristiana Moura e Jarlem Cunha, que conseguiram acolher minhas tempestades nestes processos e sinalizaram caminhos de calma.

À minha amiga chefe, Marta Magalhães, uma fonte de contato humano em meio ao campo de desempenho e excelência do futebol brasileiro.

Aos amigos que sempre me apoiaram de diversas formas nessa jornada como pessoa mestranda: Marina Cavalcante e Izabele Brito pela vibração acompanhando o processo de seleção; Flora Mesquita, compartilhando saberes da Psicologia na conexão Fortaleza/São Paulo; Fernanda Lopes e Bruno Freire, que não sei se me inspiram mais pela pessoa ou profissional que são; Mariana Lima, Pedro Vítor, Raphael Coutinho, amigos de base educacional e inspirações políticas; Jéssica Fernandes, de todo cuidado na alegria de viver no esporte; Vanessa Lima, que me mostrou o ar lá de cima das montanha; Marisa Markunas, que desinstitucionalizou a relação professora/aluna e compartilha comigo ideias e afetos da vida!

Agradeço imensamente aos professores Elívia Cidade, Jorge Sarriera e Zulmira Bonfim por se dedicarem a enriquecer este estudo com suas contribuições intelectuais! Agradeço também as prontas correções de Marcela Tosi.

Agradeço a FUNCAP por todo apoio dado a esta pesquisa e ao governador do Estado do Ceara, Camilo Santana, que, mesmo em período de pandemia de coronavírus, manteve todo apoio a pesquisa e ciência no Estado do Ceará.

*“Deixa o menino jogar, ô Iaiá
Deixa o menino aprender, ô Iaiá
Que a saúde do povo daqui
É o medo dos homens de lá
A consciência do povo daqui
É o medo dos homens de lá
Sabedoria dos homens daqui
É o medo dos homens de lá”*

(Deixa o menino jogar – Alexandre Carlo)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar os hábitos de lazer na Areninha do bairro Conjunto Palmeiras para o fortalecimento do Sentido de Comunidade dos moradores. O Sentido de Comunidade tem sido fundamental em estudos e intervenções da Psicologia Comunitária, por apresentar características dos vínculos comunitários que podem contribuir na luta de direitos da comunidade em busca de bem-estar. A Areninha é um equipamento público composto por campo de futebol de gramado sintético e tem ao seu redor um parque infantil e uma academia ao ar livre. Esse tipo de equipamento foi, de início, construído em bairros da cidade de Fortaleza que possuem alto índice de vulnerabilidade social e baixo Índice de Desenvolvimento Humano. O presente trabalho teve como pergunta de partida como este equipamento esportivo afeta a vida dos moradores do seu entorno? Este estudo teve metodologia qualitativa, realizando três entrevistas semiestruturadas, sendo uma delas em dupla e por isso contou com a participação de quatro residentes do bairro Conjunto Palmeiras. Foi realizada análise de conteúdo, a partir da análise categorial a fim de uma categorização temática centrada nas categorias pobreza, Sentido de Comunidade e hábitos de lazer. Também foi possível conceber categorias indutivas a partir das falas dos entrevistados. Os dados foram organizados por meio do *software Atlas.ti* e as categorias foram relacionadas em macrocategorias ou relacionadas entre si. Sobre a compreensão de pobreza, ficaram evidenciados como aspectos concretos os fatos de os sujeitos não terem o que comer, de viverem em condições insalubres sem saneamento básico ou de não terem acesso a direitos por não ter um documento de registro no cartório. Também foram perceptíveis os aspectos psicossociais de fatalismo diante da situação imposta, de atitudes conformistas que possam gerar estigmatização e da vergonha de estar nesta condição. Quanto ao Sentido de Comunidade, destaca-se a participação social como um fator profundamente relacionado, uma vez que é considerada como um fator protetivo da comunidade e/ou de vulnerabilidade. Por meio da participação em atividades de lazer ou esportivas, as pessoas da comunidade passaram a se conhecer mais, sentindo-se assim mais unidas. O engajamento nas lutas sociais é outra característica que se apresentou nas falas sobre a comunidade. Buscamos compreender as práticas de lazer em comunidades que vivem em pobreza multidimensional e afirmamos que, com a presença dos equipamentos de lazer, mais políticas públicas de suporte ao equipamento precisam ser propiciadas – tais como as que favoreçam o fortalecimento comunitário, com mais

acesso ao comércio e à segurança. Além disso, se mostram necessárias especificidades de políticas públicas de esporte e lazer, trazendo profissionais da área de esportes e atividade física para realizar iniciação esportiva para pessoas de diferentes idades e gêneros e, assim, garantir o acesso ao lazer para todos da comunidade. Nesse sentido, pensa-se na eficiência de uma política pública que promova a prática de atividade física e esportiva de qualidade e que traga outras políticas, de forma a haver uma discussão ampliada das Políticas Públicas de Esporte e Lazer a partir das impressões do impacto da Areninha em uma comunidade periférica.

Palavras Chave: sentido de comunidade; pobreza; lazer; esporte.

ABSTRACT

This work has as general objective to analyze the leisure habits in Areninha of the Conjunto Palmeiras neighborhood to strengthen the sense of community of the residents. The Sense of Community has been fundamental in studies and interventions of Community Psychology, as it presents characteristics of community bonds that can contribute to the struggle for community rights in search of well-being. Areninha is a public facility consisting of a synthetic turf soccer field and is surrounded by a children's playground and an outdoor gym. This type of equipment was initially built in neighborhoods in the city of Fortaleza that have a high rate of social vulnerability and a low Human Development Index. The present work had as a starting question how does this sports equipment affect the lives of the residents of its surroundings? This study had a qualitative methodology, carrying out three semi-structured interviews, one of them in pairs and therefore had the participation of four residents of the Conjunto Palmeiras neighborhood. Content analysis was carried out, from the categorical analysis in order to a thematic categorization centered on the dimensions of the categories poverty, Sense of Community and leisure habits. It was also possible to conceive inductive categories from the interviewees' statements. Data were organized using atlas.ti software and categories were listed in macrocategories or related to each other. Regarding the understanding of poverty, the facts of the subjects not having enough to eat, living in unsanitary conditions without basic sanitation or not having access to rights for not having a registration document at the registry office were evidenced as concrete aspects. The psychosocial aspects of fatalism in the face of the imposed situation, of conformist attitudes that can generate stigmatization and the shame of being in this condition were also perceptible. As for the Sense of Community, social participation stands out as a deeply related factor, since it is considered a protective factor for the community and/or vulnerability. Through participation in leisure or sports activities, people in the community got to know each other better, thus feeling more united. Engagement in social struggles is another characteristic that appeared in the speeches about the community. We seek to understand leisure practices in communities that live in multidimensional poverty and we affirm that, with the presence of leisure equipment, more public policies to support equipment need to be provided - such as those that favor community strengthening, with more access to commerce and to security. In addition, specificities of public policies for sport and leisure are necessary, bringing professionals in the area of sports and physical activity to carry out sports initiation for people of different ages and genders and, thus, guarantee access to leisure for everyone in

the community. In this sense, we think about the efficiency of a public policy that promotes the practice of quality physical and sports activity and that brings other policies, so that there is an expanded discussion of Public Policies for Sport and Leisure from the impressions of the impact of the Areninha in a peripheral community.

Key words: sense of community; poverty; leisure; sports.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 Geral:	14
2.1 Específicos:	14
3 MARCO TEÓRICO.....	15
4 MÉTODO – O CAMPO.....	21
4.1 Tipo de pesquisa	21
4.2 Local de realização da pesquisa	22
4.3 Participantes	24
4.4 Instrumentos de coleta de dados	25
4.5 Análise de dados	26
4.6 Aspectos éticos	27
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	28
5.1 Como a comunidade do Conjunto Palmeiras percebe a pobreza	28
5.2 Aspectos psicossociais da pobreza	34
5.3 Comunidade e Sentido de Comunidade em diálogo com a Areninha	37
5.4 A reivindicação para manter um campo de futebol culminou na construção da Areninha Sítio São João: fortalecimento de Sentido de Comunidade	42
5.5 Futebol, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil e a Areninha	46
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
7 CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	65
APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	66

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma análise da relação entre pobreza, Sentido de Comunidade e hábitos de lazer praticados no equipamento público da cidade de Fortaleza denominado Areninha, especificamente na Areninha Sítio São João. A partir das práticas e das formas de utilização, buscou-se compreender as relações com o fortalecimento do Sentido de Comunidade dos moradores do bairro Conjunto Palmeiras, onde está localizada esta Areninha. Para chegar até a escolha desta análise, apresento a compreensão da Psicologia Social do Esporte e minha atuação como psicóloga do esporte.

A Psicologia Social do Esporte no Brasil tem uma postura a partir da Psicologia Social Contemporânea e considera que a produção de conhecimento, seus sentidos e significados são construídos a partir da sua produção social (CARVALHO; EIPHANIO; VIANA-MEIRELES, 2019). O esporte é compreendido como um fenômeno social; desta forma, expressa valores da sociedade a partir de suas manifestações histórico-sociais e é atravessado por questões políticas e econômicas (RUBIO, 2003). O esporte em si não pode ser considerado uma prática boa pela saúde e sociabilidade ou má pelo confronto entre pessoas em busca de uma vitória. De fato, o esporte se mostra em conformidade com aquilo que os sujeitos fazem dele, ou seja, pode-se ter algumas concepções individualistas e competitivas em sua prática, mas também pode-se desenvolver atitudes mais solidárias e cooperativas no jogo cotidiano. Ademais, o fenômeno esportivo como um fenômeno social manifesta aspectos para além de atletas e de competições, compreendendo também o gerenciamento de seu entorno, mais especificamente buscar analisar como as instituições gerenciam o espetáculo esportivo bem como as decisões do Estado para fomentar práticas em atividade física e esportiva a partir de políticas públicas de esporte e lazer.

A escolha do tema partiu da minha atuação como psicóloga na Comissão de Arbitragem, a qual me permitiu compreender o cotidiano da gestão do futebol na Federação Cearense de Futebol (FCF). A FCF é uma entidade brasileira que comanda o futebol profissional do Estado do Ceará, subordinada à Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Um dos departamentos que compõe a FCF é a Comissão de Arbitragem, cuja função é coordenar e administrar o sistema de arbitragem no âmbito das competições organizadas, promovidas ou patrocinadas pela entidade. Com o surgimento das Areninhas, houve um aumento da quantidade de jogos para atuação dos árbitros. Ao aproximar-me dos jogos da Copa Areninha, vi que se tratava de jogos em comunidades periféricas da cidade. Com o olhar a partir da Psicologia

Social do Esporte, que está para além de uma atuação em busca do alcance de metas vinculadas ao rendimento de atletas e equipes esportivas, pretendendo uma análise crítica e transformadora das práticas esportivas garantindo a integridade dos sujeitos envolvidos (RUBIO; CAMILO, 2019), despertou-me um interesse em compreender como estes espaços públicos são percebidos e usufruídos pelos frequentadores do equipamento esportivo e pelos moradores do seu entorno.

O Projeto Areninha foi implementado pelo prefeito Roberto Cláudio em junho de 2014. É um espaço composto por campos de futebol os quais, em sua intenção inicial, foram construídos em bairros da cidade de Fortaleza que possuem alto índice de vulnerabilidade social e baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)¹. Em geral, este equipamento esportivo possui gramado sintético, bancos de reserva, arquibancadas, redes de proteção, alambrados, vestiários, iluminação, paisagismo, pavimentação, sala de administração e depósito para materiais esportivos. A construção de novas Areninhas também conta com parque infantil, academia ao ar livre, pavimentação e rampa de acesso para cadeirantes (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2018).

A proposta das Areninhas parte da política municipal de valorização e incentivo à prática esportiva, além de proporcionar um espaço de convivência. O presente trabalho busca compreender a importância de um equipamento esportivo e de lazer para pessoas que vivem em situações de extrema pobreza através do fortalecimento do Sentido de Comunidade. No início da pesquisa, havia 22 Areninhas na cidade de Fortaleza. Dessas, 13 unidades situavam-se em bairros de IDH muito baixos (ANUÁRIO DO CEARÁ, 2010). São estes, em ordem de menor para maior índice: Sítio São João Conjunto Palmeiras (IDH 0,107), Genibaú Campo do Servilha (IDH 0,139), Praia do Futuro II Caça e Pesca (IDH 0,168), Campo do Barroso (IDH 0,187), Granja Lisboa (IDH 0,195), Beira-Rio e Barra do Ceará (IDH 0,216), Campo do Pici CSU Cesar Cals (IDH 0,219), Pirambú (IDH 0,230), Planalto Ayrton Senna (IDH 0,233), Parque Dois Irmãos (IDH 0,251), Conjunto Esperança (IDH 0,288) e Praia do Futuro I Serviluz (IDH 0,291).

Para este estudo, foi escolhida a Areninha Sítio São João, localizada no bairro Conjunto Palmeiras, que possuía o menor IDH. Esta Areninha foi inaugurada em junho de 2016

1. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) busca avaliar o bem-estar de uma população comparando indicadores nos itens riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros. O índice varia de zero a um e é divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) em seu relatório anual (IPEA, 2008).

e, na época, era o sétimo equipamento esportivo inaugurado na cidade. O local era um antigo campo de várzea e recebeu gramado sintético com estrutura de vestiários, alambrados e arquibancadas, além dos equipamentos academia ao ar livre, parque infantil e quadra de areia. O investimento total foi de R\$ 1,1 milhão. Para a Prefeitura, essa proposta de política pública, urbanizando e requalificando campos de futebol de várzea em comunidades com alto índice de vulnerabilidade social e baixo IDH, pode promover um espaço seguro de lazer e de convivência, além da prática de atividade física (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2016). No entanto, a formulação das políticas públicas pode ser distante do que realmente ocorre na prática; por isso, esta investigação teve como pergunta de partida: como este equipamento esportivo afeta a vida dos moradores do seu entorno?

O presente trabalho foi realizado dentro da Linha de Pesquisa de Processos Psicossociais e Vulnerabilidades Sociais do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará uma vez que prioriza os aspectos relativos à investigação de um equipamento público que atende pessoas que vivem em bairros de alto índice de vulnerabilidade social e baixo IDH. Ainda, a ideia para a construção desta pesquisa surgiu a partir da inserção da pesquisadora junto ao seu orientador que, dentre seus projetos, tem uma pesquisa intitulada “Estudo transcultural sobre as dimensões psicossociais da pobreza Fase III: Desenho e Validação de uma escala de Sentido de Comunidade para a população Latino Americana”. O referido trabalho está sendo desenvolvido com grupos de pesquisa em Psicologia Comunitária pertencentes a cinco países da América Latina, sendo estes: Chile, México, Colômbia, Porto Rico e Brasil.

Fez-se presente neste estudo o intuito de aproximar-se das seguintes categorias: pobreza multidimensional, Sentido de Comunidade e discussões sobre as práticas de lazer com o papel das políticas públicas de esporte e lazer para a comunidade. Consideramos que se trata de uma discussão crítica sobre uma política pública de esporte e lazer em contextos de vulnerabilidades sociais. Partimos de um objetivo de compreender a relação de lazer na Areninha Sítio São João para o fortalecimento do Sentido de Comunidade dos moradores do bairro Conjunto Palmeiras, em Fortaleza. e seguimos buscando contribuir criticamente com intervenções psicossociais relacionadas às políticas públicas de esporte e lazer em contextos comunitários. A política pública da Areninha mostrou-se ao longo desses anos em franco crescimento com a abertura de novos equipamentos esportivos, trazendo à tona aspectos positivos, mas também pontos que precisam ser cuidados, vislumbrados. Este estudo traz um

posicionamento que é preciso que, além da implantação de um equipamento esportivo, tenham políticas públicas que promovam mais vínculos comunitários, segurança para a comunidade e gerenciamento das práticas de esporte e lazer por profissionais da área das atividades físicas e esportes, como profissionais de educação física e psicólogos sociais, comunitários e da área de esporte e lazer.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender a relação de lazer na Areninha Sítio São João para o fortalecimento do Sentido de Comunidade dos moradores do bairro Conjunto Palmeiras, em Fortaleza.

2.2 Objetivos Específicos

- Descrever como os moradores do bairro Conjunto Palmeiras concebem a pobreza na sua região;
- Compreender os sentidos de comunidade desenvolvidos pela população do bairro Conjunto Palmeiras;
- Relacionar as práticas lazer na utilização da Areninha com o Sentido de Comunidade dos moradores do Conjunto Palmeiras.

3 MARCO TEÓRICO

Foi considerada uma aproximação de diferentes perspectivas teóricas para avançar nesta pesquisa. De início apresentamos aprofundar-se com perspectiva da pobreza. A pobreza define-se como a privação de um conjunto de necessidades básicas. Com a organização das civilizações, novas formas de subsistência foram se consolidando nas sociedades europeias a partir do século XIII, valorizando a comercialização e a troca de mercadorias. Nessas trocas, houve acumulação de bens para alguns, assim como escassez para outros, estando o pobre sempre presente na história da humanidade e seu papel social sendo reconstruído frente às mudanças da sociedade (GUIMARÃES, 2015). Nessa esteira, entende-se a pobreza monetária a partir da civilização pós-industrial com o impacto nas relações de trabalho explorando a classe trabalhadora e a estrutura de organização e do poder do capitalismo, o qual tem promovido pouca distribuição de recursos e mais acúmulo destes nas mãos de poucos. Após as duas Grandes Guerras no século XX, houve uma relação entre aumento de índices de pobreza e crescimento econômico no Terceiro Mundo, o que tem proporcionado mais precarização das condições de vida para alguns grupos sociais, reverberando sob o formato de sociedades desiguais até a atualidade (SILVA, 2010).

De acordo com Sen (2010), autor ganhador do prêmio Nobel de economia em 1998, a pobreza necessita ser analisada por uma perspectiva mais abrangente e contextualizada. A pobreza é compreendida como uma privação de necessidades básicas, como: garantia ou privação de direitos; igualdade de gênero; acesso a serviços de saúde; acesso à educação; políticas de geração de emprego e renda; segurança; liberdade civil e liberdade política; liberdade básica de sobrevivência e acesso ao esporte e ao lazer – aspecto este que nos interessa de maneira mais específica para esta pesquisa. Desta forma, é preciso compreender as questões históricas, políticas, ideológicas e psicológicas de como pessoas e grupos vivenciam a pobreza (MOURA JR.; CIDADE; XIMENES; SARRIERA, 2014).

Para contextualizar, no Brasil, o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019) mostrou que a partir de 2015 aproximadamente um milhão de pessoas entraram na faixa de pobreza. No Ceará, no período entre 2012 e 2018, houve um aumento de concentração de renda e aponta-se que 40% da população está abaixo da linha de pobreza. Isso porque a população cearense com maior concentração de renda aumentou 10% dos seus rendimentos e estes ganham até 15 vezes mais que do que os 40% com menores rendimentos.

Ainda que parta de uma perspectiva monetária, esses dados demonstram a grande desigualdade social existente no Ceará.

Em se tratando de Políticas Públicas no Brasil, é importante apontar que a desigualdade social está impregnada nas estruturas sociais. Além de afirmar que parte da população brasileira é pobre, totalizando 13,5 milhões de brasileiros em extrema pobreza (EL PAÍS, 2019), tem-se ainda como consequência uma má distribuição das riquezas comparadas à capacidade produtiva do país, de modo que um décimo da população tem a concentração de 43,1% do rendimento mensal domiciliar (IBGE, 2019), herança colonial que ainda atravessa nossas estruturas políticas. Ainda que haja desigualdade, as políticas públicas têm como objetivo buscar garantir uma equidade histórica, ou uma “segunda igualdade proporcionada pela lei” (NOGUEIRA, 2011, p. 105).

Para situar o território pesquisado na cidade de Fortaleza, Ceará, tem-se como início do bairro Conjunto Palmeiras a partir do crescimento populacional da capital por volta das décadas de 1950 e 1960, a partir da grande migração dos sertanejos fugindo da seca rumo à capital. O aumento de pessoas sem moradia no centro da capital gerou demandas urgentes de intervenções urbanas (PEDROSA, 2012).

Nesse contexto, vale ressaltar que, ao focalizar a pobreza apenas na perspectiva de uma insuficiência monetária, são desprezados outros fatores que são constituintes do bem-estar do indivíduo, como a história dos sujeitos e suas comunidades, suas culturas e suas liberdades pessoais. Por isso, para realizar um processo de promoção de mudanças na vida de pessoas pobres, é necessário adotar perspectivas multidimensionais da pobreza, sendo imprescindível compreender suas dimensões psicossociais e buscar uma abordagem de visão humanista, reconhecendo a multiplicidade e a complexidade humanas (BARBOSA, 2020). Compreender a pobreza a partir de uma perspectiva multidimensional possibilita acessar outras carências e, assim, promover a inserção de novos elementos para uma leitura ampliada desse fenômeno (MOURA JR. et al, 2014).

Os sujeitos pobres são, muitas vezes, perpassados por uma rede ideológica de opressão, causando atitudes conformistas de sua situação. Dessa forma, é importante também aprofundar-se nas questões psicossociais das pessoas em situação de pobreza, compreendendo possíveis processos de estigmatização de sua condição como pessoa pobre (CIDADE; MOURA JR; XIMENES, 2012). A sociedade cria estigmas da pobreza, cristalizando suas

características e impedindo que haja mudanças em suas condições. Seguindo o processo de discriminação a partir de estigmas, pode haver sentimentos de vergonha e inferioridade, potencializando a culpabilização desses indivíduos (MOURA JR; XIMENES, 2016).

Devemos considerar também que a comunidade é expressão de diversas formas de organização e convivência humana, em uma relação de espaço e tempo. Neste estudo, partimos do conceito de comunidade com o desvelar da sociedade culminada após a Revolução Industrial, considerando as transformações ocorridas da passagem do rural ao urbano (ACOSTA; RIVERA, 2014), e, com isso, prevalecendo a organização de comunidades nas cidades. Para a Psicologia Comunitária, a comunidade precisa ser compreendida a partir de suas mudanças nos contextos e nas relações, tendo o objetivo de promover intervenções com vista à melhoria da qualidade de vida das pessoas (MARANTE, 2010). Para tal intervenção, é preciso reconhecer a comunidade como um lugar social e existencial, pois é na comunidade onde se constituem modos de vida de sujeitos em convivência (MOURA JR, 2015). A comunidade é, portanto, um lugar territorial em que é possível ser um espaço de convivência; a partir dessas relações, as pessoas compartilham histórias de vida, valores e identidade de lugar e agregam maior sentimento de pertencimento (XIMENES; SILVA; ESMERALDO FILHO; CÂMARA; CLARINDO, 2019).

Com o compromisso também de investigar e denunciar práticas imbricadas em uma ideologia dominante, é necessário atentar-se às diversas dimensões que fragilizam ou potencializam os sujeitos na sua relação dialética com o espaço, lugar, território ou ambiente onde convivem (FEITOSA; SOUSA; PAZ; BARRETO; BONFIM, 2018). Os autores apontam para a participação dos sujeitos com sua construção de lar, o que tende a promover identificações alicerçadas na relação com os territórios. Por isso, é preciso compreender o que os sujeitos fazem do lugar, ainda que em uma espacialidade de vulnerabilidades. Entende-se que a relação com o meio pode tanto fragilizar os sujeitos quanto pode ser caminho para encontrar meios resilientes de adaptação no enfrentamento cotidiano às situações de perigo real e risco eminente.

Portanto, é necessário compreender os processos que acontecem nas relações comunitárias. Nos últimos anos, autores vêm destacando a importância dos estudos em Sentido de Comunidade pela Psicologia (LONG; PERKINS, 2003; LOOMIS; WRIGHT, 2018). O conceito foi proposto por Seymour Sarason em 1974 e é definido pelo autor como “o sentimento

de que somos parte de uma rede de relacionamentos de suporte mútuo, sempre disponível e da qual podemos depender” (SARASON, 1974 apud NEPOMUCENO; BARBOSA; XIMENES; CARDOSO, 2017, p. 1).

Amaro (2007) destaca na definição de Sentido de Comunidade o reconhecimento de uma interdependência entre as pessoas, como uma similaridade com a comunidade, de maneira que há vontade para que se mantenha essa estrutura da qual todos podem depender. Para Ximenes et al (2019), é possível explicar os laços entre as pessoas por meio do conceito de Sentido de Comunidade e, através destes estudos, contribuir na prevenção de sentimentos negativos como a solidão. Dessa forma, Sentido de Comunidade torna-se central na Psicologia Comunitária na medida em que é um fenômeno complexo que possui elementos como valores, influências externas, história do lugar e formas como se dão as relações grupais. Por isso, é fundamental para medição e construção de vínculos na comunidade (XIMENES et al, 2019).

Os quatros componentes do construto Sentido de Comunidade de McMillan e Chavis (1986) se interseccionam em uma espécie de ciclo de auto reforço de explicação e aprofundamento de sentido, em um processo de progressiva renovação (MARANTE, 2010). A teoria dos autores propõe que o conceito de Sentido de Comunidade é multifatorial, sendo constituído por quatro fatores: filiação ou pertença, (*membership*), influência (*influence*), integração e satisfação das necessidades (*integration and fulfillment of needs*) e ligação emocional compartilhada (*shared emotional connection*) (MCMILLAN; CHAVIS, 1986). Ademais, a autora Barbosa (2020) considera relevante entender o Sentido de Comunidade relacionado às dimensões das pobreza, em uma perspectiva multidimensional.

Partimos inicialmente da compreensão que entre as categorias Sentido de Comunidade e pobreza multidimensional existe uma relação que ora se apresenta de forma positiva, à medida que situações de Pobreza Multidimensional podem aumentar o Sentido de Comunidade. Outrora, acontece a relação inversa onde situações de pobreza diminuem o Sentido de Comunidade (BARBOSA, 2020, p. 23).

Tratando do sentimento de pertença, por exemplo, este pode apresentar uma possibilidade de resistência comunitária. Pelo sentido de pertença, é possível que haja consciência de que, mesmo considerando as singularidades das pessoas, há questões sociais, culturais, históricas e econômicas compartilhadas por todas e todos os membros da comunidade; daí se torna compreensível a defesa da comunidade de que se faz parte. Nesse sentido, a dinâmica das relações comunitárias pode ser fator protetivo no enfrentamento de

vulnerabilidades sociais (BARBOSA, 2020). Por outro lado, pessoas em pobreza extrema podem ter relações negativas, como sentimentos de vergonha e humilhação, e por isso uma gradativa desvinculação dos espaços sociais da comunidade e conseqüente diminuição no Sentido de Comunidade. Como consequência, pode provocar sentimentos de fatalismo e de comodidade das pessoas frente a tal situação. Assim, concebe-se o Sentido de Comunidade como uma categoria psicossocial da pobreza (MOURA JR et al, 2020), e coloca-se aqui como interesse saber quais sentidos as pessoas em comunidade do bairro Conjunto Palmeiras apresentaram nesta investigação a partir da sua relação com a Areninha São João.

De acordo com Barreto, Silva, Ximenes e Bonfim (2017), para compreender as relações entre pessoa e ambiente, é preciso resgatar as categorias analíticas de ambiente: espaço, lugar, território e ambiente. Por espaço, entende-se a distância entre dois pontos, ele pode ser finito ou infinito. Lugar, por sua vez, caracteriza-se como o espaço que possui sentido para alguém, um espaço com significado. A noção de poder dada ao espaço chama-se território e, assim, a apropriação do espaço se dá por meio das relações de trabalho e de poder que o determinam. Por fim, ambiente se constitui em um conceito multidimensional, pois é indissociável das condições geográficas, econômicas, políticas, culturais e psicológicas de um contexto específico (BARRETO et al, 2017).

Barbosa (2020) aponta que uma comunidade emerge a partir da mediação de um território pela vida das pessoas e de suas famílias, ou seja, a comunidade tem vida própria a partir de seus modos de vida, contradições, problemáticas, resistências e pluralidades, inseridos em um espaço social, físico, psicológico e cultural. Dessa forma, a comunidade dialoga com algumas relações territoriais de município e de sociedade, mas se diferencia por ter identidade própria (BARBOSA, 2020).

É importante também pontuar que as pessoas em situação de pobreza e de rua utilizam estratégias criativas para repensar possibilidades de existência frente a esse panorama de reconhecimento depreciativo (MOURA JR.; XIMENES; SARRIERA, 2013). Pode-se ainda agregar o lazer como uma compreensão inserida na perspectiva de pobreza multidimensional, o qual contribui para a potencialização dos sujeitos. Pensar em estratégias de expansão da liberdade na condição de vida das pessoas perpassa pela elaboração de medidas avaliativas para a promoção de políticas públicas, na busca por compreender que há indivíduos e grupos que necessitam de ações específicas tendo em vista estarem em situação de maior adversidade. A

partir destas medidas, busca-se estabelecer estratégias processuais e multidimensionais, otimizando o que a pessoa pode ser em diferentes dimensões de sua vida em prol de seu bem-estar.

4 MÉTODO – O CAMPO

4.1 Tipo de pesquisa

O delineamento do estudo foi uma pesquisa social exploratória que contou com pesquisa qualitativa a fim de que fosse possível compreender a relação de lazer na Areninha Sítio São João contribuindo com o fortalecimento do Sentido de Comunidade dos moradores do bairro Conjunto Palmeiras. Tratou-se de uma pesquisa social porque parte de uma inquietação relacionada à importância de um equipamento esportivo em um local de vulnerabilidade social e, por isso, a uma questão social da pobreza impulsionando e tensionando identificar questões da realidade e a se posicionar diante do problema de estudo. Para fins dessa definição, compreendemos que a pesquisa social busca contribuir para denunciar possíveis situações de opressão, dialogando com a própria população, bem como lideranças comunitárias, Poder Legislativo e Judiciário (XIMENES; CIDADE; SILVA, 2016).

Destacamos ainda que pesquisar em contextos de pobreza e suas vulnerabilidades exige aprofundar-se nas múltiplas dimensões destes ambientes a fim de estabelecer análises mais complexas da realidade de pobreza. Ainda, a pesquisa social tem possibilidades de desdobramentos acadêmico, social e político: acadêmico por meio de publicações científicas e palestras sobre o tema; social no que toca o aperfeiçoamento de políticas públicas, que no caso pode contribuir para as políticas públicas de esporte e lazer; e como um desdobramento político na aproximação entre as instâncias de formulação e implementação de políticas públicas e a Universidade (XIMENES et al, 2016).

Esta pesquisa também foi atravessada por uma complexidade mundial, ocasionada pela pandemia do novo coronavírus. Na noite de 15 de março de 2020, a Secretaria de Saúde do Ceará confirmou os três primeiros casos da doença no estado. Naquela mesma data já havia 200 casos confirmados da doença no país. No dia seguinte (16/03/2020), o governo estadual publicou o Decreto Nº 33.510, declarando emergência em saúde com o propósito de iniciar medidas de enfrentamento ao novo coronavírus. Nas semanas seguintes foram adotadas medidas de distanciamento social e, posteriormente, de *lockdown*, as quais implicaram a interrupção de diversas atividades econômicas. Medidas de isolamento social similares às aplicadas no Ceará também foram adotadas em outros estados com o intuito de conter a disseminação desenfreada do vírus e impedir o colapso do sistema de saúde nacional (SILVA; ARAÚJO, 2021).

Desta forma, a coleta de dados da pesquisa através de entrevista teve dois momentos. O primeiro deu-se após a primeira onda, com a realização de duas entrevistas no fim de 2020 e início de 2021. Porém, logo em seguida houve o segundo momento de isolamento social, impactando no calendário das coletas e a terceira entrevista foi realizada somente em maio de 2021.

4.2 Local de realização da pesquisa

A escolha da Areninha Sítio São João, situada no bairro Conjunto Palmeiras da cidade de Fortaleza, se deu a princípio por uma questão objetiva, numeral: trata-se da Areninha que se situa no bairro de índice IDH mais baixo da capital (ANUÁRIO DO CEARÁ, 2010). Tal fato aproxima-se da proposta inicial da política pública de construir estes equipamentos esportivos em locais de alta vulnerabilidade social.

Vulnerabilidade é um termo multifacetado e complexo. Quando utilizado na área da saúde pública, é compreendido como desastre, um perigo que acontece e que traz danos à saúde de pessoas. Já quando utilizado no campo da assistência social, é compreendido como situações de escassez de acesso a políticas públicas de saneamento e habitação e de precariedade de acesso à trabalho, por exemplo. Isso se soma à perspectiva de enfrentamento da pobreza frente a calamidades, intempéries, desastres ambientais à fragilização de vínculos afetivos por discriminação devido a questões de raça, cor, gênero ou deficiência (BARRETO et al, 2017).

Ao aproximar-me de uma imersão histórica, política e social, apresento alguns fatos constituintes da luta social do bairro, o que fortaleceu a escolha por buscar investigar o Sentido de Comunidade dessa população em sua relação com a Areninha. Apresento algumas perspectivas histórica e sociais do bairro Conjunto Palmeiras para buscar compreender a atualidade das implicações sociais dessa comunidade na sua relação com um equipamento esportivo implementado pela Prefeitura de Fortaleza.

De acordo com Rabelo (2017), o bairro Conjunto Palmeiras foi criado em 1974 por meio de um programa de desfavelamento da cidade de Fortaleza, em que a Fundação de Serviço Social de Fortaleza foi responsável pela transferência de várias famílias que viviam em regiões centrais da cidade para uma nova região, periférica. A proposta do programa seria “um conjunto habitacional para o abrigo de favelados” (RABELO, 2017, p.17), maneira como essas pessoas eram caracterizadas tanto na gestão do programa governamental como na imprensa.

Assim, os favelados foram removidos do centro da cidade e relocados para uma localidade mais distante e sem muitos direitos. Algumas pessoas tomaram a frente, identificados como líderes comunitários ligados à Teologia da Libertação, e criaram a Associação dos Moradores do Conjunto Palmeiras (Asmoconp). A partir dessa organização comunitária, a década de 1980 foi marcada por lutas e conquistas no bairro. Os indivíduos que estavam organizados em busca de seus direitos “eram vistos como agentes de transformação” (PEDROSA, 2012, p. 48) e conseguiram ter maior frota de transporte coletivo circulando em seu bairro, além de estabelecer água encanada e fornecimento de energia elétrica. O processo de formação do bairro, somado à reivindicação da população, pode ser analisado também como uma expressão coletiva, como aponta Barbosa:

Parte da possibilidade de construir em/com/junto à comunidade estratégias de intervenção que dialogam intimamente com as necessidades desta, desde o reconhecimento partilhado do que são estas necessidades, inclusive dos significados e sentidos dados à comunidade, até as possibilidades de intervenção conjuntas. (BARBOSA, 2020, p. 38)

Um momento ápice da história de luta social do bairro é o ano de 1998, ano de criação do Banco Palmas, o primeiro banco comunitário do Brasil. Após as conquistas sociais e seu processo de urbanização, morar no bairro passou a ser mais custoso para parte da população, pois passaram a pagar Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU), conta de luz, água e telefone.

Ironicamente, o sucesso das lutas sociais e a melhoria da qualidade de vida levaram à expulsão dos próprios moradores responsáveis pelas transformações. Incapazes de sustentar os lares, os habitantes mais velhos mudavam-se para comunidades distantes e mais precárias (PEDROSA, 2012, p. 84).

A Asmoconp, então, passou a perceber que a comunidade precisaria ter geração de renda para poder se sustentar. Em 1997, após realizar 45 reuniões com produtores, comerciantes, sócios de entidades e moradores em geral, a associação compreendeu que, além da renda, a comunidade precisava ter uma forma de organização para consumir e para isso seria necessário estimular a produção e o consumo local (PEDROSA, 2012). Buscaram, assim, linhas de financiamento de microcréditos e cartões de crédito para consumo em empreendimentos locais. No entanto, a comunidade precisaria vestir a camisa da proposta:

O funcionamento do projeto inteiro dependia do senso de comunidade, da união entre os moradores e do sentimento de identidade típico do Conjunto Palmeiras. Era preciso tornar as pessoas que buscassem auxílio junto ao banco cientes de que o projeto não era voltado para indivíduos, mas para a melhoria do bairro como um todo. Dessa

forma, o senso de responsabilidade com as dívidas bancárias era somado ao próprio senso de dever com a comunidade. (PEDROSA, 2012, p. 86 e 87)

O projeto de distribuição de renda e economia solidária recebeu o nome de Banco Palmas. No dia da sua inauguração, estiveram presentes representantes do governo, líderes políticos, assistentes sociais, imprensa e moradores do bairro. As linhas de crédito foram gradativamente aumentando e o Banco Palmas passou a ter visibilidade internacional.

O Banco Palmas se mostrou um momento ápice da história de lutas da comunidade do Conjunto Palmeiras, desde a sua constituição. Sobre a importância do estudo em compreender a história do bairro, Rabelo (2017, p. 20) aponta que:

é uma forma de levar à sociedade o modo como devemos combater as injustiças cometidas às populações, sobretudo, as mais vulneráveis, que sofrem pelo esquecimento e o descaso dos governos com a falta de políticas públicas ou simplesmente a existência de políticas incoerentes com as reais necessidades dessas pessoas.

Sabe-se que a participação da comunidade nos movimentos sociais pode contribuir criativamente para as políticas públicas, reforçando o caráter democrático na sociedade. Porém, como se dá a representação de atores e atrizes sociais em tais espaços ainda é uma dúvida em diversas comunidades brasileiras (VIEIRA; MAYORGA, 2019).

4.3 Participantes

De acordo com Anuário de Fortaleza (2010), o bairro Conjunto Palmeiras possui 36.599 residentes e 9.113 domicílios particulares permanentes. Os participantes dessa pesquisa foram quatro adultos com idade a partir de 18 que residem no bairro há pelo menos quatro anos, já que a Areninha foi inaugurada em junho de 2016 (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2016). O contato com os mesmos se deu por meio da inserção comunitária participando das atividades ao redor da Areninha e visitando a sede do Banco Palmas e suas atividades por ali proporcionadas. Das atividades de aproximação com a comunidade deu-se acompanhar alguns jogos de futebol ocorridos na Areninha, acompanhar as pessoas que assistiam as partidas de futebol transmitidas pela televisão do comércio de comida local próximo ao equipamento esportivo e acompanhar as festas de fim de ano promovidas pelo Banco Palmas. Vale ressaltar que estas aproximações ocorreram em períodos de não isolamento social, e seguindo as recomendações de distanciamento social, não aglomeração e uso de máscaras.

Com a aproximação das atividades da comunidade fui me fazendo reconhecida no bairro e anunciando meu interesse pela pesquisa. Assim, algumas pessoas se colocaram interessadas em participar. Os critérios de participação da pesquisa foram: aceitar participar da entrevista, ter idade mínima de 18 anos e viver no bairro por no mínimo quatro anos. Os participantes também foram escolhidos por amostra de representatividade, que busca explorar e compreender um assunto a partir de diversos pontos de vista de outros grupos, para apresentar de forma ampla perspectivas singulares de grupos inseridos em contextos específicos (FRASER; GONDIM, 2004). Foram realizadas três entrevistas, sendo a última entrevista com dois participantes. O total se mostrou importante para o presente estudo uma vez que não há uma regra absoluta simples que determine o número apropriado de praticantes e devemos nos atentar a um tamanho da amostra qualitativa que busque ser representativa de uma comunidade específica (BREAKWELL, 2010).

Resguardando sua identidade pessoal, com nomes fictícios, apresento elementos importantes das trajetórias desses participantes, os quais justificam sua representatividade e lugar de fala para contribuição da pesquisa. A primeira entrevistada foi Maria, escolhida por ser uma referência de líder comunitária no bairro. O segundo entrevistado foi Jorge, escolhido por ser responsável por abrir a Areninha Sítio São João e fazer reparos de manutenção. Esta responsabilidade é dada em caráter de votação pelos moradores do bairro. A terceira entrevista foi realizada simultaneamente com Ana e João, que residem no entorno da Areninha Sítio São João e têm um comércio com venda de espetinhos e bebidas.

As entrevistas ocorreram entre os meses de dezembro de 2020 a maio de 2021, foram gravadas e tiveram uma média de vinte minutos cada. É preciso pontuar que esta pesquisa foi realizada buscando contornar dificuldades e desafios advindos da pandemia do vírus Sars-Cov-2 no cenário brasileiro nos anos de 2020 e 2021. No Estado do Ceará, houve dois períodos de isolamento social rígido, fechando atividades econômicas, bem como atividades esportivas e de lazer (CEARÁ, 2020).

4.4 Instrumentos de coleta de dados

As idas para a coleta dos dados foram registradas em diários de campo. Estes foram autorregistros da pesquisadora para descrever aspectos vividos nos diversos momentos da coleta em campo. Os diários de campo são métodos antigos em pesquisa utilizados por psicólogos. Os diários fornecem informações inseridas em uma estrutura temporal, ainda que o período pelo

qual um diário é mantido possa variar conforme a periodicidade das anotações, indo de reflexões de poucas horas a considerações de vários meses ou anos. Os diários são frequentemente utilizados com fins de descrever processos com honestidade e autorrevelação e podem promover mudança de intervenção no processo da pesquisa (BREAKWELL, 2010).

Para a compreensão do impacto da Areninha Sítio São João para os moradores da região, foi realizada uma entrevista semiestruturada com perguntas abertas fundamentadas no marco teórico das aproximações teóricas debruçadas na pesquisa. A entrevista buscou inicialmente explorar uma percepção de pobreza, em seguida como os moradores compreendiam a comunidade e por fim uma apreensão dos sentidos e experiências cotidianas relacionadas a relação do entrevistado com o equipamento esportivo. O roteiro de entrevista está no Apêndice deste trabalho. Também é importante pontuar a flexibilização na elaboração deste roteiro, a fim, de permitir dinamicidade às perguntas a partir do discurso das entrevistadas (BREAKWELL, 2010).

Ainda, vale apontar que a ideia para a construção desta pesquisa surge a partir da inserção da pesquisadora junto ao seu orientador que, dentre seus projetos, tem uma pesquisa intitulada: “Estudo transcultural sobre as dimensões psicossociais da pobreza Fase III: Desenho e Validação de uma escala de Sentido de Comunidade para a população Latino Americana”, a qual está sendo desenvolvida com grupos de pesquisa em Psicologia Comunitária pertencentes a cinco países da América Latina, sendo estes: Chile, México, Colômbia, Porto Rico e Brasil.

4.5 Análise de dados

De acordo com Sampieri (2013), no processo essencial de uma análise, os dados não estão ainda estruturados e nós damos estrutura a eles. Os procedimentos para a coleta de dados foram as entrevistas semiestruturadas, em uma imersão comunitária e com tempo médio de entrevista de 20 minutos. A análise proposta oriunda das entrevistas tem o referencial teórico da análise de conteúdo, a qual tem como finalidade interpretar dados de indicadores qualitativos e quantitativos (BARDIN, 2010).

Nesta pesquisa utilizou-se especificamente a técnica da análise categorial. Com esta análise, possibilita-se uma categorização temática, a qual centrou-se nas dimensões das categorias pobreza, Sentido de Comunidade e práticas de lazer, exploradas nas entrevistas. Também foi possível conceber categorias indutivas a partir das falas dos entrevistados, que

foram os aspectos psicossociais da pobreza, as relações de gênero na prática do futebol e os atravessamentos da violência na comunidade. Os dados foram organizados por meio do *software Atlas.ti* e as categorias foram relacionadas em macrocategorias ou relacionadas entre si.

4.6 Aspectos éticos

Os participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido, seus nomes estão em sigilo e a pesquisa passou pelo comitê de ética da Universidade Federal do Ceará, como indica a Resolução CNS 466/12, parecer número 5.557.282. Como apresenta Sampieri (2013), a pesquisa seguiu na indagação qualitativa, em que a pesquisadora deve estar sensível e aberta no processo da entrevista e respeitando os participantes.

Espera-se realizar um processo de devolutiva aos participantes em uma roda de conversa na Areninha Sítio São João. Nessa roda, esperamos apresentar as temáticas pesquisadas e os resultados, além de escutar a comunidade quanto ao que pensam sobre o assunto. O processo de devolutiva segue a perspectiva do compromisso ético e social da pesquisa científica, partilhando saberes entre pesquisadores e participantes da pesquisa, indo além do ato de colher dados e possibilitando o olhar crítico, o exercício da cidadania e a corresponsabilização pelo desenvolvimento e pela transformação da realidade social.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Como a comunidade do Conjunto Palmeiras percebe a pobreza

Os anos passam sem parar
 E não vemos uma solução
 Só vemos promessa de um futuro
 Que não passam de ilusão
 E a esperança do povo vem da humildade de seus corações
 Que jogam suas vidas
 Seus destinos
 Nas garras de famintos leões
 (Deixa o menino Jogar – Alexandre Carlo)

A pobreza considerada a partir da perspectiva monetária é caracterizada por uma perspectiva unidimensional. No entanto, de acordo com Sen (2010), ganhador do prêmio Nobel de Economia em 1998, a pobreza necessita ser analisada por uma perspectiva mais abrangente e contextualizada. Para tal, Sen (2010) denominou como Abordagem das Capacitações uma perspectiva que preza por liberdades instrumentais cruciais como oportunidades econômicas, liberdades políticas, facilidades sociais, garantias de transparência e segurança protetora. Assim, estabelecer a deficiência de renda como indicador de pobreza seria uma perspectiva limitada para sua compreensão enquanto um fenômeno histórico e psicossocial. É necessário analisar as condições de sujeitos e grupos a partir de categorias multidimensionais, a saber: garantia ou privação de direitos, ter igualdade de gênero, ter acesso a serviços de saúde, ter acesso à educação, estar em políticas de geração de emprego e renda, ter segurança, ter liberdade civil e liberdade política, ter liberdade básica de sobrevivência e, o que queremos compreender especificamente nesta pesquisa, ter acesso ao esporte e ao lazer. Desta forma, é preciso compreender as questões históricas, políticas, ideológicas e psicológicas de como a pobreza é constituída (MOURA JR. et al, 2014).

Ao tratarmos da temática pobreza, é necessário elucidar seus aspectos específicos; por exemplo, se a referência e a medida mais utilizadas na literatura do Brasil dá-se por definições unidimensionais, em que o pobre é aquele cujas posses estão abaixo das chamadas linhas de indigência, ou se são compreendidas perspectivas multidimensionais, enfatizando aspectos como direitos fundamentais, capacitações e necessidades humanas. Sair de uma

perspectiva unidimensional para uma perspectiva multidimensional é compreender o fenômeno de maneira mais complexa, assim como aproximar-se de uma maneira mais completa para potencializar as políticas públicas cuja finalidade é combater a pobreza (BAGOLIN; ÁVILA; COMIM, 2012).

É importante ressaltar que esta pesquisa deu-se em um período em que o mundo sofreu com a pandemia do novo coronavírus, a qual exigiu medidas de isolamento social, implicando em restrições econômicas. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Covid-19, realizada pelo IBGE para estimar os impactos da Pandemia de COVID-19 em relação à situação social e econômica, houve um aumento da taxa de desocupação e uma redução de renda do trabalho em comparação com os anos de 2019 e 2020. O Governo Federal concedeu o Auxílio Emergencial, programa de transferência de renda proposto na Lei 13.982/20, para trabalhadores informais, beneficiários do Programa Bolsa-Família, microempreendedores individuais e desempregados. Ainda assim, trabalhadores de todo o país sofreram com as necessárias medidas restritivas. Com o aumento de novos casos e de óbitos em 2021, prospecta-se forte aumento de pessoas em situação de pobreza e pobreza extrema (SILVA; ARAÚJO, 2021).

Vale apontar ainda que uma estratégia para medir a pobreza é o instrumento Índice de Pobreza Multidimensional (IPM), que foi desenvolvido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). Este instrumento apresenta possibilidades de mensurar padrões de vida das pessoas pobres envolvendo os aspectos renda, habitação, escolaridade e saúde (MOURA Jr. et al, 2014). Ainda que a pobreza seja um fenômeno complexo de difícil delimitação e mensuração, quando são utilizadas vertentes mais críticas e multidimensionais diminui-se a dificuldade de identificação da pobreza em sua complexidade de forma parcial, apontando formas de mensuração para além das estratégias de mensuração unidimensionais e monetárias (MOURA JR; SARRIERA, 2017).

Como vantagens para o IPM, o índice abarca privações específicas das pessoas e suas famílias, além de ser uma escala que possui consenso internacional por ser elaborada a partir de experiências em comunidades pobres em diversos locais e expandir-se em mais dez indicadores de saúde, educação e padrão de vida, quais sejam: ativos, pavimento, eletricidade, água, sanitários, combustível da cozinha, crianças matriculadas na escola, anos de escolaridade, mortalidade infantil e nutrição. Como desvantagens, o IPM não verifica de forma detalhada o desenvolvimento dos anos de estudo de cada pessoa, não aprofunda questões relacionadas ao

trabalho e à renda do indivíduo e da sua família e não possui parâmetros de investigação dos aspectos psicológicos da pobreza (MOURA JR., 2015).

Posto esse contexto, lembramos que, a partir da descrição da política pública das Areninhas (segundo a qual estas seriam construídas em bairros de Índice de Desenvolvimento Humano baixo, em áreas de vulnerabilidade social de Fortaleza), buscamos compreender como é a descrição da pobreza para os moradores a partir de suas falas, já que a área que está localizada a Areninha Sítio São João é a região com IDH mais baixo na capital cearense. Apresentamos a seguir algumas descrições de moradores:

Pobreza aqui é muita gente mesmo aí passando fome, né, passando necessidade. Principalmente agora com essa pandemia, né? Pessoal tudo desempregado, dependendo dessa mixaria que o governo dá. Muita gente mesmo passando fome. É uma vilazinha ali que o pessoal fica tudo pedindo. Aí as pessoas têm bom coração ajuda, dar, faz uma cesta básica, bem nós mesmo quando... tem o grupo do terço dos homens, né? Se reúnem, faz cesta básica, e sai dando pras essas comunidades com mais necessidades, as pessoas mais carentes. (Trecho de entrevista com Ana e João)

A pobreza atrelada a falta de dinheiro de não ter nem a possibilidade de comprar comida. E, logo também apresenta-se gestos de solidariedade, que grupos de pessoas buscam satisfação das necessidades daqueles de quem não tem o que comer. Percebe-se também que as pessoas estão ficando mais pobres porque diminuíram a quantidade de refeições que faziam no dia, como é dito na fala de Maria:

As pessoas antes faziam mais refeições, né, tipo cinco ou seis refeições. Toda hora você via o povo comendo na calçada, era uma bruaca, era uma pipoca, era tapioca. Hoje você não vê mais isso, porque a gente tem as gogoseiras, que costumam fazer gogó no final da tarde, cinco e meia né, e aí pega até meia-noite. Então você vê essas mulheres fazendo tudo o que a garrafa empalhada, elas fazem isso aqui da garrafa empalhada da cachaça. Então você vê elas no final da tarde pra noite e era sempre alguém com uma garrafa de café, era uma comida, era uma coisa, janta na calçada. As pessoas tem uma cultura de jantar na calçada, hoje você não ver mais isso. Hoje não tem mais isso, né? Parece que, meio que as pessoas estão comendo mais dentro de casa, ou não ter tanto acesso a alimentação. A alimentação muito cara, e tão comendo menos. Menos tempo, né? Por exemplo, se de manhã comia aí antes do almoço merendava, almoçava, merendava e jantava, e antes de dormir comia outra coisa. Não tem mais isso. Basicamente é café da manhã, almoço e jantar, e uma merenda. (Trecho de entrevista com Maria).

As impressões dos entrevistados é que a pobreza é monetária a ponto de não ter dinheiro nem para comer. Sobre a trajetória da fome no Brasil, Vasconcelos (2004) relembra que na década de 1990 vivemos no país a redescoberta da fome. Entre as possíveis estratégias utilizadas para superá-la, surgiram alguns movimentos que propagavam um apelo à solidariedade, à parceria entre as pessoas e à desigualdade das ações. Ações estas foram

propostas no atual período da pandemia, como mostra o Laboratório de Urbanismo e Paisagismo ao mapear ações de vínculos sociais e redes de solidariedade em territórios na cidade de Curitiba (POLLI et al, 2020).

Ainda que a impossibilidade de acesso a alimentação seja uma expressão da contemporaneidade brasileira por estar relacionada com a pobreza e a desigualdade social, de acordo com o relatório “Como evitar que a crise da covid-19 se transforme em uma crise alimentar: Ações urgentes contra a fome na América Latina e no Caribe” elaborado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), a atual impossibilidade é uma consequência imediata da pandemia do novo coronavírus. O combate à fome deveria ser foco de intervenção e pesquisa do poder público, por meio de políticas sociais; porém, percebe-se a continuidade do desmonte das políticas de segurança alimentar desde o governo de Michel Temer (2016-2018), estando acentuado na gestão de Jair Bolsonaro (2018-atual) (CRUZ, 2021).

Continuando sobre reflexões de modos como as pessoas vivem em pobreza, Maria relata:

Nós moramos aqui do lado do aterro sanitário do Jangurussu, que foi fechado em 2015, mas ainda tem gente que vai lá usufruir de alguma coisa de algum material que possa vender e ter um recurso. (Trecho de entrevista com Maria)

A pobreza, então, pode ser compreendida por dois vieses: i) como categoria teórica “constituída em uma problemática historicamente construída com dimensões econômicas, sociais, culturais e psicológicas” (BARBOSA, 2020, p. 50) e ii) como categoria empírica atravessada pelo cotidiano de exclusão social, por privações de condições adequadas de subsistência e por diversas opressões na vida de milhões de brasileiros.

Seguindo o aprofundamento das questões de pobreza por uma perspectiva multidimensional, tem-se percepções sobre infraestrutura das casas e da comunidade, como é retratado na fala de Maria:

Daquele, daquele território lá de baixo pra nossa, porque da onde já se viu que eu nunca iria esperar na minha vida que eles vão dizer que eu moro do lado do asfalto, se um dia desses a minha rua era igual a deles barrenta, a lama e o esgoto, a bosta passando do lado da minha casa, e uma pessoa dizer assim “não, ela mora do lado do asfalto”. Então, é como se a evolução acontecesse por um lado, e por outro não. (Trecho de entrevista com Maria).

O acesso à melhoria de infraestrutura de saneamento básico é percebido como uma melhoria de vida, como ser menos pobre. Em decorrência da pandemia de Covid-19, de acordo

com a Pnad Covid-19, há indicativos de que diferentes estados e regiões foram atingidos de maneira desigual. No Ceará, nota-se uma maior dependência do valor do Auxílio Emergencial por conta da vulnerabilidade da mão de obra de trabalho informal, que gira em torno de aproximadamente 45% no estado, enquanto que no Brasil se mantém em torno de 35%, demonstrando maior fragilização da população cearense impactada pelo isolamento social (SILVA; ARAÚJO, 2021).

Devemos considerar ainda que o Conjunto Palmeiras foi pensado e desenvolvido como um processo de deslocamento das pessoas pobres que se acumulavam no centro da cidade, na década de 1970. Boa parte das pessoas que foram deslocadas para a região receberam casas próprias. Algumas mantiveram suas coisas, outras não conseguiram manter. É o que aparece, por exemplo, na fala de Jorge:

Essas casas aí, tudo é das pessoas, entendeu? Aqui aculá tem alguma alugada, duas ou três, mas a maioria... de cem casas, noventa e oito é da própria pessoa, sabe? Aí ela vai manter só a comida, porque um salário-mínimo ela consegue. Então no geral é assim, a maioria vive normal, num falta necessidade não (Trecho da entrevista de Jorge)

Sobre o “viver normal”, o “não ter necessidade”, Jesse Souza (2012) identifica como batalhadores parte da população que se aproxima da classe média depois da estabilização econômica que houve após o governo FHC, a partir das políticas de inclusão dos governos Lula e Dilma. O autor os caracteriza batalhadores por conseguirem dar conta de dois turnos de trabalho ou jornada dupla entre trabalho e estudar, conseguir também poupar e resistir ao consumo imediato, e com isso estabelecendo uma crença forte no trabalho e em si. Esta crença em si, para o autor, faz triunfar a criatividade e ousadia nos sujeitos, o que garante mais liberdade através da coragem do enfrentamento dos obstáculos cotidianos de quem vive em vulnerabilidade social. (SOUZA, 2012).

Temos no relato de João e Ana o processo que foi ter recebido sua casa como conjunto habitacional e a dificuldade inicial para continuar residindo nessas casas:

A gente viu. Quando nós chegamos aqui a nossa casinha era só uma coisinha, pequenininha, não cabia nem as coisas foi preciso a gente dar umas coisas. Tinha bastante mosca, afe Maria, tinha uma granja e fedia o Conjunto. Muita gente foi embora, por causa disso, vendeu suas casas. E hoje em dia, graças a Deus, tem muita gente que vive bem aí, montou restaurante, montou pizzaria. Desses que chegou no nosso tempo também, que nem eu tem o baião do Dedé ali, nosso primo, nosso cumpadre. Tem o Jonhny do açá, tudo eles quase que iam embora por causa disso, né? Mas aguentaram e hoje estão bem, graças a Deus. (Trecho da entrevista de Ana e João).

Continuar mantendo as casas é uma outra dificuldade enfrentada; algumas pessoas ainda têm suas casas, mas não têm o que comer por não ter trabalho. É o caso que mostra nas falas de Ana e João:

As casinhas, né? Tem gente que mora que, essas que eu tô falando que mora ali, é uma vilazinha de aluguel. Eu não sei como é que eles vivem, aí as crianças tudo pedindo, né? Acho que, um dia desses eu contei, tinha oito meninos em três casas. (Trecho da entrevista de Ana e João).

A falta de infraestrutura básica também é considerada com um aspecto de pobreza e de vulnerabilidade social. Ainda que em um espaço urbano, que tem como premissa características como densidade demográfica, econômica e ética, este espaço pode ter traços rurais, sendo marcado ainda por uma pobreza de caráter estrutural, como uma invisibilidade da desigualdade diante de uma aparente igualdade urbana (XIMENES et al, 2016). O bairro Conjunto Palmeiras ainda carece de saneamento básico, tem estrutura precária de ruas e falta de asfalto no entorno da Areninha Sítio São João, como é apontado na fala de João:

E... eu acho também aqui no Conjunto, é... que você abordou aí, é... o problema, rapaz o Sítio São João é só buraco. Você não anda aqui no Sítio São João não, aqui é uma loucura, tá horrível. Você sai de um buraco e cai noutro. Você vê, esse Conjunto aqui era pra ser, era pras autoridades, né? Eu não sei se é a prefeitura onde cabe isso aqui pra ver isso aqui. Que a Cagece fez o saneamento, é por dentro o saneamento. E a Cagece fez novo saneamento, mas aí fez e deixou a buraqueira aí, tá horrível. Você pode dar uma volta aqui nessas ruas aqui que é muito buraco. Então eles teriam que ver mais esse lado aí. (Trecho da entrevista de Ana e João).

O Brasil, que em muitos momentos esteve como uma das principais economias do mundo, tem alguns dos maiores índices de desigualdades sociais. Assim é também com relação a saúde: temos um dos melhores serviços de saúde do mundo, o Sistema Único de Saúde (SUS), mas, por conta das políticas de austeridades de contenção de gastos (como a EC 95/2016 congelando pelos próximos vinte anos os gastos públicos), temos o investimento nas políticas sociais comprometido e, com isso, consequências diretas de menor acesso à saúde (PITOMBEIRA; OLIVEIRA, 2019). Essas dificuldades de precário acesso aos serviços de saúde também foram percebidas nas entrevistas realizadas neste trabalho, como exposto abaixo:

Você vê em uma periferia dessas você vê cada corrupção. Como é que uma senhora, de idade, de setenta anos, chega num posto de saúde atrás de um atendimento, atrás de uma medicação, atrás de um, de um acolhimento, e ela não tem. Aí só porque eu sou articulada, tenho uma comunicação, chego lá e vou conseguir? Isso é a própria desigualdade, entendeu? Isso é a própria desigualdade. (Trecho de entrevista com Maria).

As doenças, né, a falta de necessidade de viver melhor, uma roupa, um alimento melhor. Assim... a dificuldade de, por exemplo, o menino doente, aí leva no posto e não tem médico, não tem. Porque no posto tá um caso sério, né? (Trecho de entrevista com Maria).

Há uma percepção de desigualdade também no acesso às informações de direitos em saúde. A dificuldade de acesso diversos a direitos reflete também nas propostas de esporte e lazer diante da condição de pobreza extrema da comunidade:

Pra Areninha, se ele vai estar registrado? Se um menino daquele ali chegar na Areninha e, “cadê teu documento? Não, tu num pode participar não, porque tu num tem registro, tu não tem nem documento. Vou botar teu nome aqui de quê, de Biel? Como é teu nome, é Gabriel? Então eu vou botar aqui Biel. Então, eu vou te dar a oportunidade por 3 meses, se tu não aparecer aqui com documento, tu não vai ficar, porque a gestão diz que tu não pode ficar.” A escola é assim. A dona Jéssica, a filha dela, ela estudou durante 1 ano sem documento. E o conselho tutelar veio. E o conselho tutelar exige e obriga que a mãe vá atrás, mas ele num dá a condição pra ela, ele num faz um esforço de uma busca ativa nos cartórios, porque pra fazer um DNA no fórum tem que ter essa busca ativa de que ela nunca foi registrada. Como é que uma mulher daquela, pobre, que não tem nada, nem o bolsa família ela não tem, porque ela não tem documento, como ela falou hoje, ela vai ter recurso financeiro pra ir andar em dez cartórios? Eu sei que é dez cartórios porque a gente já fez isso pra outra, pra dona Maria que tem um cabelo branco e hoje tá morando lá no Alameda. E ela vem do Alameda a pé pra cá, porque lá não tem nem o que comer, pra conseguir o que comer aqui na padaria, no mercantil, pedir alguma coisa para levar pra dentro de casa. Ela vem todo dia de lá pra cá, e o filho dela continua estudando no colégio, no Palmeira II, e os netos também. (Trecho de entrevista com Maria).

O trilhar de um caminho para a superação das formas de pobreza deve partir, inicialmente, de processos de denúncia das situações de opressão, para que seja possível anunciar novas formas de vida (CIDADE, MOURA, XIMENES, 2012). Opressões essas representadas de uma invisibilidade da pobreza, em situações como não conseguir ter uma documentação para poder acessar direitos básicos, como renda mínima do programa Bolsa Família ou acesso aos programas de esporte e lazer do Estado. Dessa forma, por meio dos relatos coletados, compreendemos que a pobreza extrema caracteriza-se ainda não ter um documento, uma identidade documentada. Sem provar a legalidade de sua existência, a pessoa não tem acesso a direitos. Assim, uma política que deveria ser inclusiva, como as Areninhas, pode se refletir como excludente.

5.2 Aspectos psicossociais da pobreza

Viver em condições de pobreza extrema provoca questões psicossociais que necessitam ser compreendidas. Apresenta-se o fatalismo como uma destas possibilidades, um

fenômeno psicossocial marcado pelo conformismo de pessoas ou grupos em experienciar condições de vida opressoras. No fatalismo, um futuro opressor é aceito passivamente, estabelecendo um círculo de manutenção de cultura da pobreza (CIDADE, MOURA, XIMENES, 2012). Ainda assim, é também percebido que a capacidade humana de desenvolver-se e expandir suas potencialidades não se extermina, desdobrando em formas de resiliência para enfrentamento de condições de pobreza. Maria, como líder comunitária, percebe aspectos de fatalismo e busca superá-los, como apresenta na fala:

Porque assim, hoje eu fiquei assim refletindo o que a professora Joana² lá da UFC me ligou... “e aí, Maria*, como é que tá as coisas?” Mulher, tá tudo ótimo. Aí ela: “em uma pandemia dessa tu tá dizendo que tá tudo ótimo?” Aí eu disse: meu amor, a gente tem que falar que está ótimo, porque as palavras tem poder. Se eu falo que tá uma merda, ela vai continuar uma merda. Eu tenho que tá falando que tá ótimo, que tá maravilhoso, tamos indo de vento em polpa, se nós não temos isso nós vamos atrás disso, e nós estamos trabalhando, nós estamos com saúde, nós estamos correndo atrás. Eu não posso tá todo tempo falando de coisas negativas, de pessoas que morreram... Sim, as pessoas morreram e nós somos sensíveis com a família, nós acompanhamos as famílias as vezes procuram a gente. A gente tem esse acompanhamento. Mas as que estão vivas? Temos que lutar por elas que estão vivas, que não tem acesso, que não tem direito. Todo dia o direito dessa pessoa é violado, todo dia! Então, a gente tem que tá dizendo que tá bem, estamos ótimos, estamos bem. (Trecho de entrevista com Maria).

Maria convidou-me para conhecer o bairro. Caminhamos por algumas ruas próximas, apresentou-me um campinho de futebol que tinha atrás do bairro e passamos pelas imediações de algumas casas. As ruas piçarradas, os córregos de esgoto passando ao lado de casas, as pessoas em contato sentadas em sofás velhos na rua – como se dentro de casa não aguentassem o calor que ali fazia as três horas da tarde. Enquanto passava por entre as casas, Maria falava com todos, chamando-os pelo nome, sendo reconhecida por esses. Aproximou-se de um grupo de mulheres que estavam sentadas, realizando seu trabalho de limpar garrafas de cor verde de cerveja. Conversou com tom de brincadeira e depois seguimos. Na entrevista, Maria relembra este encontro para descrever sobre como essas mulheres fazem para continuar vivendo, mesmo em situação de extrema pobreza:

Taí, você vê aquelas mulher lá, você vê cara de triste naquelas mulheres lá, limpando aquelas garrafas? Você viu a outra, ó, mamada... Então, eu não posso dizer que essas pessoas estão na merda. As pessoas se viram, Tássia, em tudo... onde é que tu já se viu, tu tá lá na Aldeota tomando o teu, Heineken gelada, com guardanapo na boca, e essa garrafa vai parar aqui pra essa mulher lavar e voltar pra lá de novo? Com é que pode um negócio desse? (Trecho de entrevista com Maria).

² Nome fictício.

Há uma capacidade de povos e indivíduos em serem livres, buscarem superar sua inferioridade; uma reação constante de ser mais. As pessoas possuem também um potencial humano a partir dos múltiplos, instáveis e criativos sentidos (CIDADE, MOURA, XIMENES, 2012). E a fala de Maria continua sobre dar força para as pessoas não desistirem, para continuarem tentando:

É... então é complicado você... ó, eu digo pra todas as mulheres, que eu multiplico, que eu converso com elas, porque eu digo é que nem uma palavra volta vazia. Você tem que resistir e se renovar todo dia, todo dia. Você tem que se reciclar todo dia. Você dormiu, botou sua cabeça no travesseiro, cê faz aquela limpeza, né? O quê que eu fiz, o quê que isso, que falei isso, alguma coisa que eu fiz, o que eu tenho pra mim fazer pra amanhã... não, eu não tenho, eu vou fazer isso, vou fazer isso, e aí, vai. Se não der certo no outro dia, vai dar no outro. E se não der certo no outro, vai dar no outro. Mas você nunca desistir, você está sempre ali, batalhando. Sempre ali, batalhando. Vai vir nada na sua mão não, vai vir nada na sua mão, nada. E aí você tem que tá ali, batalhando. (Trecho de entrevista com Maria)

Os sujeitos pobres são, muitas vezes, perpassados por uma rede ideológica de opressão, causando atitudes conformistas de sua situação, podendo gerar estigmatização das pessoas em situação de pobreza (CIDADE; MOURA JR; XIMENES, 2012). Além disso, considera-se que o fenômeno da pobreza também tem produções psicossociais peculiares, pois a estas pessoas são postas condições de submissão, impotência e servilismo. A sociedade cria estigmas da pobreza, cristalizando suas características e impedindo que haja mudanças em suas condições. Seguindo o processo de discriminação a partir de estigmas, pode haver sentimentos de vergonha e inferioridade, potencializando ainda mais a culpabilização desses indivíduos (MOURA JR; XIMENES, 2016). Por isso, condições de extrema pobreza conduzem a ações, sentimentos e significações relacionados às privações vividas, sendo necessária a compreensão de seu bem-estar pessoal (NEPOMUCENO et al, 2017).

Em algumas falas dos entrevistados, há uma certa negação da pobreza, como forma de se evitar ser inferiorizado. É o caso da fala de Jorge como resposta ao ser perguntado sobre a pobreza na sua comunidade:

Aqui é falado, aqui é mal falado assim as vezes. Mas, não é bem assim não. Quem mora aqui sabe que não é bem assim. Então, não tem nada, tem, mas as vezes as pessoas, supostamente, aqui as vezes aumenta muito. Porque, aqui, o Palmeira aqui é grande, né, o São João, São Cristóvão, ele é muito.... é... o São João as coisa chama aqui entendeu ser aqui. Aí assim, é muita coisa que falaram do Palmeira sem ter culpa, né? Mas no geral aqui é bom, sabe? (Trecho da entrevista de Jorge)

Pobreza é uma pessoa que não tem o que comer. Aqui não é o caso, aqui. Aqui não existe isso. O pessoal tudo aqui que treina, é normal. Num somos também rico, né, mas na realidade, se alguma pessoa tiver passando necessidade, que tá desempregado, que a mulher num pode trabalhar, a mulher não está podendo trabalhar, a gente faz a corrente do bem, a gente faz uma cestinha aqui, pra se manter normal, sabe? A pobreza

que tem aqui eu, eu num vejo, assim pessoal assim que esteja... Eu não vejo, entendeu? Em geral é isso aí, o povo gosta... o bairro aqui podia ser muito mal falado, né? Teve até uma reportagem uma vez de uma mulher que era muito pobre, uma mulher chamada Raimunda, mas teve aqui quatro casas, ela morou na casa verde, morou aculá, e foi vendendo as casas. Vendeu, vendeu, vendeu, e disse que num tinha mais. E hoje ela mora com os filhos. Ela mesmo vendeu quatro casas dela, e foi gastando o dinheiro, né? E aí pronto. Mas aqui é assim, as pessoas gostam de falar muito mal do bairro, né? (Trecho da entrevista de Jorge)

Sobre a relação entre Bem Estar Pessoal e Pobreza Multidimensional, a privação de renda significa um impacto negativo no Bem Estar Pessoal em populações pobres que vivem em diferentes regiões do Brasil, independente da forma pela qual a pobreza seja mensurada (MOURA JR., 2015; MOURA JR.; SARRIERA, 2019), se por uma perspectiva monetária ou multidimensional. Há uma demonstração de reconhecimento depreciativo perante a pobreza e percebe-se que são reconhecidas as histórias de luta e resistências para superar a pobreza a partir da convivência da prática de futebol da Areninha. Por isso, apresentaremos no próximo tópico as aproximações do Sentido de Comunidade com as práticas de esporte e lazer com a utilização deste equipamento.

5.3 Comunidade e Sentido de Comunidade em diálogo com a Areninha

A comunidade é expressão de diversas formas de organização e convivência humana, em uma relação de espaço e tempo; por isso, é importante compreendê-la também a partir de suas mudanças nos contextos e nas relações (MARANTE, 2010). Desta forma, é preciso reconhecer a comunidade como um lugar social e existencial, pois é na comunidade onde se constituem modos de vida de sujeitos em convivência (MOURA JR, 2015). Assim, a partir de um espaço de convivência, busca-se apreender seus sentidos dessas relações, das pessoas que compartilham histórias de vida, valores, identidade de lugar e agregam maior sentimento de pertencimento (XIMENES et al, 2019). Para a pesquisa, partiu-se da importância de entender como membros da comunidade percebem-se a si neste espaço social. Eis algumas respostas:

Bom, aqui pra gente o que é comunidade mesmo é a união do povo. Porque aqui nós somos um povo, além de ser unidos, a gente é solidários. Então a gente é muito solidário com as coisas do bairro e com os moradores do bairro. Então, nós somos disso, o Palmeiras é disso. Nada de obra que você vai ver aqui no Palmeiras a comunidade, as lideranças, num sabe. A comunidade pode até não saber, mas as lideranças sabem. Por que, aonde ela vê, ela chega lá e pergunta “o que é que vai ser isso aqui, o que é isso aqui? Quem é a empreiteira? É o que, é a Cagece, é o Estado, é

do município, o que é?” (Entrevista de Maria)

Barbosa (2020) aponta que uma comunidade emerge a partir da mediação de um território pela vida das pessoas e de suas famílias, ou seja, a comunidade tem vida própria a partir de seus modos de vida, contradições, problemáticas, resistências e pluralidades, inseridos em um espaço social, físico, psicológico e cultural. Dessa forma, a comunidade dialoga com algumas relações territoriais de município e sociedade e também se diferencia por ter identidade própria (BARBOSA, 2020). Mais especificamente, Maria traz que a comunidade do Conjunto Palmeiras se relaciona com o Estado de maneira ativa, buscando saber informações de todas as obras que estão acontecendo e reivindicando quando não ocorrem.

Para compreender mais dos processos que acontecem nas relações comunitárias, buscou-se aprofundar a compreensão de comunidade por meio do Sentido de Comunidade. Autores vêm destacando a importância dos estudos em Sentido de Comunidade nos últimos anos pela Psicologia (LONG; PERKINS, 2003; LOOMIS; WRIGHT, 2018). Este é um conceito proposto por Seymour Sarason, em 1974, para o qual o autor traz como definição “o sentimento de que somos parte de uma rede de relacionamentos de suporte mútuo, sempre disponível e da qual podemos depender” (SARASON, 1974 apud NEPOMUCENO et al, p. 1, 2017). Posteriormente, buscando aproximações com a proposta de Sarason, McMillan e Chavis (1986) propuseram alguns critérios para definir a teoria de Sentido de Comunidade. Os autores entendiam que o termo precisaria ser uma teoria explícita e concreta, representando a intimidade e o calor implícito aos quais o termo remete, necessitando da mesma forma de uma descrição mais dinâmica.

A partir destes critérios, criou-se a definição de quatro elementos para o Sentido de Comunidade, que são (MCMILLAN; CHAVIS, 1986): filiação ou pertença (*membership*), influência (*influence*), integração e satisfação das necessidades (*integration and fulfillment of needs*) e ligação emocional compartilhada (*shared emotional connection*). Esta pesquisa buscou compreender os sentidos de comunidade desenvolvidos pela população do bairro Conjunto Palmeiras na sua relação com a Areninha Sítio São João. Para tal, descrevemos as suas definições e, em seguida, as formas como os conceitos se relacionam com as falas dos entrevistados. Compreende-se ser importante elucidar a relação do Sentido de Comunidade com um equipamento esportivo em um local de vulnerabilidades sociais, o que ele promove de potenciais para a comunidade e como o equipamento pode contribuir para fortalecimento do Sentido de Comunidade de uma região.

Compreendemos que os quatro componentes do construto Sentido de Comunidade de McMillan e Chavis (1986) se interseccionam, se explicam e também caracterizam a singularidade de cada aprofundamento de sentido, em um processo de progressiva renovação (MARANTE, 2010). Por isso, dialogamos com estes quatro componentes na investigação do fortalecimento do Sentido de Comunidade a partir da construção da Areninha Sítio São João para os moradores do bairro Conjunto Palmeiras.

Por filiação, entende-se o sentimento de pertencer a uma comunidade, compartilhado com ela uma familiaridade pessoal por fazer parte (GONZÁLEZ; LUNA, 2014). Nota-se que é possível ter sentimentos de pertença a diferentes comunidades, compreendendo que não deve ser postulado a filiação como uma ideia definitiva e imutável. É enfatizada a experiência de sentir-se como parte, de compartilhar certos valores, ideais e problemáticas com outros membros com o propósito de buscar superar questões conflituosas na comunidade (BARBOSA, 2020). Na filiação, temos os atributos de fronteira, a emoção de segurança, um sentido de pertencer e a identificação com a comunidade; há um investimento pessoal e um sistema de símbolos em comum (MCMILLAN; CHAVIS, 1986).

Ah, com certeza, eu sou apaixonada por essa comunidade. O povo fala 'ah, quando tu se formar, quando tu virar assistente social, tu vai embora daqui', e eu "claro que não"! Não tem nem perigo de eu ir embora daqui. (Entrevista de Maria)

Ah, pra mim é assim, eu tô aqui desde o começo, desde que aqui não tinha nem uma casa e eu já morava aqui, e eu tô aqui com 9 anos, né? Aqui, eu moro aqui a quase 5 anos já. Então assim, pra mim é tudo, né? Porque eu cresci e vivi aqui, né? Casei, tenho meus filhos, no caso já sou avô. Então, eu tenho coisa, pra mim aqui é uma maravilha, eu não tenho nem vontade de sair daqui, sabe? (Entrevista de Jorge)

Na fala dos entrevistados, o pertencer mostra-se como a história de estar lá desde muito tempo e a escolha em continuar vivendo. O bairro Conjunto Palmeiras surgiu de um território rural, e estudos no Brasil têm buscado a relação entre Sentido de Comunidade e contextos de pobreza rural. Apesar das adversidades vivenciadas, Nepomuceno et al (2017) sinalizam que o Sentido de Comunidade em contextos rurais tende a apontar maior média do que nas cidades. Isso pode ocorrer, segundo Ximenes e Moura Jr. (2013), porque as pessoas tendem a construir relações de maior proximidade e vinculação por conviverem com o mesmo círculo de vínculos, entre familiares e vizinhos. De acordo com a fala da entrevista de Ana e João, percebe-se uma relação de Sentido de Comunidade e que a comunidade passou a se conhecer mais depois da construção da Areninha Sítio São João:

Não, nós mesmos, a gente que morava tudo aqui pertinho e a gente não tinha

convivência com eles. Hoje a gente tem (Fala de Ana). A vizinhança, é. Muita gente a gente conheceu, o pessoal vem, “opa, excelente!”. Todo mundo, o casal... (Fala de João). Que morava ali do outro lado e a gente não conhecia, muita gente (Fala de Ana). O pessoal já vem, entendeu? A gente ficou conhecendo muita gente (Fala de João).

Quando foi perguntada se, pelo fato de conhecer melhor as pessoas, tinha uma sensação maior de comunidade, Ana respondeu: “Com certeza!”. Dessa forma, atenta-se às diversas dimensões que fragilizam ou potencializam os sujeitos na sua relação dialética com o espaço, lugar, território ou ambiente onde convivem (FEITOSA et al, 2018). A participação dos sujeitos com sua construção de lar tende a promover identificações alicerçadas na relação com os territórios. Por isso, é preciso compreender o que os sujeitos fazem do lugar, ainda que em uma espacialidade de vulnerabilidades. Entende-se que a relação com o meio pode tanto fragilizar os sujeitos quanto ser caminho para encontrar meios resilientes de adaptação no enfrentamento cotidiano às situações de perigo real e risco eminente. Conhecer as pessoas que residem próximas a você, conhecer sua comunidade dá uma sensação maior de segurança e de fortalecimento das fronteiras simbólicas que promovem sentir-se fazendo parte.

A influência é o elemento que representa a coesão no grupo, de forma que há uma relação bidirecional em que um sujeito influencia e também é influenciado (NEPOMUCENO et al, 2017). Nessa relação de influência, existe a facilitação da mediação das problemáticas comuns ao grupo e, assim, nesse processo, pode-se ou não propor soluções ou apontar inclusive quais as pautas são relevantes para a comunidade (BARBOSA, 2020). Então, algumas pessoas influenciam e outras são influenciadas, de forma dialética de influência mútua, apresentando um certo grau de conformidade que é importante para esse processo. Em sua fala, Maria traz como contribui influenciando a comunidade com suas ações:

Então assim, eu acho que o que é representar a comunidade mesmo é a união da comunidade. Que essa comunidade aqui, eu posso dizer muitas coisas dela: organizada, mobilizada, articulada, mas ela é unida. Quando acontece alguma coisa no bairro, a gente começa a... geralmente os moradores ficam sabendo por conta das lideranças, que são mais envolvidos com a questão das políticas públicas. Então, quando a gente sabe de alguma obra ou de algum acontecimento ou alguma coisa que a gestão tá fazendo dentro do município e as periferias não têm essa, essa participação, não tem esse retorno também para as comunidades, a gente começa a mobilizar os moradores. Faz a reunião, e aí a gente começa a discutir com os moradores sobre isso. Então, a maioria dos moradores, lideranças, todos vem, né? E aí depois é passado isso para o restante da comunidade, né? A gente repassa pra comunidade pra eles ficarem cientes do que tá acontecendo e tomar o poder de decisões (Entrevista de Maria).

Maria contou como costuma influenciar os moradores da comunidade, o quão potente tem sido seu papel de ponte, relatando para a comunidade as articulações que fazem

com o Estado em busca de melhorias para o bairro e que eles se juntam com as lideranças para somar em busca de seus interesses. Esteve presente nas entrevistas a história do Carlinhos, que foi uma pessoa influente na comunidade por dar aula de futebol no campo que depois virou a Areninha e por cuidar da manutenção do espaço. Carlinhos faleceu de Covid-19, assim como seu pai, conforme relatos da entrevista de João e Ana.

Sentimos muita falta com a morte dele. E ele, ele era uma confiança pra gente, né? (Ana). Era o nosso braço direito, né? (João). Porque quando ele estava aqui, ele era... (Ana). Ele era muito conhecido da comunidade, ele era conhecido. (João). Era conhecido da comunidade, ninguém mexia em nada por aqui. (Ana). Ele tinha muito respeito. (João). Ninguém mexia em nada. Ele estando aqui era a nossa segurança, fora dele, né? Ele era a segurança que a gente sentia. (Entrevista de João e Ana)

Sentimos nas falas de João e Ana um luto na comunidade. Carlinhos também foi protagonista para a construção de uma Areninha no campo em que já dava aulas de futebol para crianças da comunidade. Apresentamos uma explanação específica da sua história no componente ligação emocional compartilhada.

Como terceiro componente do Sentido de Comunidade, tem-se a integração e a satisfação das necessidades, que se referem aos benefícios de bem-estar que os membros recebem pelos esforços em pertencer à comunidade (GONZÁLEZ; LUNA, 2014). É a partir da satisfação das necessidades que os membros se sentem integrados e podem buscar e retirar recursos que o próprio grupo supre. Assim, tem-se como hipótese que quanto mais benefícios seja possível retirar de uma comunidade, mais forte pode ser o sentido de união de seus participantes (BARBOSA, 2020).

Num é você fazer um equipamento e deixar lá ao léu da comunidade. Você tem que ter uma organização, uma manutenção. Então eu não sei se daqui a dois, três anos como é que isso num vai tá, sucateado, como é que vai tá. Porque se você coloca a própria comunidade pra tomar conta do espaço, fazer a manutenção do espaço, isso dura o resto da vida. Porque ela num vai deixar um banco se quebrar, ela não vai deixar um aparelho ficar enferrujado. Ela mesmo vai zelar, ela mesmo vai cuidar. Porque ela sabe que se ela fizer uma solicitação pra um banco desses quebrar, vai demorar 4, 5 meses, e ela não, organiza ali, “gente vamo aqui, ó, vamo aqui, vamo fazer isso aqui, vamo fazer acontecer. Quem é pedreiro? Quem é isso, quem é pintor, vamo lá. Vamos ali no depósito, vê se ele pode doar isso, vê se ele pode conseguir isso.” Então, quando você cria a identidade e dar protagonismo a esses moradores, as coisas fluem. Você faz um equipamento e você abandona, “tá aí, já fiz. Eles que se virem”. Se virem como, meu senhor? Se o senhor nem veio e nem articulou. Num veio nem conversar com a comunidade pra dizer como era o processo (Entrevista de Maria).

Maria traz na fala que a comunidade integra e satisfaz suas necessidades quando se articula para manter determinado espaço ou bem público. Porém, para isso acontecer, ela mostra

que é necessário intervenção inicial do Estado; não basta apenas entregar determinado equipamento público e não mediar como utilizá-lo para suas necessidades e como mantê-lo. Barbosa (2020) considera relevante entender o Sentido de Comunidade relacionado às dimensões das pobreza em uma perspectiva multidimensional, de forma em que as situações de pobreza multidimensional ora podem aumentar o Sentido de Comunidade, ora podem diminuí-lo. A dinâmica das relações comunitárias pode ser fator protetivo no enfrentamento de vulnerabilidades sociais, mas também, em pobreza extrema, as pessoas podem ter relações negativas como sentimentos de vergonha, humilhação, e por isso uma gradativa desvinculação dos espaços sociais da comunidade, e com diminuição no Sentido de Comunidade. Essa diminuição do sentido de comunidade pode ser reflexo do impacto dessas condições de privação ocasionadas pela pobreza extrema, à medida que os sujeitos estão envoltos na urgência em manter a sua vida. Como consequência, pode provocar sentimentos de fatalismo e comodidade das pessoas frente a tal situação.

Por último, há o elemento da ligação emocional compartilhada, por meio do qual as pessoas incorporam suas histórias singulares e as compartilham a partir das relações de proximidade e laços afetivos estabelecidos na comunidade (NEPOMUCENO et al, 2017). A partir da memória coletiva e de seus atravessamentos com as histórias dos sujeitos, resgata-se o sentimento de pertença e de preservação dessas relações sociocomunitárias. É uma construção processual e leva tempo, a partir da progressividade da quantidade e da qualidade das experiências e interrelações (BARBOSA, 2020).

5.4 A reivindicação para manter um campo de futebol culminou na construção da Areninha Sítio São João: fortalecimento de Sentido de Comunidade

A escolha em pesquisar o impacto da Areninha Sítio São João deu-se por uma questão objetiva, numeral, a partir da proposta de política pública de construir equipamentos esportivos em locais de vulnerabilidade social. A Areninha Sítio São João estava em região com o menor IDH de Fortaleza (ANUÁRIO DO CEARÁ, 2010). No processo de levantamento de campo, buscou-se a princípio conhecer a história do bairro Conjunto Palmeiras, na intenção de compreender singularidades da comunidade

Como citado no marco teórico, o início do bairro Conjunto Palmeiras se deu a partir do crescimento populacional da cidade de Fortaleza por volta das décadas de 1950 e 1960. Naquele momento, houve um aumento do número de pessoas sem moradia gerando demandas urgentes de intervenções urbanas. O bairro foi criado em 1974 com o objetivo de desenvolver o programa de desfavelamento da cidade de Fortaleza, e coube à Fundação de Serviço Social de Fortaleza ser responsável pela transferência das famílias (PEDROSA, 2012; RABELO, 2017). Em suas falas, Ana João descrevem a perspectiva que tinham do bairro quando chegaram para morar:

Nós somos os primeiros moradores aqui do Sítio São João. Quando eu vim receber essa casa aqui eu me lembro como se fosse hoje. Até eu fiquei um pouco assim restrito em vir morar aqui porque não tinha nada só tinha apenas três vigias... Tinha três vigias e tal, aí lá fui ver o cara lá na avenida aqui nesse fim de mundo aqui, lá na ponta do governo da Val Paraíso, aí me trouxe até aqui pra... aí vim receber esta casa. Aí eu pensei e tal, “rapaz, eu vou ficar aqui mesmo”. Eu morava de aluguel e eu consegui essa casa através da Caixa e tal, “por conta do meu trabalho eu vou ficar por aqui”, eu pensei. (Entrevista de Ana e João).

Apesar de ter entregue casas a preços de custo para população morar e habitar uma nova região na cidade de Fortaleza, a prefeitura não deu demais condições básicas para a comunidade, como água encanada, luz e transporte público passando pelo bairro. Impulsionada pela Associação dos Moradores do Conjunto Palmeiras (Asmoconp) e pelos líderes comunitários ligados à Teologia da Libertação, a década de 1980 foi marcada por lutas e conquistas na comunidade, que conseguiu ter maior frota de transporte coletivo circulando em seu bairro e estabelecer água encanada e energia elétrica (PEDROSA, 2012).

Após as conquistas sociais e seu processo de urbanização, morar no bairro passou a ser mais custoso para parte da população, pois passaram a pagar IPTU, conta de luz, água e telefone. A Asmoconp, então, passou a perceber que a comunidade precisaria ter geração de renda para poder se sustentar. Em 1997, após realizar 45 reuniões com produtores, comerciantes, sócios de entidades e moradores em geral, a associação compreendeu que, além da renda, a comunidade precisava também ter uma forma de organização para consumir; para isso, seria necessário estimular a produção e o consumo local (PEDROSA, 2012). Um momento ápice da história de luta social do bairro é o ano de 1998, ano de criação do Banco Palmas, o primeiro banco comunitário do Brasil, que, por meio do banco, buscaram linhas de financiamento de microcréditos e cartões de crédito para consumo em empreendimentos locais. No dia da inauguração deste projeto de distribuição de renda e economia solidária, estiveram

presentes representantes do governo, líderes políticos, assistentes sociais, imprensa e moradores do bairro. As linhas de crédito foram gradativamente aumentando e o Banco Palmas passou a ter visibilidade internacional.

Sabe-se que a participação da comunidade nos movimentos sociais pode contribuir criativamente para as políticas públicas, reforçando o caráter democrático na sociedade. Porém, como se dá a representação de atores e atrizes sociais em tais espaços ainda é uma dúvida em diversas comunidades brasileiras (VIEIRA; MAYORGA, 2019). Todavia, não há dúvidas de Carlinhos ser protagonista no time que levou o campinho do bairro a tornar-se uma Areninha de Futebol. Carlinhos já promovia aulas de futebol para crianças do bairro e isto era uma atividade respeitada pela comunidade, como apresenta Maria:

Inclusive o Carlinhos, que lutou lá, ele faleceu de covid, e o pai dele faleceu primeiro e uma semana depois ele morreu de covid. Então, assim, ele é um guerreiro muito grande, o nome dele é Carlinhos, ele sempre jogou futebol aqui com os meninos, articulou. Ele sempre foi professor dos meninos, ele sempre fez os campeonatos, isso sem recurso nenhum. (Entrevista de Maria)

Por exercer essas atividades, as aulas de futebol para crianças da comunidade no campo mantido por ele, quando a prefeitura quis se apossar do espaço para construir apartamentos sem diálogo com os moradores, eles mesmos não deixaram.

Nam, ninguém falou com a comunidade, nem falou com ninguém. A prefeitura quando quer fazer uma obra, ela vai lá e começa a fazer. Ela num quer nem saber, ela vai lá e faz. Vê um mapa de Fortaleza, tem isso aqui, isso aqui e isso aqui... são quantos periferias? Duzentas? Então vamos fazer, quais as que tem mais violência? Então vamos fazer uma aqui, uma aqui, uma aqui... pronto. Então, quando o trator começou a chegar foram lá na casa do Carlinhos dizer que tinha um trator lá, tipo querendo derrubar os pneus, que tava tirando os matos, que tava passando com tudo. Então o Carlinhos foi lá e conversou com o cara do trator, e o cara do trator “não, é que a gente vai construir uma Areninha aqui, e num sei o que”. Não, é que vai construir uma creche aqui. A gente vai construir uma creche aqui no Jangurussu e tal. Que é a tal do CEI, né? Que o pessoal chama de CEI, centro educacional infantil, que foi a primeira a receber uma criança com microcefalia, ela. Não sei se esta criança estuda lá ainda. Aí o que foi que aconteceu, “não, vamos construir uma creche aqui e tal”. Aí o Carlinho: “nam, num é assim não! A gente joga aqui a muitos anos, bem quinze ou dezoito anos a gente joga aqui nesse campo. A gente é que limpa, corta o mato, a gente é que organiza o povo”. Aí eu sei que ele juntou as lideranças, juntou outros caras que igual ele, que joga futebol com as crianças e faz as mobilizações com adultos e jovens, e no campo também principal, e ele foi chamando os amigos, foi chamando a galera, chegou lá e falou: “pois você num vai mais passar o trator aqui não”. Pronto, bateu o pé lá no trator, “e você num vai, num vai e num vai. Como é que vai ser?” Aí o fiscal, o cara ligou pro fiscal, o fiscal veio e perguntou o que é, o Carlinhos explicou a história, contou a história. E aí o fiscal ligou pro seu supervisor, que seu supervisor, até chegar no ouvido do prefeito. Aí eu sei que o prefeito veio, conversou com a comunidade... Veio bater aí, conversou com a comunidade porque tinha que fazer essa creche, que esse território era do Jangurussu, pra abarcar essas pessoas, principalmente o do Minha Casa, Minha Vida... E aí, o Carlinhos disse, “não, mas o senhor tem dar um jeito de fazer a creche mas deixar o nosso campo”. Aí o acordo foi

esse, “nós vamos fazer uma creche e vamos fazer uma Areninha, vocês topam?” Aí foi unânime, todo mundo topou. E na inauguração estava lá, da creche, e do Areninha também. Então, até hoje, o prefeito aonde ele vai, porque eu já fui pra as outras inaugurações de Areninha, ele conta a história do Carlinho. Na realidade eu nem sei se ele sabe que ele morreu, mas ele conta essa história que foi a comunidade que embarreirou. (Entrevista de Maria)

O processo de formação do bairro somado à reivindicação da população pode ser analisado também como uma expressão coletiva, como uma possibilidade de “construir em/com/junto” à comunidade (BARBOSA, 2020, p.38). A luta reivindicatória potencializou o fortalecimento da identidade do lugar. Com isso, há reconhecimento e construção de significados e sentidos dados da própria comunidade. Assim, desdobram-se possibilidades de intervenções conjuntas. Por mais que já existisse um campo de futebol mantido e cuidado pela comunidade, Maria contou na entrevista que não era perspectiva da prefeitura de Fortaleza construir uma Areninha naquele local. De acordo com os entrevistados, a prefeitura não comunicou aos moradores o seu planejamento e chegou com tratores para demolir o que ali estava, afim de utilizar aquele espaço para a construção de apartamento e uma creche. A partir da mobilização de Carlinhos, a comunidade impediu que o campo fosse destruído. Em vez de apartamentos, a comunidade recebeu uma Areninha.

É, queriam fazer casas, uns apartamentos. Foi uma luta pra eles tirarem, né? Ia pra associação, a gente fazia abaixo-assinado, né? Era muita coisa. O Almeida ali, mais o Carlinhos que faleceu, né? Eles trabalharam muito nisso. (Entrevista de Ana)

É, já tinha um campo, né? E aí, tinha o rapaz aqui do Conjunto São João, que tinha uma associação, e... que teve um projeto aqui pra fazer uns apartamentos aqui. O rapaz que era ganhador, então ele que botou pra fazer aqui do lado, né? Aqui já tinha um projeto, né? No Palmeiras tinha também o Gama. E aí pronto, foi briga pra colocar a etapa, foram pra reunião lá, brigaram lá e tal... e não deixaram. Teve até... quase que dava até briga, né? Porque eles não permitiram de jeito nenhum, se viesse aqui eles iam chamar o pessoal pra não ter que fazer aqui. (Entrevista de Jorge)

Fica evidente que a comunidade é formada por diferentes pessoas que dividem experiências e outros elementos em comum e por isso compartilham momentos de convivência duradoura. A dimensão ligações emocionais compartilhadas do Sentido de Comunidade diz respeito às histórias e experiências compartilhadas pela comunidade. Assim, está relacionada às emoções e às gerações de vínculos perpetuadas a partir do que surge como possibilidade de resistir e, por isso, existir.

5.5 Futebol, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil e a Areninha

Deixa o menino jogar, ô, iaiá
 Deixa o menino aprender, ô, iaiá
 Que a saúde do povo daqui
 É o medo dos homens de lá
 A consciência do povo daqui
 É o medo dos homens de lá
 (Deixa o menino Jogar – Alexandre Carlo)

Na atualidade, o esporte é considerado um dos maiores fenômenos culturais da humanidade e, em nosso país, o esporte de destaque é o futebol (SANTOS, 2014). O futebol é praticado em todos os dias da semana, em todos os turnos e pode ser jogado em um campo de várzea como prática de tempo livre ou profissionalmente em campeonatos de futebol. Por isso, existe uma quantidade expressiva de protagonistas e expectadores que o acompanham.

Rubio (2003) afirma que o esporte é a manifestação latente da sociedade, envolvendo aspectos políticos, econômicos e sociais. O início da organização do esporte no Brasil se deu entre o final do século XIX e o início do século XX, tendo a princípio a elite brasileira como público-alvo, a qual buscava novos padrões de lazer e recreação social com referências europeias, como o cricket, o remo e o ciclismo (JESUS, 1999). Ainda que inicialmente restrito à elite brasileira, “o esporte rapidamente se popularizou e atingiu outros grupos sociais” (STAREPRAVO; MARCHI JÚNIOR, 2015, p. 44).

Com intervenção do Estado, por volta de 1904, há um estímulo à prática do futebol, com evidentes objetivos de diminuir a prática da capoeira pela população pobre, que era identificada na época como uma prática desviante e até criminosa. Havia também o fomento do projeto nacionalista que buscava construir uma identidade brasileira a partir de uma homogeneização cultural e, por isso, o Estado, como o promotor de políticas culturais e públicas, interveio por meio do esporte para fortalecer a imagem do Brasil como o país do futebol (STAREPRAVO; MARCHI JÚNIOR, 2015). Essas práticas consolidaram de forma decisiva o esporte como esfera de atuação do poder público, com o predomínio de políticas públicas que proporcionavam mais práticas esportivas do futebol.

O futebol como esporte espetáculo reflete características condicionadas do sistema capitalista; é caso do fetiche, em que o produto acaba por mascarar relações de poder que

envolvem a sua produção (LEME, 2011; SANTOS 2014). Para os grandes espetáculos que são as partidas de futebol profissional, foram construídos estádios de futebol em algumas cidades de nosso país, como o Maracanã na cidade do Rio de Janeiro, o qual foi pensado, em específico, para sediar a Copa do Mundo em 1950. Em Fortaleza, temos o Castelão como maior estádio de futebol no Ceará. Sua construção teve início no ano de 1968, durante o governo de Plácido Aderaldo Castelo, e sua inauguração deu-se em 1973, no governo de Cesar Cals (SEJUV, 2017).

É importante evidenciar que, quanto às práticas de esporte, há política pública envolvida desde iniciativas mais localizadas, como a reforma em um campo de várzea (que foi a proposta das Areninhas) até todo o processo da construção ou reforma de grandes estádios os quais foram palco dos jogos da Copa do Mundo em 2014, sediada no Brasil.

A compreensão sobre a relação entre esporte e cidade pode partir de uma reflexão também das políticas públicas que envolvem jogos esportivos. Mezzadri e Silva (2014) apontam que houve maior interesse em estudar as políticas públicas direcionadas ao esporte a partir da década de 1980, período de abertura democrática no Brasil. Houve interesse ainda maior a partir do momento em que o Brasil passou a sediar dois megaeventos esportivos, a saber: a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos, na cidade do Rio de Janeiro, em 2016 (MEZZADRI; SILVA, 2014). Esses podem ser aceleradores de reformas e de construção de novos equipamentos para as cidades, como no caso das reformas em Barcelona a partir de sua nomeação como sede dos Jogos Olímpicos de 1992 (BONFIM, 2010). O esporte é então configurado como um lazer tanto para quem pratica como para quem assiste.

Em se tratando de políticas públicas de esporte e lazer, a Areninha é uma proposta de equipamento esportivo de predomínio da prática do futebol. Além do campo society, reforma-se a praça onde a Areninha se encontra, coloca-se iluminação para a prática noturna e, em alguns equipamentos, também foram construídos parque infantil e quadra de vôlei de areia, além da instalação de equipamentos para a prática de academia ao ar livre.

No bairro Conjunto Palmeiras havia um Centro Social Urbano (CSU), que eram instituições criadas no governo militar de 1970 com objetivo de promover atividades educativas que estimulassem diversas práticas para o desenvolvimento da nação. Por meio das entrevistas, temos uma descrição de lazer na Areninha Sítio São João a partir do olhar dos moradores. Ao questionar sobre lazer na comunidade, tem-se como respostas:

Todo sábado, pode vir aqui, aqui vai tá cheio de mesa e lotado, fica à vontade, pessoal

bebendo aqui, a comunidade e tal. É, pessoal fica aqui até as dez da noite, até onze horas. E domingo também, domingo aqui é muito disputado. Se eu chegar aqui no rachinha domingo seis da manhã, o racha do melancia. É, o racha da melancia, e vai até sete e dez. Depois tem o racha do Lima e depois o jogo do Ciço, que vai até onze horas. Aí depois de onze horas pessoal fica aqui, esse pessoal fica aí até umas duas horas. Aí duas horas tem o jogo do Gama e vai até às seis. Aí fica até umas horas. (Entrevista de Jorge)

Olha, aqui é... nós tínhamos na época aqui, um tempo atrás, nós tínhamos o CSU, né? Que, acabou tudo, né? E, ultimamente, fora a Areninha, num tinha muito lazer não, viu? Não tinha nada não, porque era os campos de futebol, com o trabalho do Carlinho, e aí o Palmeiras não tem mais projeto, né? Então, assim, era muito pouco. (Entrevista de Jorge)

Assim, percebemos que o futebol, de fato, coloca-se como predomínio das práticas de lazer. Perguntado sobre quais outras opções de lazer a Areninha tem proporcionado para a comunidade e se as pessoas utilizam a quadra de vôlei de areia, João responde:

Vem, vem jogar toda tarde eles estão jogando aí. Jogam até tarde, até oito, nove hora. E tem academia, e eu mesmo tive que ir à academia um dia lá, fazer uma musculação, é muito bom, entendeu? É excelente. Vejo, caminhando, todo dia a família caminha aqui ao redor do Conjunto (Fala de João). Eu caminhava, só parei devido a pandemia mesmo. Principalmente porque eu tive, né? (Covid-19). E aí fiquei com medo. (Fala de Ana). Mas antes muita gente caminhando, muita gente fazendo a academia (Fala de João).

Na mesma época em que o Estado brasileiro regulamentou o futebol, também foi garantido aos trabalhadores o direito ao lazer por meio do descanso semanal e das férias, constituído pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) (STAREPRAVO; MARCHI JÚNIOR, 2015). No que toca ao lazer, este é compreendido como tempo livre, relacionando-se a um tempo social, um nada fazer que se opõe a um tempo de obrigações, um tempo livre que “surge da liberação de parcelas de tempo do trabalho” (BACAL, 2003 apud AQUINO; MARTINS, 2007). Da mesma forma, o lazer é associado a palavras como ócio, recreação, divertimento ou até turismo e entretenimento.

No Conjunto Palmeiras, já havia os campos de várzea de futebol. Com o equipamento esportivo Areninha, outras propostas de lazer foram ofertadas para a comunidade e a área passou a ser uma referência de lazer para aquele bairro.

A Areninha chegou pra, assim, além das crianças, né? Os pais ali, tem uma academiuzinha, você viu a academiuzinha, né? E os pais caminham, né, de manhã e de noite ali pra aquele outro lado. Então, assim, mudou muito assim a cara aqui que dá da região aqui, a Areninha veio pra...

É, nesse parque, no caso desse lado aqui da Areninha é muito bom, né? Tem o churrasquinho aqui, né? Aqui também tem tudo, né? Os vizinhos também vendem a

panelada aqui também, o caldo. Então assim, o seu João (nome fictício), ele continua até hoje, né? O seu João nunca parou, você apontaria aqui, no lado aqui, e ver que ele nunca parou. Isso aí, o pessoal, assim por exemplo, tem um jogo sábado quatro às seis e seis às oito. (Entrevista de Ana e João)

É preciso descrever a estrutura que se dá na Areninha pois, além de um campo de piso de grama sintética, a calçada ao redor é reformada e a estrutura também recebe iluminação. Assim, moradores utilizam a Areninha para caminhadas, para levar as crianças para brincar ou para ficar assistindo aos jogos que estão acontecendo. Desta forma, ao ser questionado se tem algum aspecto negativo com a instalação da Areninha no bairro, Jorge nega e justifica-se:

Ah, eu acho que negativo, eu assim, eu não, eu não vejo. Porque assim, aqui era escuro, era uma coisa apagada aqui. Então hoje ela é clara, o negócio aqui é animado, isso aqui é isso aí, de segunda a segunda, não tem dia que não tem movimento não. Então, pra mim, né, só mesmo aspecto positivo, de negativo eu não vejo. Só o fato de as pessoas da comunidade e ao redor, né, tá aqui jogando aqui, e gostar, sabe? Aqui é um ponto que vem todo mundo aqui. Então, nem sempre vem jogar não, mas vem assistir. Então, é uma coisa assim que só positivo (Entrevista de Jorge)

Para Jorge, a Areninha é um espaço de interação entre os moradores. Mesmo alguns não jogando o esporte futebol, o equipamento esportivo cumpre a função de lazer, ao proporcionar um espaço também de trocas e conexões afetivas. João também traz aspectos positivos sobre as pessoas que utilizam a Areninha:

E aqui, é... o pessoal vem jogar, é tudo, aqui é só gente, eu digo, de comunidade, que a pessoa boa. Pessoas boas, não tem pessoas más. Você vê, é... todo mundo com aquele papo de amizade, fica sentando e batendo papo depois do futebol, ficam conversando. Isso é muito bom, entendeu? Quer dizer, se torna uma comunidade, uma irmandade. (Entrevista de João)

Ainda assim, é preciso desconfiar e realizar uma análise crítica das intervenções que os governos realizam. Bonfim (2010) relata que dificilmente as necessidades da coletividade são ouvidas e, com isso, os espaços não são tratados como extensão da identidade dos indivíduos no local. Pode haver um descaso das políticas governamentais para a comunidade de modo a favorecer o desenvolvimento de ideologias do Estado com intenção de fortalecer seu poder hegemônico, prevalecendo, portanto, os detentores do poder econômico (BONFIM, 2010).

A Areninha Sítio São João foi a sexta inaugurada pela Prefeitura de Fortaleza, no ano de 2016. Esta política pública iniciou sendo desenvolvida pela prefeitura e passou a ter parceria com o governo estadual. Atualmente, tem-se 99 Areninhas construídas na capital e 160 construídas em outras cidades do Estado, e ainda um discurso do fim da gestão do governo Camilo de finalizar com 600 Areninhas (SEJUV, 2022).

De acordo com Starepravo (2014), algumas políticas públicas de esporte e lazer em apoio a megaeventos esportivos definem-se como uma espetacularização das políticas públicas, pois se articulam mais com uma intenção de acúmulo de capital dos políticos e gestores públicos. Dessa forma, passam a ver o esporte não como um direito social, mas como uma oportunidade de um grande negócio de continuidade de gestão. Assim, ainda que haja uma continuidade massiva de investimento público, não se tem uma análise de retorno da própria comunidade sobre o equipamento esportivo implantado no seu território.

Quando o vereador tiver conversando, você diz, ‘perai, meu senhor, você tem lá todo o direito de falar do prefeito a hora que o senhor que quiser, agora vamos falar nós dois aqui... Prefeito, e tchitchitchi cochichar no ouvido dele. Se é voto que o esse povo quer? A comunidade tem voto, quarenta mil habitantes, basta as coisas fazerem acontecer. Então tem aquele ditado, né, a política só evolui nas comunidades que tão acontecendo as obras fundo de quintal. (Entrevista de Maria)

Dessa forma, considera-se necessário investigar políticas públicas que envolvam lazer para populações que vivem em extrema pobreza a fim de compreender os reais benefícios que essa população pode acessar. Starepravo (2014) evidencia que é preciso mapear o espaço social em que a política pública é visibilizada, pois, no processo de sua produção, há disputas, relações, alianças, decisões não planejadas e decisões estratégicas. Nesta pesquisa compreendemos o sentido de comunidade como um instrumento valioso para ter este retorno da comunidade.

O motivo da Prefeitura de Fortaleza para apresentar o projeto das Areninhas era “construir equipamento esportivo em bairros com alta vulnerabilidade social e baixo IDH”. Nesses locais, tem-se o impacto da violência com o crescimento das facções em comunidades mais vulneráveis. O atravessamento da violência também foi evidenciado nas falas dos entrevistados:

E a outra é a questão da violência. Então se eu não tenho uma política pública dentro da comunidade é claro que a violência vai acontecer, vai, vai aumentar. Porque essas pessoas vão estar vulneráveis, vão estar desempregadas, vão estar com fome, não vai ter o que dá para esse jovem (Entrevista de Maria).

Eu... isso aí eu não sei nem dizer que era do outro lado, aí parece que devido a violência, né? Mais que teve aí uns dias que tava meio complicado, e o pessoal acabaram tirando as bancas. Teve outros que foram embora. Tinha uma senhora ali que trabalhava e foram embora. Foram acabando aos poucos (Entrevista de Ana).

Maria trouxe em sua fala a relevância das ações de políticas públicas para o enfrentamento à violência na comunidade. Já com Ana, em relatos após a entrevista, com o gravador já desligado, foi falado que, com a vinda da Areninha e um local com iluminação,

algumas pessoas colocaram barracas de comida para aumentar sua renda. Isso fez aumentar o convívio entre as pessoas neste local, mas também passou a ser espaço de disputa de território de facções. Em alguns momentos houve tiroteios e algumas pessoas morreram, o que fez com que o comércio local se retirasse. Este assunto foi tratado na entrevista de Ana e João:

Foi, no começo... no começo o pessoal ficaram com medo. Teve um tempo aí que ficou muito violento, né? E aí o pessoal ficaram com medo, aí tiraram (Fala de Ana). É a questão dessas facções, né, que vão se infiltrando nos bairros, né, nas comunidades. Então, acho que teve um período que aqui teve, ficou um pouco movimentado sobre isso. Aí eu acho que o pessoal tiveram medo e tal, de ficar ali e se expor até umas oito, nove, dez horas da noite, e aí mais ou menos acho que foi isso também, teve esse ponto aí também do pessoal se afastar (Fala de João).

É preciso analisar e compreender as vulnerabilidades de cada comunidade para que se preveja ações de prevenção, proteção e reparação. Se há indícios de conflitos em uma comunidade, um equipamento esportivo poderá juntar as pessoas, mas não necessariamente trazer vínculos protetivos. É preciso então que ações comunitárias e de segurança venham junto com uma política pública esportiva.

Sobre a forma como estão gerindo as Areninhas, também houve uma fala que não seria de usufruto para toda a comunidade. Para alguns rachas (partidas amadoras de futebol) é cobrada uma taxa, ainda que voluntária, mas que pode gerar sentimentos de vergonha e humilhação por parte daqueles que não tem como contribuir. Assim, a Areninha seria um direito de todos ou só quem tem dinheiro? E ainda, quem coloca as regras desse jogo seria a própria comunidade ou uma intervenção do Estado?

E o equipamento que é pra usufruto da comunidade num vai ser, vai ser usufruto tipo meio que privado, o que a gente não sabe se vai ser pago ou se não vai ser pago. Porque até então rola dinheiro. Porque se eles tão jogando e o cara ganha, e o time ganha, e aí? Vai tá lá jogando e num vai ganhar nada? Vai rolar nem uma caixa de cerveja? Rola. E o passeio do time? Rola! Então, querendo ou não, rola dinheiro. Então, se não fizer um projeto, sei lá, um professor do município ou do Estado, sei lá, que tem isso das secretarias do esporte tem como providenciar isso. As Areninhas que eu frequentei é mais ou menos isso que eu te falei. São... única Areninha que eu vi, que é aquele Atleta Cidadão, que é no Santa Filomena, que é uma Areninha recentemente inaugurada, né? Que eu acredito... foi ano passado, no final do ano passado, que ele tem esse projeto, o Atleta Cidadão, né? Que uma das lideranças lá, que é a Andrea Oliveira, que ela é agente da cidadania, ela buscou esse projeto, que ela descobriu que tinha esse projeto, ela fez as amizades com o pessoal, e disse “eu quero lá na Areninha também, o que que eu preciso fazer para trazer esse povo pra cá”. E aí ela correu atrás, correu atrás. E um dos professores é da comunidade, né? Ele tem o recurso pra poder comprar o material, bola, essas coisas, um troféuzinho e tudo. E ele faz, é... ele faz as inscrições, e tal horário é tal idade, tal horário é tal idade, tal horário é tal idade, e até o futebol das mulheres. E no final de semana é que tem os torneios. (Entrevista de Maria)

Há uma diferença entre ócio e lazer não estruturado, atividade esta que pode culminar em atividades solitárias, como deitar em sua cama e refletir ou ver televisão (SARRIERA et al, 2007). Sarriera et al (2007) apontam que o uso do tempo livre em atividades não estruturadas, pela falta de acesso a equipamentos esportivos ou de lazer, potencializa a vulnerabilidade em populações de classe popular, especificamente com relação a comportamentos de risco, como violência juvenil ou envolvimento com drogas ilícitas. Maria compreende que o equipamento esportivo Areninha como uma atividade de tempo livre estruturada, como apresentada na sua fala:

Na realidade eu nunca pensei, assim, na Areninha como uma coisa vaga, eu sempre pensei ela como uma coisa, uma proposta maior, né? Porque, como eu te falei, como a gente tem os equipamentos do município, que aqui as escolas, algumas escolas libera a quadra, né? Pelo que eu conheço, só é duas, de oito, o restante não libera. Então, assim, você vê muitos jovens ociosos sem fazer nada, na rua. Aquilo ali pra um traficante é maravilhoso. É maravilhoso, porque tá ali, ele vai ser um olheiro, ele vai ganhar ali dez reais, depois vinte, depois ele vai ganhar trinta. Depois ele vai tá envolvido na rodinha lá, os que vende vão oferecer pra ele, e ele vai usar. E agora ele vai “ah, eu vou querer, que é o máximo. Ah, eu como muito bem todo dia, como quentinha, levo dinheiro para a minha casa, tô usando um tênis legal, pintei meus cabelos, fiz luzes”. Ele começa a ver aquilo ali como um negócio pra ele mesmo, como se fosse um emprego, como se tivesse trabalhando e ganhando por aquilo. E aí, quando você vê a estrutura da Areninha, a princípio é aquilo que eu te falei, vai colocar lá em cima, num vai ter um projeto dentro, num vai ter uma articulação de comercialização, de gerar renda, né, como a dona de casa que vende comida, dindim, pipoca, sei lá o quê. Num vai... porque se não tiver um projeto, vai ficar ocioso o equipamento. E ali, quem for jogar bola da comunidade, vai ficar muito mais aberto pro tráfico. Vender e comercializar. Porque não tem comunidade frequentando, num tem moradores frequentando. Mas se você tem uns banquinhos, se você tem um equipamentos de ginástica, se você tem uma ferinha, se a comunidade começa a se apropriar, eles começam a se afastar, “não cara, num vai dar certo vender ali não”. Que uns começam a se aproximar, a dar uma passada, a olhar o movimento. A comunidade começa a se sentir dona do espaço. Protagonismo, identidade. Não foi ela quem construiu, mas ela começa a limpar, ela começa a organizar, ela começa a plantar. Ela começa a botar lá os adereços dela, e ela vai se sentindo pertencente do local. Então, eu acho assim que não é só colocar a Areninha, eu acho que tem que ter o projeto de futebol mesmo, né? Um profissional pago, fazendo as aulas de tal hora, a criança de tal idade. Se eu deixo aberto pra qualquer pessoa fazer torneio de futebol, ou criar seus grupos e fazer esses campeonatos, e os outros jovens? E as crianças pequenas de 5 anos, 7 anos, 8 anos? E os pré-adolescentes de 11 anos, 12 anos, vão ficar de fora? Quer dizer então que a Areninha vai ser usada só pra torneio, pra adulto ou pra coroa, ou pra quem já joga? (Entrevista de Maria)

A Psicologia Social do Esporte parte da reflexão do esporte como propiciador de práticas mais sociais, solidárias e cooperativas (CARVALHO et al, 2019). As autoras trazem a perspectiva de que o esporte é uma ferramenta de prevenção e cuidado das relações humanas ao proporcionar a possibilidade de menos isolamento social e mais encontro entre as pessoas nas práticas esportivas e, com isso, colabora para a construção de vínculos e ações cooperativas.

Para tal, é necessário analisar o papel do esporte nos programas em que são inseridos, se está em uma perspectiva competitiva, de caça de talentos de novos atletas para a profissionalização, o que dará oportunidade a poucos entre muitos, ou se o esporte preserva uma perspectiva educativa que pode promover a inclusão, a diversidade de pessoas aptas a cooperarem e preservarem seu entorno nas multiplicidades de manifestações esportivas.

Finalmente, sobre o público que frequenta a Areninha para jogar futebol, esta pesquisa perguntou sobre a presença de mulheres ao que teve a seguinte resposta:

É, assim, o quê que acontece é em relação de mulher que não tem. As mulheres daqui aparecem duas, sabe, mas não vem assim dez meninas pra jogar? Aparece uma, duas, três no máximo, entendeu? Acho que falta ainda, a meu ver, um time de mulher pra treinar, jogar, e animar mais, entendeu? Ter uma coisa diferente também, que é também que tem três aqui, né? Por enquanto falta um time feminino. (Entrevista de Jorge)

Buscamos compreender as práticas de lazer em comunidades que vivem em pobreza multidimensional na relação com o Sentido de Comunidade. Com a presença de equipamentos de lazer, mais políticas públicas de suporte ao equipamento podem ser propiciadas, como mais segurança para que ocorra a continuidade de comercialização. Também pode ser propiciadas mais especificidades de políticas públicas de esporte e lazer trazendo profissionais da área de esportes e atividade física para que, de fato, realize-se a iniciação esportiva para pessoas de diferentes idades e gênero e, assim, o acesso ao lazer seja para todos da comunidade.

É necessário compreender que o acesso ao lazer, à cultura e ao esporte contribui para que o tempo livre em comunidades de classe popular venha a ser usufruído também como um fator protetivo, evitando situações de risco (SARRIERA et al, 2007). Esporte e lazer podem promover desenvolvimento, saúde e qualidade de vida para as pessoas. Além disso, a prática em espaços públicos e equipamentos esportivos pode contribuir para maior fortalecimento comunitário e, com isso, fortalecimento do Sentido de Comunidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Areninha Sítio São João foi a sexta inaugurada pela Prefeitura de Fortaleza, no ano de 2016. Esta política pública iniciou sendo desenvolvida pela prefeitura e passou a ter parceria com o governo estadual. Mesmo com um discurso do governo Camilo e vice Governadora Isolda de finalizar sua gestão com 600 Areninhas (SEJUV, 2022), ainda vemos como discursos rasos de que bastaria a inauguração de um campo de futebol *society* e os jovens estariam afastados da criminalidade, sem o empenho de se investir em múltiplas vulnerabilidades ainda necessárias para a juventude. É preciso ter um olhar crítico para essas ações a partir da espetacularização das políticas públicas, pois se articulam mais com uma intenção de acúmulo de capital dos políticos e gestores públicos e, dessa, forma passam a ver o esporte não como um direito social, mas sim como uma oportunidade de um grande negócio de continuidade de gestão. Este estudo se propôs a compreender a relação de lazer na Areninha Sítio São João para o fortalecimento do Sentido de Comunidade dos moradores do bairro Conjunto Palmeiras, em Fortaleza. Para tal, foi preciso compreender como os moradores compreendem a pobreza e descrevem a sua relação na comunidade para o entendimento do sentido de comunidade na relação de utilização de práticas de lazer na Areninha.

A comunidade do bairro Conjunto Palmeiras apresentou uma série de conquistas por meio da luta popular e ter uma Areninha em seu território não foi diferente. Compreendemos a história da construção do campo, a Areninha Sítio São João, a princípio, não fazia parte dos planos empreiteiros da prefeitura, mas no local já havia um campo de futebol que seria tomado para uma outra ação da prefeitura. A comunidade barrou os tratores para conseguir conversar com os gestores para conseguir manter seu espaço de lazer. Que conquista!

Outras questões também ensejaram o presente trabalho, sendo que algumas delas surgiram durante o processo de pesquisa. Existem nuances e estratégias diferentes para planejar uma política pública de esporte e lazer para comunidades pobres? O que se quer alcançar ao problematizar a relação entre vulnerabilidade social e equipamento esportivo de qualidade para a comunidade? Considera-se fundamental compreender a pobreza como multidimensional e, com isso, também compreender suas influências na constituição humana. Tal entendimento fortalece a importância do âmbito de lazer e esporte que é ofertado a partir da estrutura em que a pobreza é imposta, em contextos de vulnerabilidades sociais, carências de diversos setores e fatalismos em suas condições, resistindo em busca de não inferioridade. O esporte pode proporcionar experiências libertadoras, que agregam a comunidade?

A comunidade do bairro Conjunto Palmeiras convive em situação de vulnerabilidade social e com IDH baixo. A partir disso, buscamos compreender como a comunidade percebia a pobreza, um dos objetivos específicos dessa pesquisa. Foram evidenciados como aspectos concretos os fatos de os sujeitos não terem o que comer, de viverem em condições insalubres sem saneamento básico ou não terem acesso a direitos por não possuírem um documento de registro no cartório. Consideramos também como aspectos psicossociais da pobreza o fatalismo diante da situação imposta, atitudes conformistas que possam gerar estigmatização das pessoas, assim como a vergonha de estar nesta condição. Sendo assim, nos foram notáveis múltiplas percepções sobre pobreza, desde formas mais críticas e concretas, como um fenômeno social agravado pelas condições socioeconômicas vigentes e ausência e/ou ineficácias de políticas públicas, até questões psicossociais que incluíam perspectivas de reconhecimento da mesma como um fenômeno social próximo ou que a pessoa estivesse vivendo.

Ainda, é importante considerar que atualmente vivemos uma gestão de governo Federal antidemocrática com estratégias de cortes de direitos e que tem aumentado as vulnerabilidades sociais, especialmente em contextos periféricos. Desta forma, percebeu-se algumas ações de solidariedade de combate à fome e de continuidade de inclusão nas práticas de esporte e lazer.

Como mais um objetivo específico desta pesquisa, destacamos a participação social como um fator profundamente relacionado com o Sentido de Comunidade, uma vez que se considera como um fator protetivo da comunidade e/ou de vulnerabilidade. Para tal, partimos da compreensão do que as pessoas tinham sobre comunidade, e que mostrou a união das pessoas, desde conhecer um ao outro, e passando a reconhecer-se como alguém que se faz parte do seu convívio. Também entendemos que, por meio da participação em atividades de lazer ou esporte, as pessoas da comunidade passaram a se conhecer ainda mais, sentindo-se assim mais unidas. Outra característica que se apresentou nas falas sobre a comunidade foi a de ser engajada nas lutas sociais, por querer saber das obras que estão acontecendo no seu bairro e também de já haver rotina de pessoas se encontrando com certa frequência para discutir e decidir as ações que querem buscar.

Ao longo da inauguração do campo desvelam-se aspectos ora positivos, ora negativos. A Areninha trouxe lazer novamente para a comunidade, que não tinha mais

equipamento esportivo público com a não manutenção do Centro Social Urbano (CSU). Por um momento inicial, houve maior ocupação da comunidade utilizando a Areninha para jogar futebol, aproveitar a iluminação na área e montar comércio informal para contribuir na renda.

Porém, nas entrelinhas das falas, foi percebido que a prática do futebol é ainda desigual, com pouca participação de mulheres – por isso, não é para todos. Existem diferentes motivos para participação não-ativa de modo que as mulheres não pratiquem futebol, sendo um deles a própria desigualdade social de gênero; quem pratica mais futebol são homens e isso fomenta diferentes oportunidades de participação. Por isso, o Sentido de Comunidade é também pensado para superar essas estruturas de poder, a fim de que não haja uma visão errônea da comunidade, a qual não reconhece estratégias de dominação e opressão que ainda cerceiam o âmbito comunitário. Além disso, houve ocupação da comunidade usufruindo do comércio local e houve confronto de grupos de facção rivais, ocorrendo óbitos e levando à conclusão de retirar esses comércios pois geraram inseguranças.

Buscamos compreender as práticas de lazer em comunidades que vivem em pobreza multidimensional e afirmamos que, com a presença dos equipamentos de lazer, políticas públicas de suporte ao equipamento precisam ser propiciadas. Políticas públicas que favoreçam o fortalecimento comunitário, com mais acesso ao comércio e à segurança, além de mais especificidades de políticas públicas de esporte e lazer. Pensa-se na eficiência de uma política pública que promove prática de atividade física e esportiva de qualidade, mas é preciso que outras políticas venham junto, para assim haver uma discussão ampliada das Políticas Públicas de Esporte e Lazer a partir das impressões do impacto da Areninha em uma comunidade periférica.

A política pública de esporte e lazer, sozinha, não executa plenamente sua potência de transformação. Além da entrega de um equipamento esportivo, considera-se que é preciso que se haja continuidade de ações; por exemplo, que tenha política pública de segurança, por já prever que haverá maior ocupação e que estes locais de vulnerabilidade social na cidade de Fortaleza estão também comandados por facções. As medidas protetivas, de segurança apareceram mais como trajetórias pessoais de resistências, do que ações coletivas e advindas do Estado.

É também preciso pensar da importância da contratação de profissionais da área de esportes e atividade física para que, de fato, se realize uma iniciação esportiva para pessoas de

diferentes idades e gênero, de forma que o acesso ao lazer seja de fato inclusivo e não somente a manutenção de acesso ao esporte pelo gênero masculino.

A realidade brasileira reúne fatores diversos envolvendo discriminação econômica e cultural, política e étnica, além da inacessibilidade e falta de equidade social. Os projetos sociais surgem como alternativa para minimizar os efeitos desse tipo de violência e exclusão social, entre outros. (CARVALHO et al, 2019)

A partir do exposto, podemos ponderar a relevância de contextualizar a conquista da comunidade ao trazer uma política pública para o seu território. Os questionamentos se colocam como um processo que ainda precisa ser mais investigado, com mais instrumentos, mais parâmetros, mais imersões e comparações com outras políticas públicas de esporte e lazer que se realizam em contextos pobres do Ceará, do Nordeste, do Brasil, da América Latina.

É preciso considerar os desafios de realizar esta pesquisa desde seus momentos iniciais. Buscamos uma compreensão crítica de uma política pública de esporte e lazer a partir do que diz a comunidade, aproximando com a teoria crítica e observando o campo e suas atuações. Ainda, uma pesquisa atravessada pela pandemia de Covid-19, que foi preciso readequar o processo metodológico até se chegar em uma possibilidade de realizar-se pesquisa, com finalidade que os resultados possam oferecer possibilidades de estratégias de intervenções psicossociais para a realidade vivida.

Por fim, consideramos de suma importância registrar a partir desta pesquisa a luta popular de um membro da comunidade, o Carlinhos, que faleceu de Covid-19. Carlinhos foi protagonista para que o campo de futebol do bairro não fosse destruído. Foi a partir desses diálogos com a Prefeitura de Fortaleza que se decidiu pela construção da Areninha Sítio São João no bairro do Conjunto Palmeiras.

7 CONCLUSÃO

Consideramos que tratou-se de uma discussão crítica acerca de uma política pública de esporte e lazer em contextos de vulnerabilidades sociais. Assim, o objetivo macro que buscou ser contemplado, qual seja o intuito de compreender relações entre os hábitos de lazer na Areninha para o fortalecimento do Sentido de Comunidade dos moradores do bairro Conjunto Palmeiras, foi regularmente alcançado. Na mesma medida, foi importante demarcar as limitações e provocar mais investigações.

A presente investigação partiu da vontade de contribuir criticamente com intervenções psicossociais relacionadas às políticas públicas de esporte e lazer em contextos comunitários. Em se tratando da política pública da Areninha, que mostrou-se ao longo desses anos em franco crescimento com a abertura de novos equipamentos esportivos, é preciso trazer à tona aspectos positivos e pontos que precisam ser cuidados, vislumbrados. Esta pesquisa traz o posicionamento que é preciso que tenha junto, políticas que favoreçam o vínculo comunitário, como maior segurança para a comunidade e gerenciamento das práticas de esporte e lazer por profissionais da área das atividades físicas e esportes, como profissionais de educação física e psicólogos sociais, comunitários e da área de esporte e lazer.

Por se tratar de uma política pública que se afirma criada para atender contextos específicos de vulnerabilidades sociais, foi relevante realizarmos um levantamento da compreensão de pobreza multidimensional da comunidade a partir de olhares diferenciados e sem perder os pontos de vista das pessoas que moram no território. Relacionar pobreza, Sentido de Comunidade e hábitos de lazer foi fundamental para apresentar aspectos psicossociais da pobreza nas estratégias de resistências.

Ainda que as vulnerabilidades possam enfraquecer o vínculo comunitário, percebeu-se que os hábitos de lazer fortalecem o sentido de comunitário, sendo, dessa forma, fatores protetivos e contribuindo para o desenvolvimento da comunidade. A partir das práticas de esporte e lazer as pessoas passaram a conviver mais, conhecer umas às outras e solidarizar-se em situações comunitárias ou individuais – por exemplo, a forma como o grupo se juntou para dar uma cesta básica para alguém que estava em situação de pobreza extrema.

Por isso, estes estudos podem continuar na perspectiva de investigar mais as relações entre a fragilização ou o fortalecimento dos vínculos comunitários, com o Sentido de Comunidade e o fomento das práticas de esporte e lazer em contextos de vulnerabilidades

sociais. Assim, será possível aprofundar mais conhecimentos sobre os modos de vida comunitários por meio das práticas de esporte e lazer. Pode-se ainda refinar estas compreensões a partir de instrumentos quantitativos e qualitativos, como um processo relevante para os estudos sobre as implicações psicossociais das pobreza. Abre-se espaço para compreender também como acontece esta relação em diferentes contextos comunitários, em outras cidades do Ceará, em outros estados ou até em outros países que possuem a prática do futebol como predominante de hábitos de lazer, assim como o Brasil.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, E. A.; RIVERA, M. E. S. D. **Comunidad: Interacción, conflicto y utopia**. Puebla: Universidad Iberoamericana, 2014.
- AMARO, J. P. Sentido Psicológico de comunidade: uma revisão. **Análise Psicológica**, v. 1, p 25-33, 2007.
- ANUÁRIO DE FORTALEZA, **População por bairros 2010**. 2012. Disponível em <http://www.anuariodefortaleza.com.br/fortalezenses/populacao-por-bairros-2010.php>. Acesso em 27 mai. 2020.
- ANUÁRIO DO CEARÁ. **Índice de Desenvolvimento Humano – Fortaleza 2010**. 2012. Disponível em <http://www.anuarioceara.com.br/indice-bairros-fortaleza/>. Acesso em 2 nov. 2019.
- AQUINO, C. A. B.; MARTINS, J. C. O. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**. v. 7, n. 2, p. 479-500, set. 2007.
- BAGOLIN, I. P.; ÁVILA, R. P.; COMIM, F. V. Pobreza extrema e seus tríplices fundamentos: Profundidade, persistência e multiplicidade. **Revista de Economia**. v. 38 n.1 p. 167-188, jan-abr, 2012.
- BARBOSA, V. N. M. **As implicações psicossociais da pobreza na relação entre Sentido de Comunidade e desigualdades sociais de gênero no Parque da Liberdade**. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.
- BARRETO, E. H. F. L.; SILVA, G. R. G; XIMENES, V. M.; BONFIM, Z. A. C.; SOARES, A. K. S. Conceitos, inte-relações e transações entre vulnerabilidade e ambiente: Uma revisão sistemática da literatura brasileira. **Perspectivas em Psicologia** v.14, n.2, p. 93-104, dez, 2017.
- BONFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BREAKWELL, G. M. **Métodos de pesquisa em Psicologia**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CARVALHO, C. C.; EPIPHANIO, E. H.; VIANA-MEIRELES, L. G. Esporte, cooperação e solidariedade. In RUBIO, K; CAMILO, J. A O. **Psicologia Social do Esporte**. Tatuapé: Laços, 2019.
- CEARÁ. **Seguindo protocolos, educação infantil privada, pequenos eventos e equipamentos culturais e esportivos terão atividades retomadas em setembro**. 28 de agosto de 2020. Disponível em <https://www.ceara.gov.br/2020/08/28/seguindo-protocolos-educacao-infantil-privada-pequenos-eventos-e-equipamentos-culturais-e-esportivos-terao-atividades-retomada-em-setembro>. Acesso em 9 set. 2020.
- CIDADE, E. C.; MOURA Jr., J. F.; XIMENES, V. M. Implicações psicológicas da pobreza na vida do povo latino-americano. **Psicologia Argumento**, v. 30, n. 68, p. 87-98, jan-mar, 2012.

- FEITOSA, M. Z. S.; SOUSA, L. C. A.; PAZ, A. F. C.; BARRETO, E. H. F. L.; BONFIM, Z. A. C. Afetividade, território e vulnerabilidade na relação pessoa-ambiente: Um olhar ético político. **Fractal: Revista de Psicologia**. v. 30, n. 2, p. 196-203, ago, 2018.
- FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.
- GONZÁLEZ, K. I. H.; LUNA B.M.M. **Sentido de Comunidad en un Pueblo Originario: Santa Martha Acatitla (entre los carrizos)**. Coyocán: Editora Buena Onda, 2014.
- GUIMARÃES, V. O. S. Construção histórico-social da pobreza: Desnaturalização da percepção das desigualdades sociais. **FacMais**, v. 4, n. 1, p.1-16, ago 2015.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua 2018: 10% da população concentram 43,1% da massa de rendimentos no país**. 2019. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25700-pnad-continua-2018-10-da-populacao-concentram-43-1-da-massa-de-rendimentos-do-pais>. Acesso em 14 mar. 2020.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **O que é? IDH**. 2008. Disponível em https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2144:catid=28&Itemid=23. Acesso em 30 abr. 2020.
- JESUS, G. M. Do espaço colonial ao espaço da modernidade: Os esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**. v. 7, n. 45, ago, 1999.
- JIMÉNEZ, C. Extrema pobreza sobe e o Brasil já soma 13,5 milhões de miseráveis. **El País**, 6 de novembro de 2019. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/06/politica/1573049315_913111.html. Acesso em 14 mar. 2020.
- LEME, C. G. **O futebol como estratégia de ascensão na sociedade de risco: O atleta “sem clube” e sua identidade**. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2011.
- LOOMIS, C.; WRIGHT, C. How many factors does the sense of community index assess? **Journal of Community Psychology**, v. 46, p. 383–396, 2018.
- LONG, D. A.; PERKINS, D. D. Confirmatory factor analysis of the sense of community index and development of a brief SCI. **Journal of Community Psychology**, v.31, n.3, p. 279–296, 2003.
- MARANTE, L. R. P. **A reconstrução do Sentido de Comunidade: Implicações teórico-metodológicas no trabalho sobre a experiência de Sentido de Comunidade**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Secção de Psicologia Clínica e da Saúde, Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.
- MAYORGA, C. Algunas contribuciones del feminismo a la psicología social comunitaria. **Athenea Digital - Revista de pensamiento e investigación social**, Barcelona, v. 14, n. 1, p. 221-236, 2014.

- MEZZADRI, F. M.; SILVA, M.M. Desenvolvimento de um método para as pesquisas em políticas públicas de esporte no Brasil: Uma abordagem de pesquisa mista. In MEZZADRI, F. M. **Políticas Públicas e Esporte**. Várzea Paulista: Fontoura, 2014.
- MCMILLAN, D. W.; CHAVIS, D. M. Sense of Community: A definition and theory. **Journal of Community Psychology**. v.14, jan, 1986.
- MOURA JR., J. F. **Pobreza Multidimensional e bem estar pessoal**: Um estudo acerca da vergonha e da humilhação. 201. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- MOURA JR., J.F.; BARBOSA, V.N.M.; RAMOS, T.O.; SILVA, A.M.S.; XIMENES, V.M. Validação do Índice Abreviado de Sentido de Comunidade para contextos rurais em situação de pobreza no Brasil. **Estudos de Psicologia (Natal.Online)**, v. 25, p. 91-101, 2020.
- MOURA JR., J. F.; CIDADE, E. C.; XIMENES, V. M.; SARRIERA, J. C. Concepções de pobreza, um convite à discussão psicossocial. **Temas em Psicologia**, v. 22, n.2, p. 341-352, 2014.
- MOURA JR., J. F.; SARRIERA, J. C. Impactos das diferentes formas de mensuração da pobreza nas variações do índice de Bem-estar Pessoal. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 35, p. 1-11, 2019.
- MOURA JR., J. F.; SARRIERA, J. C. As relações entre pobreza e bem-estar: uma revisão sistemática. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 100-125, dez, 2017.
- MOURA JR., J. F.; XIMENES, V.M. A identidade social estigmatizada de pobre: uma constituição opressora. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói_RJ, v. 28, n. 1, p. 76-83, 2016.
- MOURA JR., J. F.; XIMENES, V. M.; SARRIERA, J. C. Práticas de discriminação às pessoas em situação de rua: histórias de vergonha, de humilhação e de violência em Fortaleza, Brasil. **Revista de Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 18-28, 2013.
- NEPOMUCENO, B. B.; BARBOSA, M. S.; XIMENES, V. M.; CARDOSO, A. A. V. Bem-estar pessoal e Sentido de Comunidade: um estudo psicossocial da pobreza. **Psicologia em Pesquisa**, v. 11, n. 1, p. 74-83, jan-jun, 2017.
- NOGUEIRA, Q. W. C. Esporte, desigualdade, juventude e participação. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v.33, n.1, p.103-117, jan-mar, 2011.
- PEDROSA, G. **Palmas e Palmeiras**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2012.
- POLLI, S.A.; et.al. A experiência do mapa da solidariedade frente à desigualdade em tempos de pandemia. **Revista de Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 16, n. 43, p. 21-32, ed. esp. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/12381>. Acesso em 26 out. 2021.
- PREFEITURA DE FORTALEZA. **Prefeito Roberto Claudio inaugura Areninha do Sítio São João**. 2016. Disponível em <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeito-roberto-claudio-inaugura-areninha-do-sitio-sao-joao>. Acesso em 2 nov. 2019.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Projeto Areninhas**. 2016. Disponível em <https://hom.catalogodeservicos.fortaleza.ce.gov.br/categoria/esporte%20/servico/283>. Acesso em 9 ago. 2018.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **O que são Areninhas?** 2016. Disponível em <https://esportelazer.fortaleza.ce.gov.br/2016-05-19-20-27-40/o-que-s%C3%A3o-areninhas.html>. Acesso em 9 ago. 2018

RABELO, C. R. “**Memórias de nossas lutas**”: Narrativas do Conjunto Palmeiras em Fortaleza, Ceará (1974 a 2014). 2017. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História e Culturas) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

RUBIO, K. Análise Social do Fenômeno Esportivo e o Papel do Psicólogo. In RUBIO, K. (org.) **Psicologia do Esporte Aplicada**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RUBIO, K.; CAMILO, J. A. O. **Psicologia Social do Esporte**. São Paulo: Képos, 2019.

SAMPIERI, R. H. **Metodologia de pesquisa**. 5 ed., Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, A. D. G. Os três pontos de entrada da economia política no futebol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** [online], v. 36, n. 2, p. 561-575, 2014.

SARRIERA, J. C.; TATIM, D. C.; COELHO, R. P. S.; BUCKER, J. Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 3. p. 361-367, jan 2007.

SEJUV – SECRETARIA DO ESPORTE E JUVENTUDE DO ESTADO DO CEARÁ. **Estádio Plácido Aderaldo Castelo**. 2017. Disponível em <https://www.esporte.ce.gov.br/estadio-castelao/>. Acesso em 8 abr. 2020.

SEJUV – SECRETARIA DO ESPORTE E JUVENTUDE DO ESTADO DO CEARÁ. **Governo do Ceará inaugura areninha e assina ordem de serviço para o Sinalize em Varjota**. 2022. Disponível em <https://www.esporte.ce.gov.br/2022/02/11/governo-do-ceara-inaugura-areninha-e-assina-ordem-de-servico-para-o-sinalize-em-varjota/>. Acesso em 27 de março de 2022.

SEN, A. **O desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

STAREPRAVO, F. A. Caracterizando o subcampo político/burocrático do esporte e lazer no Brasil. In MEZZADRI, F. M. **Políticas Públicas e Esporte** Várzea Paulista: Fontoura, 2014.

STAREPRAVO, F. A.; MARCHI JÚNIOR, W. (Re) pensando as políticas públicas de esporte e lazer: A sociogênese do subcampo político/burocrático do esporte e lazer no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n. 38, v. 1, p. 42-49, nov, 2015.

SILVA, M. O. S. Pobreza, desigualdade e políticas públicas: Caracterizando e problematizando a realidade brasileira. **KATÁL**, v. 13, n. 2, p. 155-163, jul-dez, 2010.

SILVA, V. H. M. C.; ARAÚJO, N. C. Indicadores de renda e pobreza no Ceará em 2020: O que dizem os dados do PNAD Covid-19. **Laboratório de Estudos da Pobreza CAEN-UFC**. 2021. Disponível em <https://lepcaen.ufc.br/wp-content/uploads/2021/03/lep-deemfoco-31mar2021.pdf>. Acesso em 10 out. 2021.

VASCONCELOS, F. A. G. Fome, solidariedade e ética: Uma análise do discurso da ação da cidadania contra a fome, a miséria e pela vida. **História, Ciências, Saúde — Manguinhos**, vol. 11, n.2, p. 259-277, maio-ago. 2004.

VIEIRA, B.; MAYORGA, C. Juventude, ativismo político, políticas públicas e a confusão que é articular isso tudo. **Revista Psicologia para a América Latina**, n. 32, p. 107-117, out, 2019.

XIMENES, V. M.; MOURA Jr. J. F. Psicologia Comunitária e comunidades rurais do Ceará: Caminhos, práticas e vivências em extensão universitária. In LEITE, J. F.; DIMENSTEIN, M. **Psicologia e contextos rurais**. Natal: EDUFRRN, 2013.

XIMENES, V. M.; CIDADE, E. C.; SILVA, G. R. G. Pesquisas em psicologia em contextos de pobreza: Para que e para quem? In XIMENES, V. M.; NEPOMUCENO, B. B.; CIDADE, E. C.; MOURA JR., J. F. **Implicações psicossociais da pobreza: Diversidades e resistências**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora: 2016.

XIMENES, V. M.; MOURA JR., J. F.; CRUZ, J. M.; SILVA, L. B.; SARRIERA, J. C. Pobreza multidimensional e seus aspectos subjetivos em contextos rurais e urbanos nordestinos. **Estudos de Psicologia**. v. 21, n. 2, abr-jun, 2016.

XIMENES, V. M.; SILVA, A. M. S.; ESMERALDO FILHO, C. E.; CÂMARA, A. E.; CLARINDO, J. M. Sentimento de Comunidade e Pobreza Rural no Nordeste, Norte e Sul do Brasil. **Revista Subjetividades**, v.19, n.1, fev-ago, 2019.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente todas as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam elucidados.

Caro(a) participante,

Gostaria de obter a sua autorização para realização de uma entrevista com o intuito de contribuir para esta pesquisa que tem título “Sentido de comunidade, lazer e pobreza: o impacto da Areninha do Conjunto Palmeiras, Fortaleza/CE”. A finalidade desse trabalho é contribuir com informações que auxiliem na elaboração de políticas públicas com uma maior atenção às suas necessidades como usuário e interesses sociais.

A sua participação será respondendo as perguntas da entrevistadora. Não há respostas certas e nem respostas erradas e não haverá identificação de seu nome para garantir o mais rigoroso sigilo. Você poderá acrescentar algo que considere importante e que não lhe foi perguntado. Esta participação não pretende atrapalhar suas atividades rotineiras. A participação nesta pesquisa não traz implicações legais e nem envolve nenhum tipo de pagamento. Você terá a liberdade de recusar a participar e pode, ainda, se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece risco à sua dignidade. No entanto, caso necessite, também poderá ser direcionado para atendimento na Clínica de Atendimento Psicológico de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

Na publicação dos resultados desta pesquisa a sua identidade será mantida no sigilo e serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Sempre que quiser, você pode pedir informações sobre a pesquisa através dos seguintes contatos dos pesquisadores responsáveis: psicóloga Tássia Oliveira Ramos, pelo telefone (85) 99952-0806 (você pode fazer ligações a cobrar caso necessário). Esta pesquisa está sob orientação do professor Dr. James Ferreira Moura Júnior.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará - CEP/UFC/PROPESQ, vinculado à PróReitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Os procedimentos previstos obedecem aos Critérios de Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, parecer número 5.557.282.

Atenciosamente,

Orientador: Dr. James Ferreira Moura Júnior

Mestranda: Tássia Oliveira Ramos

O abaixo assinado, _____, _____ anos, declara que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário da pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive oportunidade de fazer pergunta sobre o conteúdo do mesmo, como também sobre a pesquisa e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro ainda estar recebendo uma cópia assinada deste Termo.

_____ Fone _____ Data ____/____/____

(Assinatura do participante)

APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Eixo 1 - Comunidade

- O que significa comunidade para você?
- Quais as características positivas e negativas de se viver em comunidade?
- O que as pessoas fazem para se ajudar na comunidade?
- Você se sente em casa nesse bairro? Acha que o Conjunto Palmeiras é um bom lugar para se viver? Por quê?

Eixo 2 – Pobreza

- Para você, que significa pobreza?
- Como você percebe as condições de pobreza no bairro?
- Que sentimentos você acha que a situação de pobreza causa nas pessoas?
- Como as moradoras e os moradores enfrentam a situação de pobreza?

Eixo 3 – Lazer

- O que seria lazer para você?
- Qual sua opinião sobre a Areninha Sítio São João?
- Como você vê a importância da Areninha no seu dia a dia e no dia da comunidade?
- Como as pessoas usam a Areninha?
- Você acha que passou a ter mais ou menos violência no bairro com a Areninha? Por quê?
- Você acha que os moradores do Bairro Conjunto Palmeiras passaram a ter mais lazer com a Areninha no seu bairro?
- Você acha que os moradores do Bairro Conjunto Palmeiras passaram a conviver melhor com a partir da Areninha?

Entrevista 1

Data da entrevista: 02/12/2020.

Local da entrevista: Sala de apoio do Banco Palmas, localizado no Conjunto Palmeiras.

Duração da entrevista: 42 minutos e 2 segundos.

Identificador para a entrevistada: Maria

Funcionalidade da entrevistada com o bairro ou Areninha: Liderança comunitária.

Pesquisadora: Por que, ó, a primeira pergunta, porque a idéia é gente entender um pouco como é que a pessoa se sente na comunidade, e como é que ela vê as formas de lazer, e aí pra depois chegar na Areninha, né?.

E1: Tá.

Pesquisadora: O que é comunidade para ti? Eu sei que você já apontou um monte de coisa, mas eu quero saber o que é comunidade?

E1: Bom, aqui pra gente o que é comunidade mesmo é a união do povo. Porque aqui nós somos um povo, além de ser unidos, a gente é solidários. Então a gente é muito solidário com as coisas do bairro e com os moradores do bairro. Percebe-se que um tempo se perdeu isso em algum momento. A gente acredita, as lideranças e tudo mais, um é pela falta de políticas públicas, de investimento nas políticas públicas, né? Dentro das periferias...

Pesquisadora: Isso enfraquece as periferias.

E1: É. Isso enfraqueceu as comunidades demais. E a outra é a questão da violência. Então se eu não tenho uma política pública dentro da comunidade é claro que a violência vai acontecer, vai, vai aumentar. Porque essas pessoas vão estar vulneráveis, vão estar desempregadas, vão estar com fome, não vai ter o que dá para esse jovem. Esse jovem ele não tem oportunidade de nada, tem uma escola com um ensino precarizado por demais. Ele não tem acesso à internet. Dizer pra mim 'ai todo mundo hoje tem acesso à internet' que é uma mentira. E às vezes quando tem acesso à internet é a do vizinho é dos outros. Então assim, eu acho que o que é representar a comunidade mesmo é a união da comunidade. Que essa comunidade aqui, eu posso dizer muitas coisas dela: organizada, mobilizada, articulada, mas ela é unida. Quando acontece

alguma coisa no bairro, a gente começa a... geralmente os moradores ficam sabendo por conta das lideranças, que são mais envolvidos com a questão das políticas públicas. Então quando a gente sabe de alguma obra ou de algum acontecimento ou alguma coisa que a gestão tá fazendo dentro do município e as periferias não tem essa, essa participação, não tem esse retorno também para as comunidades, a gente começa a mobilizar os moradores. Faz a reunião, e aí a gente começa a discutir com os moradores sobre isso. Então, a maioria dos moradores, lideranças, todos vem, né? E aí depois é passado isso para o restante da comunidade, né? A gente repassa pra comunidade pra eles ficarem cientes do que tá acontecendo e tomar o poder de decisões. Ao longo desse tempo mudou muitas coisas, porque antes o Palmeiras quem tomava mais o poder de decisões eram os homens, e isso vem mudando porque o nosso bairro ele, uma boa parte dele eu não sei agora, mas até um tempo desse atrás era 72%, acho que 10 anos atrás no IBGE, era tomado por mulheres, né? E agora eu não sei por que de dez em dez anos que eles fazem uma pesquisa...

Pesquisadora: Era pra ser esse ano.

E1: Teve a pandemia, eles... provavelmente no ano que vem. E, assim, essa, esse território aqui, ele... não sei o que aconteceu durante a política, até sei o que aconteceu, né? Mas não tecnicamente, a gente sabe porque o que a gente vê e acompanha, e eu te falei que eu passei por uns processos do agente de cidadania, que é um olhar da comunidade pra a gestão. Então, um olhar da periferia para o prefeito, né? Então ele deu essa oportunidade da gente ficar mais perto dos gestores, dos secretários. É... saber como é que funciona a máquina, né? Não como ela funciona bem detalhadamente, tecnicamente, mas como ela funciona, como é que tem os fechamentos, né? E aí ele deu pra perceber também que, em relação é essa questão das políticas públicas mesmo, é uma coisa, além de ser precarizada, eu não sei o que é, o que tem na mente deles por não fazer isso, porque uma boa parte de eleitores, se for por base de votos, é nas periferias, né? Se for por questão de mobilização, articulação, muitas comunidades tem hoje em dia. Muitas comunidades, eu posso citar aqui várias comunidades que começaram a se organizar, a se mobilizar. Também pode ser também questão partidárias também, que veio sofrendo por causa disso, né? Pessoas muito mais movimento, muito mais partido, aí as coisas mudaram, aí as coisas foram caminhando para outros os lados, né? Não sou... cada um tem uma ideologia e temos a nossa ideologia também, mas eu não tenho esse pensamento de dizer assim: 'Ah, que nós temos que sair do coronelismo dos Ferreiras Gomes', não. Eu acredito que qualquer político que entrar aqui vai trazer os seus pra dentro, que ele não é burro de trazer, de

colocar eu ou você que ele nunca viu na vida pra trabalhar lá. Mas tem outros fechamentos também, de amarrações políticas, que a gente...

Pesquisadora: Na falta de políticas públicas, como é que a comunidade se ajuda?

E1: Mulher, nós se ajudamos com nós podemos. Porque se não tem política pública não tem como todo, como abarcar todo mundo. Então, que tem as oportunidades, têm são pra poucos. Infelizmente. Algum projeto da Europa, algum projeto do nacional, algum recurso que possa vir dos fundos dos bancos comunitários. E aí é pra poucos, não abarca todo mundo. O que vem dos jovens pra cá pro bairro, pra cá pro banco, mas é da tecnologia, de TI, que eles gostam, mas, assim tipo, se inscrever cem, só vai abarcar uns trinta, que tenha conhecimento, que tenha algum estudo, alguma coisa que saiba mexer, algo do tipo. É feita uma seleção. Já tem algum tempo que não tem, nenhum dos consultores comunitários, que eram os que faziam, que andavam na comunidade e tudo o mais, e o de TI também. Eu acho que o último de TI e foi em 2018 ou foi 17... tem um tempinho, que isso precisa de recurso e realmente as coisas ao longo do tempo elas foram diminuindo. Principalmente esses investimentos na parte disso, social, né? Na parte do, das capacitações mesmo, né?

Pesquisadora: Você acha, assim, o que tem de positivo e de negativo assim...?

E1: De negativo é porque não tem, né, as políticas públicas. Agora, de positivo é porque a gente tá sempre se renovando. A gente tá sempre inventando alguma coisa, sempre se mobilizando, né? Quem diria que nós ia ter Ecoponto, trabalhar com os carroceiros, que os carroceiros ia ter uma renda, que ia ter bolsa catador. Isso é uma construção de muitos anos, é um trabalho de formiguinha, né? Nós moramos aqui do lado do aterro sanitário do Jangurussu, que foi fechado em 2015, mas ainda tem gente que vai lá usufruir de alguma coisa de algum material que possa vender e ter um recurso.

Pesquisadora: Sim. Você se sente mesmo assim da comunidade aqui?

E1: Ah, com certeza, eu sou apaixonada por essa comunidade. O povo fala ‘ah, quando tu se formar, quando tu virar assistente social, tu vai embora daqui’, e eu “claro que não”! Não tem nem perigo de eu ir embora daqui. E meu filho, em nome de Jesus, ele tem hora que ele diz que quer ser veterinário, tem hora que ele diz que quer ser programador, e eu vou fazer de tudo pra que ele continue aqui, continue multiplicando os jogos, passando pra frente todo o conhecimento que ele, que ele vai aprendendo, né? Comigo assim, a gente tem o cineminha da

comunidade, que é essa parte que eu já chamo de empreendedorismo social, né? Que aí, a gente tem esse cineminha na comunidade com as crianças, aí vêm as mulheres, vem os idosos, que nunca foram ao cinema. E aí, às vezes eu chamo ele, aí ele ‘não, vou não que eu já assisti esse filme’ tá mas aí eu deixo tu botar, eu deixo tu colocar o filme, deixo tu ligar o som, eu deixo tu fazer a parte técnica lá do data-show. Aí ele já vai, já se sente pertencente, né? Ultimamente eu tô difícil de tirar ele, porque ele se apegou demais nessa pandemia nos jogos. Ele tá trocando a noite pelo dia...

Pesquisadora: Sim... jogos eletrônicos, né?

E1: É. Jogos online, né, robox, de montagem... é... minecraft, nessas coisas aí.

Pesquisadora: E o que tu acha da pobreza daqui da comunidade?

E1: Mulher, nós superamos a pobreza, não vou dizer que nós não superamos a pobreza. Na época mesmo do Lula a gente conseguiu superar a pobreza, tinha vários projetos aqui, né? Várias intervenções pras pessoas melhorar sua alimentação. Alimentação alternativa, dentro da educação financeira que a gente ensina dicas de culinária pras pessoas aproveitarem seus alimentos. Muita gente aqui com criação de galinha, de porco, de carneiro. Todo sábado aqui você vê um porco pendurado, um carneiro pendurado, você vê as pessoas vendendo galinhas já limpa, galinha caipira. Então, de lá para cá as coisas veio mudando. Quem diria que as pessoas daqui ia fazer faculdade, ia ter um transporte, de comprar um carro, pra poder comprar uma casa, ou poder ter uma casa, né, e poder pagar por ela, né, que é o Minha casa, Minha vida. E poder comer carne pelo menos assim uns vinte dias no mês, né? Mas as coisas vêm mudando demais, veio mudando no extremo.

Pesquisadora: O que tu percebe assim de... voltou a ficar extremo?

E1: As pessoas antes faziam mais refeições, né, tipo cinco ou seis refeições. Toda hora você via o povo comendo na calçada, era uma bruaca, era uma pipoca, era tapioca. Hoje você não vê mais isso, porque a gente tem as gogoseiras, que costumam fazer gogó no final da tarde, cinco e meia né, e aí pega até meia-noite. Então você vê essas mulheres fazendo tudo o que a garrafa empalhada, elas fazem isso aqui da garrafa empalhada da cachaça. Então você vê elas no final da tarde pra noite e era sempre alguém com uma garrafa de café, era uma comida, era uma coisa, janta na calçada. As pessoas tem uma cultura de jantar na calçada, hoje você não ver mais

isso. Hoje não tem mais isso, né? Parece que, meio que as pessoas estão comendo mais dentro de casa, ou não ter tanto acesso a alimentação. A alimentação muito cara, e tão comendo menos. Menos tempo, né? Por exemplo, se de manhã comia aí antes do almoço merendava, almoçava, merendava e jantava, e antes de dormir comia outra coisa. Não tem mais isso. Basicamente é café da manhã, almoço e jantar, e uma merenda. O meu... o bairro aqui, as mulheres gastavam muito com pão, muito com pão, cerca de três reais de pão de manhã e três reais a tarde, isso dá mais ou menos seis reais por dia, então dá uns cento e oitenta por mês comprando pão todo dia. Então, isso daí não tem mais. O pão ele era quatro carioquinha por um real e agora é três. Então, complica, que as famílias daqui, que a maioria tem 3 filhos pra cima. E quando tem os agregados? Que é um irmão, que é a nora, que é num sei quem

Pesquisadora: A namorada...

E1: A namorada não sei de quem, chegou um amigo... Então as coisas estão muito difícil, muito difícil. Você vê que aquela mulher que a gente conversou com ela pra ver como é que tá a situação, essa “é mulher, tá daquele jeito, um ajuda, outro ajuda, um tu dá uma coisa, outro dá outra coisa”. O seu Antônio falou que tava vendo uma pessoa, e eu até perguntei se era da igreja. Ele disse: “ah, toda vez, uma vez por mês vem um senhor aqui, aí distribui umas cestas básicas ali pra nós, e tudo mais”. Então, é basicamente sendo ajudado pelas pessoas, pela comunidade. A comunidade ajudando a comunidade, os que tem um pouquinho mais, pros que não tem quase nada.

Pesquisadora: E pra essas pessoas que ainda precisam assim dessa ajuda, que sentimento tu acha que elas tem, assim?

E1: De desigualdade completa, porque dentro do nosso bairro ainda existe a desigualdade muito forte. Daquela, daquele território lá de baixo pra nossa, porque da onde já se viu que eu nunca iria esperar na minha vida que eles vão dizer que eu moro do lado do asfalto, se um dia desses a minha rua era igual a deles barrenta, a lama e o esgoto, a bosta passando do lado da minha casa, e uma pessoa dizer assim “não, ela mora do lado do asfalto”. Então, é como se a evolução acontecesse por um lado, e por outro não. E que você vê que a desigualdade, ela aumentou. Ela não diminuiu, ela só aumentou. Que a melhoria de vida e de alimentação, tipo assim... a como é que eu vou dizer... a fatura foi por muito pouco tempo e a pessoa não se percebeu que teria que poupar, que teria que economizar, que teria que mudar o seu hábito, que achava que ia ser

por muito tempo, e que, na realidade, não foi. Foi passageiro até demais, se lembrar assim e uma pessoa perguntar, “Vai mulher, se lembra qual foi o dia que tu comeu assim uma carne, comeu seis vezes por dia?” Ela vai dizer: “mulher, faz tanto tempo que eu nem lembro”. Né? Então é bem difícil mesmo. Infelizmente nós não temos esperança em relação a política, nós não temos. A situação mesmo é cada vez ficar pior, ela não vai melhorar, vai cada vez ficar pior. Pode chegar aqui quem for, Barack Obama dizendo que a saúde, a educação vai mudar, a segurança vai mudar, porque não vai. Se os políticos são corruptos, as pessoas que trabalham por trás delas são piores, piores. Você vê em uma periferia dessas você vê cada corrupção. Como é que uma senhora, de idade, de setenta anos, chega num posto de saúde atrás de um atendimento, atrás de uma medicação, atrás de um, de um acolhimento, e ela não tem. Aí só porque eu sou articulada, tenho uma comunicação, chego lá e vou conseguir? Isso é a própria desigualdade, entendeu? Isso é a própria desigualdade. Então, quando elas me procuram, eu vou lá mesmo. Boto a boca no trombone mesmo! E mesmo se eu não for do conselho, eu como moradora do bairro, como faço parte da associação, eu continuo batendo boca.

Pesquisadora: E aí como uma forma de enfrentar tudo isso é ainda articulando?

E1: Articulando, articulando. E aí, nesse ao logo desse tempo de 2015 para cá, eu percebi que eu tenho que ter coleguinhas no meio da política. Eu tava até dizendo aqui, que em 2021 eu tenho que fazer novas amizades, andar em novos lugares para fazer novas amizades, pra ver se eu consigo soprar no ouvido de alguém, alguma coisa pra trazer pro bairro. É isso, você tem que fazer uma manifestação, você faz uma manifestação assim bem pacífica, né, com uma batucada, com um olhar. Mas o que você chama mais atenção é fazendo as ações dentro do seu bairro. É fazendo um mutirão, é fazendo uma organização dos moradores. É uma reunião, né, organizando todo mundo, falando pra todo sobre essa desigualdade. E aí eles mesmos se tocarem. Porque esse negócio do Eco ponto, quando eles pensaram nisso, que eu não sei nem da onde eles tiraram essa idéia, que eles tudo copiam de fora, nada é deles mesmos da casa deles, eles vieram aqui porque tinha, desde 2017 já tinham o conselho do quarteirão, nós temos mais de 40 conselhos do quarteirão formados por moradores, e que os moradores tem que cuidar da sua frente, do seu espaço, dos seus lugares. E o prefeito vem aqui, com os seus gestores, com os seus baba ovos, o vereador. Vem aqui conhecer essa experiência. A Bezerra de Menezes, lá, o pessoal chama ali, aquela da leste Oeste central, ela não tem um lixo! Quem começou foi lá, o Pirambu,

Pesquisadora: Sim

E1: Que começou na Regional I, pago pela gente. E a gente só veio chegar, só Deus sabe quando, eim? Até chegar o nosso Ecoponto, até chegar nossas intervenções...

Pesquisadora: Pra chegar a articulação...

E1: Hunrum... é tudo assim a realidade, eles, tudo, a gestão, tudo começa de cima pra baixo. Tudo começa de cima para baixo! Como é que eu vou chegar na tua comunidade, e eu vou dizer assim “Eu vou dar isso pra Tássia”, sem saber que tu quer isso? Só porque tu tá me pedindo eu vou te dar? Não, Tássia, vamo lá, vamos conversar com a comunidade.

Pesquisadora: Mas num é essa que é a proposta da política pública que chega? Que aí eu pergunto, e da Areninha, assim o que você vê da Areninha?

E1: Na realidade eu nunca pensei, assim, na Areninha como uma coisa vaga, eu sempre pensei ela como uma coisa, uma proposta maior, né? Porque, como eu te falei, como a gente tem os equipamentos do município, que aqui as escolas, algumas escolas libera a quadra, né? Pelo que eu conheço, só é duas, de oito, o restante não libera. Então, assim, você vê muitos jovens ociosos sem fazer nada, na rua. Aquilo ali pra um traficante é maravilhoso. É maravilhoso, porque tá ali, ele vai ser um olheiro, ele vai ganhar ali dez reais, depois vinte, depois ele vai ganhar trinta. Depois ele vai tá envolvido na rodinha lá, os que vende vão oferecer pra ele, e ele vai usar. E agora ele vai “ah, eu vou querer, que é o máximo. Ah, eu como muito bem todo dia, como quentinha, levo dinheiro para a minha casa, tô usando um tênis legal, pinteí meus cabelos, fiz luzes”.. Ele começa a ver aquilo ali como um negócio pra ele mesmo, como se fosse um emprego, como se tivesse trabalhando e ganhando por aquilo. E ai, quando você vê a estrutura da Areninha, a princípio é aquilo que eu te falei, vai colocar lá em cima, num vai ter um projeto dentro, num vai ter uma articulação de comercialização, de gerar renda, né, como a dona de casa que vende comida, dindim, pipoca, sei lá o quê. Num vai... porque se não tiver um projeto, vai ficar ocioso o equipamento. E ali, quem for jogar bola da comunidade, vai ficar muito mais aberto pro tráfico. Vender e comercializar. Porque não tem comunidade frequentando, num tem moradores frequentando. Mas se você tem uns banquinhos, se você tem um equipamentos de ginástica, se você tem uma ferinha, se a comunidade começa a se apropriar, eles começam a se afastar, “não cara, num vai dar certo vender ali não”. Que uns começam a se aproximar, a dar uma passada, a olhar o movimento. A comunidade começa a se sentir dona do espaço.

Protagonismo, identidade. Não foi ela quem construiu, mas ela começa a limpar, ela começa a organizar, ela começa a plantar. Ela começa a botar lá os adereços dela, e ela vai se sentindo pertencente do local. Então, eu acho assim que não é só colocar a Areninha, eu acho que tem que ter o projeto de futebol mesmo, né? Um profissional pago, fazendo as aulas de tal hora, a criança de tal idade. Se eu deixo aberto pra qualquer pessoa fazer torneio de futebol, ou criar seus grupos e fazer esses campeonatos, e os outros jovens? E as crianças pequenas de 5 anos, 7 anos, 8 anos? E os pré-adolescentes de 11 anos, 12 anos, vão ficar de fora? Quer dizer então que a Areninha vai ser usada só pra torneio, pra adulto ou pra coroa, ou pra quem já joga?

Pesquisadora: Que é isso que você ver até então?

E1: É isso que a gente vê. Você vê um cara, uma pessoa que é, sei lá, que liderança, sei lá, que se diz liderança, ou que se é envolvido com o futebol. Você vê ele organizar, você vê ele criar as.. os grupinhos, fazer sorteio de quem joga tal dia, quem joga tal dia, e quem joga tal dia. E o equipamento que é pra usufruto da comunidade num vai ser, vai ser usufruto tipo meio que privado, o que a gente não sabe se vai ser pago ou se não vai ser pago. Porque até então rola dinheiro. Porque se eles tão jogando e o cara ganha, e o time ganha, e aí? Vai tá lá jogando e num vai ganhar nada? Vai rolar nem uma caixa de cerveja? Rola. E o passeio do time? Rola! Então, querendo ou não, rola dinheiro. Então, se não fizer um projeto, sei lá, um professor do município ou do Estado, sei lá, que tem isso das secretarias do esporte tem como providenciar isso. Temos um representante aí que ganhou como o primeiro lugar em vereador mais votado e ele é secretário do Paulo Sarasate, que tem muito bem conhecimento de atrair equipamentos pra esses jovens, pagar professores pra vir um de manhã, ou de tarde, ou então um dia sim dia não ter um professor diferente, e fazer a inscrição desses jovens.

Pesquisadora: Essa forma de você ver de uso da Areninha, além do futebol, como um lazer, como um empreendimento, você não vê acontecendo? Apesar de que...

E1: Não, eu não vejo acontecendo, não vejo acontecendo. As Areninhas que eu frequentei é mais ou menos isso que eu te falei. São... única Areninha que eu vi, que é aquele Atleta Cidadão, que é no Santa Filomena, que é uma Areninha recentemente inaugurada, né? Que eu acredito... foi ano passado, no final do ano passado, que ele tem esse projeto, o Atleta Cidadão, né? Que uma das lideranças lá, que é a Andrea Oliveira, que ela é agente da cidadania, ela buscou esse projeto, que ela descobriu que tinha esse projeto, ela fez as amizades com o pessoal, e disse “eu

quero lá na Areninha também, o que que eu preciso fazer para trazer esse povo pra cá”. E aí ela correu atrás, correu atrás. E um dos professores é da comunidade, né? Ele tem o recurso pra poder comprar o material, bola, essas coisas, um troféuzinho e tudo. E ele faz, é... ele faz as inscrições, e tal horário é tal idade, tal horário é tal idade, tal horário é tal idade, e até o futebol das mulheres. E no final de semana é que tem os torneios.

Pesquisadora: Então em algumas tem essa organização, outras não?

E1: Outras não. Então assim, eu moro é no Palmeiras e eu acho que daqui pra lá dá mais ou menos uns 40 minutos andando a pé, e eu achei vaga pro meu filho lá. E aqui, que é bem aqui....

Pesquisadora: menos de 5 minutos...

E1: Menos de cinco minutos, não tem. Tá entendendo? Então, acho que isso precisa rever. Num é você fazer um equipamento e deixar lá ao léu da comunidade. Você tem que ter uma organização, uma manutenção. Então eu não sei se daqui a dois, três anos como é que isso num vai tá, sucateado, como é que vai tá. Porque se você coloca a própria comunidade pra tomar conta do espaço, fazer a manutenção do espaço, isso dura o resto da vida. Porque ela num vai deixar um banco se quebrar, ela não vai deixar um aparelho ficar enferrujado. Ela mesmo vai zelar, ela mesmo vai cuidar. Porque ela sabe que se ela fizer uma solicitação pra um banco desses quebrar, vai demorar 4, 5 meses, e ela não, organiza ali, “gente vamo aqui, ó, vamos aqui, vamos fazer isso aqui, vamos fazer acontecer. Quem é pedreiro? Quem é isso, quem é pintor, vamo lá. Vamos ali no depósito, vê se ele pode doar isso, vê se ele pode conseguir isso.” Então, quando você cria a identidade e dar protagonismo a esses moradores, as coisas fluem. Você faz um equipamento e você abandona, “ta aí, já fiz. Eles que se virem”. Se virem como, meu senhor? Se o senhor nem veio e nem articulou. Num veio nem conversar com a comunidade pra dizer como era o processo.

Pesquisadora: Naquela região ali tinha outros campinhos e tal, e depois foi construída a Areninha. O que você sabe lá sobre a violência?

E1: Qual o campo?

Pesquisadora: O do Sítio...

E1: O do Sítio São João. Bom, eu fui lá algumas vezes, né? Lá tem uma luta muito grande, inclusive.

Pesquisadora: Tem até uma creche, eu acho, lá.

E1: É, tem uma creche lá. Inclusive o Carlinhos, que lutou lá, ele faleceu de covid, e o pai dele faleceu primeiro e uma semana depois ele morreu de covid. Então, assim, ele é um guerreiro muito grande, o nome dele é Carlinhos, ele sempre jogou futebol aqui com os meninos, articulou. Ele sempre foi professor dos meninos, ele sempre fez os campeonatos, isso sem recurso nenhum.

Pesquisadora: Isso naqueles campinhos lá?

E1: Naquele campo lá. Lá era um campo gigante. Tem um na frente da escola, do Girão Barroso, e tem esse por trás. Então, dum belo de um dia, chegou um trator lá, tipo meio que derrubando tudo, porque lá era uma cerca assim de pneu e tinha as traves, né? E quando eles iam jogar eles levavam as redes.

Pesquisadora: Ninguém falou com o Carlinho?

E1: Nam, ninguém falou com a comunidade, nem falou com ninguém. A prefeitura quando quer fazer uma obra, ela vai lá e começa a fazer. Ela num quer nem saber, ela vai lá e faz. Vê um mapa de Fortaleza, tem isso aqui, isso aqui e isso aqui... são quantos periferias? Duzentas? Então vamo fazer, quais as que tem mais violência? Então vamos fazer uma aqui, uma aqui, uma aqui... pronto. Então, quando o trator começou a chegar foram lá na casa do Carlinhos dizer que tinha um trator lá, tipo querendo derrubar os pneus, que tava tirando os matos, que tava passando com tudo. Então o Carlinhos foi lá e conversou com o cara do trator, e o cara do trator “não, é que a gente vai construir uma Areninha aqui, e num sei o que”. Não, é que vai construir uma creche aqui. A gente vai construir uma creche aqui no Jangurussu e tal. Que é a tal do CEI, né? Que o pessoal chama de CEI, centro educacional infantil, que foi a primeira a receber uma criança com microcefalia, ela. Não sei se esta criança estuda lá ainda. Aí o que foi que aconteceu, “não, vamos construir uma creche aqui e tal”. Aí o Carlinho: “nam, num é assim não! A gente joga aqui a muitos anos, bem quinze ou dezoito anos a gente joga aqui nesse campo. A gente é que limpa, corta o mato, a gente é que organiza o povo”. Aí eu sei que ele juntou as lideranças, juntou outros caras que igual ele, que joga futebol com as crianças e faz

as mobilizações com adultos e jovens, e no campo também principal, e ele foi chamando os amigos, foi chamando a galera, chegou lá e falou: “pois você num vai mais passar o trator aqui não”. Pronto, bateu o pé lá no trator, “e você num vai, num vai e num vai. Como é que vai ser?” Aí o fiscal, o cara ligou pro fiscal, o fiscal veio e perguntou o que é, o Carlinhos explicou a história, contou a história. E aí o fiscal ligou pro seu supervisor, que seu supervisor, até chegar no ouvido do prefeito. Aí eu sei que o prefeito veio, conversou com a comunidade...

Pesquisadora: Veio bater aqui?

E1: Veio bater aí, conversou com a comunidade porque tinha que fazer essa creche, que esse território era do Jangurussu, pra abarcar essas pessoas, principalmente o do Minha Casa, Minha Vida... E aí, o Carlinhos disse, “não, mas o senhor tem dar um jeito de fazer a creche mas deixar o nosso campo”. Aí o acordo foi esse, “nós vamos fazer uma creche e vamos fazer uma Areninha, vocês topam?” Aí foi unânime, todo mundo topou. E na inauguração estava lá, da creche, e do Areninha também. Então, até hoje, o prefeito aonde ele vai, porque eu já fui pra as outras inaugurações de Areninha, ele conta a história do Carlinho. Na realidade eu nem sei se ele sabe que ele morreu, mas ele conta essa história que foi a comunidade que embarreirou. Então, nós somos disso, o Palmeiras é disso. Nada de obra que você vai ver aqui no Palmeiras a comunidade, as lideranças num sabe. A comunidade pode até não saber, mas as lideranças sabem. Por que, aonde ela vê, ela chega lá e pergunta “o que é que vai ser isso aqui, o que é isso aqui? Quem é a empreiteira? É o que, é a Cagece, é o Estado, é do município, o que é?”

Pesquisadora: Cadê a cooperativa?

E1: Pois é, a nossa cooperativa, minha filha, nós estamos lutando com unhas e dentes pra ser contratada. Infelizmente a gestão contrata pessoas, e articulações e amarrações com o privado, com empresas privadas. Queria que eles fizessem também amarrações políticas com a gente, né? Mas infelizmente eu não sei o que esse povo tem que não pensa em fazer isso com a periferia. Infelizmente se eles não fizeram isso agora, eles, nós vamos perder muito em 2022, muito.

Pesquisadora: Então, assim, de uma certa maneira, tu até falou assim, né, sabe lá o que vai ser daqui a dois anos, porque é isso, né, a ideia que a prefeitura entregue setena Areninhas no fim do ano, o que tu tem a dizer sobre isso? O que poderia fazer isso acontecer?

E1: Não, até o final agora de dezembro?

Pesquisadora: Não... o que você vê, assim porque essa política pública tá aí, né? Nós cidadãos estamos só recebendo.

E1: É, recebendo. Eu acho assim, por exemplo, daqui do Palmeiras nós vamos se articular. Eu acho que tem que ter mais, é... a gestão na periferia, na, com os moradores, conversando com moradores, explicando o que é a política pública. As pessoas acham que as intervenções, as obras acontecem em período político, e na realidade num é. Porque uma licitação dessas demora muito tempo, quatro, cinco meses, e as vezes coincide de alguma época ou do conselho tutelar, ou dos agentes da cidadania, ou de vereador, ou de prefeito, ou de presidente, coincide que as obras aconteçam nesse período, e as pessoas associam isso com a política. E, na realidade, eu acho que as pessoas não pararam pra pensar o que é a política pública de fato, né? E eu acho que se eles não investirem isso com os seus professores argumentando dentro das salas de aula, eles vão perder absurdamente, absurdamente. Porquê quando eu não tiver mais aqui, o Joaquim não tiver mais aqui, seu Augusto, a dona Darci, a Dona Marinete, o Genevaldo... todas as pessoas, as lideranças que é um monte para mim citar aqui, quando nós não tivermos mais aqui, quem é vai continuar essas lutas se você não passar essa luta pro seu filho, pro seu vizinho, pro morador da rua. Quem é que vai continuar fazendo isso daí? Quem vai reivindicar os direitos? Quem vai atrás da dona Maria das tapiocas, saber se a filha dela ou o neto dela que daqui a pouco...

Pesquisadora: Pra registrar...

E1: Pra Areninha, se ele vai estar registrado? Se um menino daquele ali chegar na Areninha e, “cadê teu documento? Não, tu num pode participar não, porque tu num tem registro, tu não tem nem documento. Vou botar teu nome aqui de quê, de Biel? Como é teu nome, é Gabriel? Então eu vou botar aqui Biel. Então, eu vou te dar a oportunidade por 3 meses, se tu não aparecer aqui com documento, tu não vai ficar, porque a gestão diz que tu não pode ficar.” A escola é assim. A dona Jéssica, a filha dela, ela estudou durante 1 ano sem documento.

Pesquisadora: Aí no ano seguinte...

E1: E o conselho tutelar veio. E o conselho tutelar exige e obriga que a mãe vá atrás, mas ele num dá a condição pra ela, ele num faz um esforço de uma busca ativa nos cartórios, porque

pra fazer um dna no fórum tem que ter essa busca ativa de que ela nunca foi registrada. Como é que uma mulher daquela, pobre, que não tem nada, nem o bolsa família ela não tem, porque ela não tem documento, como ela falou hoje, ela vai ter recurso financeiro pra ir andar em dez cartórios? Eu sei que é dez cartórios porque a gente já fez isso pra outra, pra dona Maria que tem um cabelo branco e hoje tá morando lá no Alameda. E ela vem do Alameda a pé pra cá, porque lá não tem nem o que comer, pra conseguir o que comer aqui na padaria, no mercantil, pedir alguma coisa para levar pra dentro de casa. Ela vem todo dia de lá pra cá, e o filho dela continua estudando no colégio, no Palmeira II, e os netos também. Aí você não tem uma política pública de vergonha nem de saúde, pra onde você ver que elas tão parindo direto. Aí, é porque não tem isso, não tem aquilo... num é porque não tenha, é que não tem uma política de fato, não tem uma política de fato. É a mesma coisa que eu conheço do Cuca. O Cuca tá aí aberto, dez mil vagas pra jovem, trazendo jovens de tudo quanto é território, trazendo gente para trabalhar dentro do equipamento que nem conhece a comunidade. Aí pra você usufruir do espaço você tem que sair daqui pra ir lá. E porque o Cuca num sai de lá, pra vir pra cá? Dar uma palestra, dar umas oficinas, e atrair esse povo? Não faz isso. Eu não sei qual é a dificuldade das pessoas, de dizerem assim “ah, o sistema tá burocratizado, tá precarizado, tá num sei o quê”. Eu não sei qual a dificuldade do ser humano, de um profissional também, exercer seu direito de cidadania. Não é de profissional, é de cidadania... de cidadania. Quando o Estado e a família não tem como, vem nós, os cidadão, pedir, reivindicar. O quê que custa uma pessoa chegar e dizer assim “não, fulaninha, eu vou ali e ver se consigo resolver isso aqui pra você”... “não, eu vou ver como é que eu consigo, eu vou ligar pro conselho tutelar pra mim saber como é que faz pra você ter acesso.” Eu vou ligar aqui lá no vapt-vupt, pra saber como eu faço pra mim ter, se eu conseguir uma declaração da escola dizendo que essa criança está não tem documento.

Pesquisadora: Você sabe do vapt-vupt, né?

E1: Pois é, pois é.

Pesquisadora: Aqui é uma articulação

E1: Será que seu eu fizer um documento, eu como Cuca, eu como Maria* do banco Palmas, ou a pessoa como Cras, fazer um documento na secretaria de proteção social, dos direitos humanos, será que num vem um caminhão aqui, da cidadania? O quê que custa a pessoa fazer um negócio desses? Eu não sei aonde é que a gente vai parar, eu não sei o que aconteceu com as pessoas,

eu não sei o que acontece com a mente das pessoas... é tipo assim, ó, “eu tô comendo, eu tô bebendo, eu tô pagando as minhas contas, o resto é que se lasque”. Tá mais ou menos isso, né?

Pesquisadora: Tô vendo os *stories* do Instagram e cabou-se...

E1: É, tô no zap, tô aqui, tô bem, tenho internet, né? Porque assim, hoje eu fiquei assim refletindo o que a professora Fernanda lá da UFC me ligou... “e aí, Maria*, como é que tá as coisas?” Mulher, tá tudo ótimo. Aí ela: “em uma pandemia dessa tu tá dizendo que tá tudo ótimo?” Aí eu disse: meu amor, a gente tem que falar que está ótimo, porque as palavras tem poder. Se eu falo que tá uma merda, ela vai continuar uma merda. Eu tenho que tá falando que tá ótimo, que tá maravilhoso, tamos indo de vento em polpa, se nós não temos isso nós vamos atrás disso, e nós estamos trabalhando, nós estamos com saúde, nós estamos correndo atrás. Eu não posso tá todo tempo falando de coisas negativas, de pessoas que morreram... Sim, as pessoas morreram e nós somos sensíveis com a família, nós acompanhamos as famílias as vezes procuram a gente. A gente tem esse acompanhamento. Mas as que estão vivas? Temos que lutar por elas que estão vivas, que não tem acesso, que não tem direito. Todo dia o direito dessa pessoa é violado, todo dia! Então, a gente tem que tá dizendo que tá bem, estamos ótimos, estamos bem.

Pesquisadora: Por isso que você diz que aqui se superou a pobreza, enquanto que a gente ainda vê muita desigualdade?

E1: Hunrum. Porque cê chega ali, eu cheguei ali na menina... Taí, você vê aquelas mulher lá, você vê cara de triste naquelas mulheres lá, limpando aquelas garrafas? Você viu a outra, ó, mamada...

Pesquisadora: Os olhos vermelhos...

E1: Então, chega vermelho, chega parece que tinha tomado um banho e deu um cochilo e voltou? Então, eu não posso dizer que essas pessoas estão na merda. As pessoas se viram, Tássia, em tudo... onde é que tu já se viu, tu tá lá na Aldeota tomando o teu, Heineken gelada, com guardanapo na boca, e essa garrafa vai parar aqui pra essa muher lavar e voltar pra lá de novo? Com é que pode um negócio desse?

Pesquisadora: Você num tá nem pensando no caminho dessa garrafa.

E1: Num pensa filha, entendeu? Eu acho que, o que Fortaleza, acho que o Brasil, acho que as coisas estão assim justamente por isso, por nós, cidadãos, não se mobilizarmos para poder fazer alguma coisa, alguma coisa. Ah, chamar o olhar do poder público? Chamamos. A gente chama o olhar do poder público pra nós é fazendo, mostrando pra eles que nós somos capazes de fazer. O que precisamos é dar oportunidade. Nós precisamos é do retorno da riqueza que nós contribuimos com o imposto que volte pra nós de novo. Não que vá pra uma Aldeota da vida, que volte pra gente de novo.

Pesquisadora: Que reforma aquela pista 10 mil vezes...

E1: Pois é, ou que contrate a nossa cooperativa e faça um trabalho de vergonha para que ela nunca mais quebre e ele gaste dinheiro com isso. Até na saúde nós pensamos porque se a cooperativa fazendo a manutenção dos equipamentos do bairro, diminui o transporte, não tem a questão do transporte. A pessoa vai comer em casa, estuda. Quantos homens aqui, mulheres, tem a oportunidade de estudar perto de casa, que não sabe ler, que não sabe escrever, que não tem acesso a nada. Uma pessoa dessa trabalhando na comunidade, cinco horas dentro de casa, sete horas vai pro colégio. Se eu trabalho fora do meu bairro eu vou chegar aqui 7 horas, 7 e meia da noite. Aí eu vou lavar, vou passar, vou cozinhar, vou fazer comida, vou dar banho em menino, pro outro dia estar cinco horas da manhã de pé de novo pra trabalhar de novo. Onde é que eu vou ter que sonhar ser alguma coisa na vida, né? Eu, no meu caso, foi um caso específico em um milhão. Porque eu bati o pé. Mas eu, pra mim chegar a ser o que eu sou hoje, eu sou uma assistente social, ah minha filha, foram muitos obstáculos. Começar de dentro de casa, ‘pra que tu vai querer estudar, minha irmã?’, ‘fazer faculdade pra quê?’, ‘quem vai dar emprego pra tu? Já tem mais de 30 anos, tu já tá ficando velha. E fora as outras coisas...

Pesquisadora: Essa violência psicológica...

E1: É... então é complicado você... ó, eu digo pra todas as mulheres, que eu multiplico, que eu converso com elas, porque eu digo é que nem uma palavra volta vazia. Você tem que resistir e se renovar todo dia, todo dia. Você tem que se reciclar todo dia. Você dormiu, botou sua cabeça no travesseiro, cê faz aquela limpeza, né? O quê que eu fiz, o quê que isso, que falei isso, alguma coisa que eu fiz, o que eu tenho pra mim fazer pra amanhã... não, eu não tenho, eu vou fazer isso, vou fazer isso, e aí, vai. Se não der certo no outro dia, vai dar no outro. E se não der certo no outro, vai dar no outro. Mas você nunca desistir, você está sempre ali, batalhando. Sempre

ali, batalhando. Vai vir nada na sua mão não, vai vir nada na sua mão, nada. E aí você tem que tá ali, batalhando. É isso que eu falo, é a política? É a política, e qual é a política? De amarrações políticas? Então vamos fazer as amarrações políticas, vamos fazer as amizades com esse povo.

Pesquisadora: Não seja por isso...

E1: Quando o vereador tiver conversando, você diz, ‘peraí, meu senhor, você tem lá todo o direito de falar do prefeito a hora que o senhor que quiser, agora vamos falar nós dois aqui... Prefeito, e tchitchitchi cochichar no ouvido dele. Se é voto que o esse povo quer? A comunidade tem voto, quarenta mil habitantes, basta as coisas fazerem acontecer. Então tem aquele ditado, né, a política só evolui nas comunidades que tão acontecendo as obras fundo de quintal.

Pesquisadora: Deveria.

E1: Pois é.

Pesquisadora: Tem alguma coisa que cê acha importante dizer aqui nesse papo que a gente está tendo e ainda não foi dito?

E1: Mulher, eu acho que tudo, tudo, que eu falei é de suma importância, sabe assim. Eu acho que, muitas coisas que eu falei assim era mais da minha vida, mais do que num era o teu objetivo da tua pesquisa...

Pesquisadora: Você só preencheu, nossa!

E1: Mas não tem como você chegar, pois é, não tem como chegar no agora se você não sabe do atrás. É como se fosse uma coisa fácil, nada é fácil, né? Eu acredito assim, de importância mesmo, assim, eu vou continuar aqui. Se você me perguntar se eu vou ser política um dia, uma vereadora, nunca eu vou ser. Todo mundo pergunta.

Pesquisadora: Não é a tua meta por enquanto.

E1: E nem vai ser, e nem vai ser. Porque quando você tá lá dentro você se corrompe. Então, eu prefiro ser a Maria* da comunidade, prefiro tá nos bastidores, por trás. E assim, eu vou cada vez mais multiplicar, tem um projeto pro ano que vem, que é fazer a construção sócio-histórica do meu bairro, como foi que as famílias vieram, né? E passar isso pras pessoas, principalmente pros imigrantes desses conjuntos habitacionais que tão aqui no nosso bairro. E aí, temos aqueles

três temas que eu te falei, que era sobre a renda básica, sobre as cooperativas e sobre o equipamento do CSU. Vamos batalhar pra isso, que eu acho que é de suma importância. Enquanto eu estiver aqui, e as lideranças estiverem vivas, ou velhas, ou mais novas, né, da minha idade. Temos muito pouco, a gente tem mais idoso, né? Enquanto eles puderem estar participando também pra somar, a gente vai tá aí firme e forte. A gente também tem um grupo de mulheres também, não temos muitas mulheres nova, temos mais mulheres da minha idade, de 30 e pouco pra 40, e a gente tá inserindo outras pessoas, né? Tem em si também esse objetivo do lgbt também, pra trazer esse público para cá, porque eu acho que vai somar. Pra mim eu acredito que o mundo é gay, então eu acho que vai somar. Porque enquanto mais estiver...

Pesquisadora: Tudo é amor.

E1: Pois é, mas assim. Eu sou gay, eu sou drag as vezes, que eu quero me transformar, quando eu quero sair montada, eu saio também. Mas eu acho, assim, quando eu digo que o mundo é gay, que o mundo é colorido, o mundo é isso, sabe? E eu acho assim, que o que espera pra gente agora em 2021 eu não sei nem o que te dizer. Só Deus sabe. Mas eu não acredito que Deus escreva certo por linhas tortas. Eu acredito que Deus escreve certo por linhas certas, quem entorna é você mesmo, quando você vai pro seu livre arbítrio e escolhe o caminho que você quer seguir, né? Pode ser que ano que vem me coloquem em outro, em outros caminhos... só Deus vai saber. Eu planejo aqui contigo, mas aqui tu vai vir daqui a uns dois, três meses, com a tua pesquisa montada, e vai dizer ‘e aí, Maria*?’ Ixe, Tássia, aquela coisa, evoluiu isso, eu num tô fazendo isso, eu tô fazendo isso... Então, eu tô aí.

Pesquisadora: E quem sabe a gente tá aí tentando as articulações.

E1: Pois é, vamos tentar aí firme e forte, vamos logo descobrir quem são os responsáveis pela Areninha, que são os secretários.

Pesquisadora: Certeza!

E1: Vou já atrás da minha amiga Andréa.

Entrevista 2

Data da entrevista: 26/01/2021.

Local da entrevista: Arquibancada da Areninha Sítio São João, no Conjunto Palmeiras.

Duração da entrevista: 16 minutos e 19 segundos.

Identificador para o entrevistado: Jorge

Funcionalidade do entrevistado com o bairro ou Areninha: Através de votação, é responsável por abrir a Areninha Sítio São João e fazer reparos de manutenção, alternando a responsabilidade com outra pessoa.

Pesquisadora: Vamos bater esse papo, eu tenho umas perguntas para fazer.

E2: Tá bom, tranquilo.

Pesquisadora: Tu acha que aqui então, assim, quando veio realmente tirou muita gente...

E2: Tirou, tirou muita gente da... ave maria. Tirou, tirou aqui muito menino que... segunda, quarta e sexta aqui, são... segunda e quarta de sete horas da manhã, e de treze as seis. Então nesse período ai os meninos estão tudo aqui. Quem estuda de manhã, quem estuda de manhazinha, vai a tarde e quem estuda a tarde vem de manhã. Tirou muita gente, ocupou os meninos assim, muito daqui... embora eles gostem muito de bola, embora é com eles mesmo.

Pesquisadora: Já tinha quadra antes?

E2: Aqui antes era um campo de futebol, um campo cheio de piçarra aqui, mas tinha só o Carlinho era que tinha um projeto, né? Ele, sempre, sempre, lidou com isso, sempre... que era até piçarra, aqui era piçarra, e ele tinha um projeto, né? E quando veio a Areninha...

Pesquisadora: Desde quando ele tinha um projeto?

E2: Rapaz eu acho que, eu acho que desde de... deixa eu ver aqui... eu acho que desde mais ou menos 2000... anos 2000.

Pesquisadora: Já tinha quase 20 anos, de 20 anos.

E2: Por aí, já tinha um tempão aqui já.

Pesquisadora: Porque esta aqui inaugurou em 2016, essa Areninha.

E2: E tá comemorando 4 anos, né? Já tinha esse projeto a muitos anos, tranquilo, tinha.

Pesquisadora: E quê que a comunidade significa pra ti? Assim, morar aqui..

E2: Ah, pra mim é assim, eu tô aqui desde o começo, desde que aqui não tinha nem uma casa e eu já morava aqui, e eu tô aqui com 9 anos, né? Aqui, eu moro aqui a quase 5 anos já. Então assim, pra mim é tudo, né? Porque eu cresci e vivi aqui, né? Casei, tenho meus filhos, no caso já sou avô. Então, eu tenho coisa, pra mim aqui é uma maravilha, eu não tenho nem vontade de sair daqui, sabe? Por quê...

Pesquisadora: Mas o quê que você vê de aspecto positivo, porque o Conjunto Palmeiras ele tem, característica específicas...

E2: Aqui é falado, aqui é mal falado assim as vezes. Mas, não é bem assim não. Quem mora aqui sabe que não é bem assim. Então, não tem nada, tem, mas as vezes as pessoas, supostamente, aqui as vezes aumenta muito. Porque, aqui, o Palmeira aqui é grande, né, o São João, São Cristovão, ele é muito.... é... o São João as coisa chama aqui entendeu ser aqui. Aí assim, é muita coisa que falaram do Palmeira sem ter culpa, né? Mas no geral aqui é bom, sabe? Essa Areninha aqui ela veio pra tirar muita, muita, criança da bandidagem mesmo, um bucado, que ia crescendo e não tinha o que fazer e ficava nas esquinas, né? E hoje não, hoje elas estão aqui quase o dia todo. Então...

Pesquisadora: Sim... e hoje o que tu acha que as pessoas fazem aqui para ajudar, aqui?

E2: Como assim, a pessoa aqui na Areninha ou no geral aqui?

Pesquisadora: É, tanto faz. Especificamente na Areninha tu tava dizendo que vocês têm a cotinha aqui do mês...

E2: É, a gente, o grupo...

Pesquisadora: Faz a manutenção...

E2: Dá uma coisa, uma contribuição, pra manter esse, essa limpeza aqui. É uma tela rasgada, uma rede, a gente faz isso aí, sabe? Que, se o cara não quiser dar também num é obrigado não, viu? É voluntário, isso é voluntário. O cara dá é vinte reais por mês, né, é uma contribuição, pra manter essa Areninha aqui, sabe? Mas tipo, o cara “não, não, hoje eu num vou dar não”, é

tranquilo, aqui não tem nada obrigado não. Ele dá voluntário, sabe? Pode passar 10 meses sem dar, e ninguém reclama não, sabe? Então, como é uma coisa voluntária, dá se tiver condições de dar, não é isso? Nada aqui num é obrigado não. Aí... mas ai no geral é isso aí, sabe, aqui a gente se ajuda.

Pesquisadora: E no... na comunidade mesmo, assim, acha que o pessoal se ajuda assim, se sente esse vínculo assim da comunidade?

E2: Aqui tem muita coisa, tem uma associação, né, do pessoal aqui, né? Mas assim, eu tô mais aqui pertinho desse pessoal da Areninha aqui, né? E aqui nós estamos aqui voluntário, tipo assim, tem uma pessoa está passando necessidade, aí a gente chama o pessoal aqui do grupo, né, dando uma cesta básica pra essa pessoa, né? Pode ser uma pessoa daqui, pode ser um vizinho, uma pessoa que nem joga mais, mas se alguém sabe de algo então o pessoal já faz essa corrente do bem, né? Mas é isso aí...

Pesquisadora: Por que a gente anda aqui um quarteirão atrás e, assim, tem muita pobreza aqui por perto, né?

E2: Tem, mas é assim, esse pessoal aí tudinho trabalha também, são... é porque as casas são bem apertadinhas e dá impressão que isso é parte da cidade, mas não é assim, todo mundo trabalha, entendeu? Eu não tenho trabalho mas a maioria aí, aí estão normais pessoa que gosta aqui, entendeu? Só que assim, por ser assim a rua muito coladinha, acha que passa necessidade, mas não é assim.

Pesquisadora: Que assim, uma pergunta, pra ti o que é pobreza?

E2: Pobreza é uma pessoa que não tem o que comer. Aqui não é o caso, aqui. Aqui não existe isso. O pessoal tudo aqui que treina, é normal. Num somos também rico, né, mas na realidade, se alguma pessoa tiver passando necessidade, que tá desempregado, que a mulher num pode trabalhar, a mulher não está podendo trabalhar, a gente faz a corrente do bem, a gente faz uma cestinha aqui, pra se manter normal, sabe? A pobreza que tem aqui eu, eu num vejo, assim pessoal assim que esteja...

Pesquisadora: Sim

E2: Eu não vejo, entendeu? Em geral é isso aí, o povo gosta... o bairro aqui podia ser muito mal falado, né? Teve até uma reportagem uma vez de uma mulher que era muito pobre, uma mulher

chamada Raimunda, mas teve aqui quatro casas, ela morou na casa verde, morou aculá, e foi vendendo as casas. Vendeu, vendeu, vendeu, e disse que num tinha mais. E hoje ela mora com os filhos. Ela mesmo vendeu quatro casas dela, e foi gastando o dinheiro, né? E aí pronto. Mas aqui é assim, as pessoas gostam de falar muito mal do bairro, né?

Pesquisadora: Entendi, então você vê assim que condições de pobreza no bairro não tem muita?

E2: Não tem muita, é. O pessoal fala de uma coisa que não é verdade.

Pesquisadora: E... então, assim, você diz que, é... todo mundo tem suas casas, todo mundo trabalha pra...

E2: Pra se manter.

Pesquisadora: Pra se manter, pra enfrentar mesmo a pobreza...

E2: Essas casas aí, tudo é das pessoas, entendeu? Aqui aculá tem alguma alugada, duas ou três, mas a maioria... de cem casas, noventa e oito é da própria pessoa, sabe? Aí ela vai manter só a comida, porque um salário mínimo ela consegue. Então no geral é assim, a maioria vive normal, num falta necessidade não.

Pesquisadora: Aí, assim, a gente falou um pouquinho, é... sobre as propostas da comunidade, né? Tem esse, esse... alguns números, algumas coisas, que ainda, assim, por exemplo, ainda não tem saneamento básico, né?

E2: Isso. Inclusive agora tem um projeto aí, que é do prefeito, né? Que vai fazer isso agora, sabe? A gente elegeu um vereador, né? Que é da PCEL, aí ele vai aí já vai falar, já tem um projeto e ele vai só incentivar, entendeu? Eu acho que é uma palavra dele como vereador é mais fácil. Porque ele é vereador do Palmeiras, entendeu? Ele é da região aqui, todo mundo conhece o cara aqui.

Pesquisadora: Ele é da população aqui, né?

E2: Pronto, entendeu? Ele tava aqui semana passada no racha do Jonas. Ele aqui não teve uma boa votação, certo? Assim, pelo o esperado, né? Mas ele se elegeu, ele se elegeu pra todo mundo. Ele mora aqui, o forte dele é aqui, ele vai ficar por aqui. Ele não é Deus não mas faz tudo que ele pode. Como vereador ele vai tentar fazer o máximo, né? Esse Sanear aí, ele disse

que se ele conseguir fazer isso aí de trazer pra cá, vai ser de bom tamanho. É uma das coisas que ele quer é trazer esse Sanear aí, sabe?

Pesquisadora: E aí, com relação as atividades de lazer aqui, já tinha na comunidade? O que é lazer para ti? O que tu vê na comunidade?

E2: Olha, aqui é... nós tínhamos na época aqui, um tempo atrás, nós tínhamos o CSU, né? Que, cabou tudo, né? E, ultimamente, fora a Areninha, num tinha muito lazer não, viu? Não tinha nada não, porque era os campos de futebol, com o trabalho do Carlinho, e aí o Palmeiras não tem mais projeto, né? Então, assim, era muito pouco.

Pesquisadora: Sim. Então você não via o pessoal fazendo exercício, se divertindo?

E2: Não, não tinha. Não tinha isso não.

Pesquisadora: E aí a Areninha chegou...

E2: A Areninha chegou pra, assim, além das crianças, né? Os pais ali, tem uma academiuzinha, você viu a academiuzinha, né? E os pais caminham, né, de manhã e de noite ali pra aquele outro lado. Então, assim, mudou muito assim a cara aqui que dá da região aqui, a Areninh veio pra...

Pesquisadora: Você acha que tem mais gente fazendo exercício?

E2: Com certeza! No começo também, logo quando ela abriu, aqui tinha assim um monte de barraquinha, sabe? E aí eu tinha aquele castelo que botava aqui pras crianças. E depois... aí aquele tempo foi ficando perigoso... tem que ser sincero, dizer o que aconteceu, né? Houve uma morte ali naquele lado...

Pesquisadora: Acabou que gerou tanto movimento que ficou um pouco violento, foi?

E2: Pronto, o movimento ficou... o pessoal ficou que... em 2017, ficou muito mais assim... era um povo que a gente conhecia, né? E aí, as pessoas foram se afastando, foram tirando e tirando as coisas que tinha, até que tirou tudo, que foi devido a violência, né? Era morte na esquina, morte aculá, morte ali atrás, e as pessoas... não mexeram aqui na Areninha não, mas as pessoas passaram a ficar com tu na mão, tinham medo, né? E foram afastando, né?

Pesquisadora: Por isso a gente não vê mais esse movimento aqui. Né?

E2: Aqui tinha dez barraquinhas, dali até a esquina aculá. Tinha pastel, churrasco, pratinho, né? Tinha tudo isso, mas depois da violência muito pesada, que morreu muita gente daqui de cima, muita gente... era do tráfico, mas era gente boa, sabe, a gente conhecia. E aí os principais, a gente não via porque era do lado oposto, né? Aí, veio e afastou isso daí, o pessoal daí, mas por conta das mortes. E hoje você num vê uma barraquinha por lá, mas acabou isso aí. O pessoal ficou com medo de botar as banquinhas. Num ia botar não, mas se tivesse um tiroteio, a gente ficava no meio, entendeu?

Pesquisadora: Então uma das formas de utilizar a Areninha é jogar, e outra coisa é utilizar os outros...

E2: Isso.

Pesquisadora: E o que a comunidade acaba colocando, mas aí acabou que..

E2: Acabou que devido a violência, né? Em 2017 o pessoal foi ficando com medo, né? Que ainda tem da criancinha, aquele negócio de aquele das criancinhas de fazer gesso, aquele gesso, né? Mas aí, quando foram tirar...

Pesquisadora: Nem no final de semana tem?

E2: Não. Não tem mais. Deixar isso, isso, quando era todo final de semana tinha, mas ela depois acabou. A moça que botava, ela foi embora daqui, né? Então, aí num teve quem quis colocar.

Pesquisadora: Mas aí, assim, você acha que os moradores sim passaram a ter mais lazer mas também ainda tem essa relação de como é que o uso econômico dela, por exemplo, assim, né? Tem um espetinho aqui...

E2: É, nesse parque, no caso desse lado aqui da Areninha é muito bom, né? Tem o churrasquinho aqui, né? Aqui também tem tudo, né? Os vizinhos também vendem a panelada aqui também, o caldo. Então assim, o seu Paulo, ele continua até hoje, né? O seu Paulo nunca parou, você apontaria aqui, no lado aqui, e ver que ele nunca parou. Isso aí, o pessoal, assim por exemplo, tem um jogo sábado quatro às seis e seis às oito.

Pesquisadora: Sempre tem esse jogo?

E2: Todo sábado, pode vir aqui, aqui vai tá cheio de mesa e lotado, fica a vontade, pessoal bebendo aqui, a comunidade e tal.

Pesquisadora: Depois do jogo tem uma cervejinha...

E2: É, pessoal fica aqui até as dez da noite, até onze horas. E domingo também, domingo aqui é muito disputado. Se eu chegar aqui no rachineira domingo seis da manhã, o racha do melancia.

Pesquisadora: 6 da manhã?

E2: É, o racha do melancia, e vai até sete e dez. Depois tem o racha do Lima e depois o jogo do Ciço, que vai até onze horas. Aí depois de onze horas pessoal fica aqui, esse pessoal fica aí até umas duas horas. Aí duas horas tem o jogo do Gama e vai até às seis. Aí fica até umas horas.

Pesquisadora: Isso é um movimento bom?

E2: Esse movimento aí sempre tem. Você vem aqui todo sábado e todo domingo você vai ver esse movimento aí, de quatro da tarde até as oito você vai ver esse movimento aí. E domingo de seis da manhã até umas quatro da tarde você vê movimento de gente aqui.

Pesquisadora: E como foi a história da Areninha, por ela é bem específica, né?

E2: É, a Areninha aqui, a princípio...

Pesquisadora: Já tinha um campo, né?

E2: É, já tinha um campo, né? E aí, tinha o rapaz aqui do Conjunto São João, que tinha uma associação, e... que teve um projeto aqui pra fazer uns apartamentos aqui. O rapaz que era ganhador, então ele que botou pra fazer aqui do lado, né? Aqui já tinha um projeto, né? No Palmeiras tinha também o Gama. E ai pronto, foi briga pra colocar a etapa, foram pra reunião lá, brigaram lá e tal... e não deixaram. Teve até... quase que dava até briga, né? Porque eles não permitiram de jeito nenhum, se viesse aqui eles iam chamar o pessoal pra não ter que fazer aqui.

Pesquisadora: Aí teve essa história desses apartamentos, e também a prefeitura?

E2: Isso, aí não deixou, né? Aí ela fez a creche, né? Porque a creche não ia mexer no campo, né? Aí, tranquilo, mas aí, o apartamento não deixaram não, de jeito nenhum. A comunidade veio aqui, os jogos eram aqui. No caso o Carlinho mais o Almeida* tinha um projeto, tinha os jogos deles aqui, e realmente foram quem ficaram mais brigando aculá, e foi assim.

Pesquisadora: E foi assim que a prefeitura topou fazer uma Areninha pra...

E2: Pronto, aqui foi o projeto da Areninha, né? Aqui eu acho que foi a quinta ou a quarta, não sei.

Pesquisadora: Foi, foi uma das primeiras, né?

E2: A primeira foi a do Campo do América, né? E aí depois liberou mais cinco, né? Aqui foi uma das cinco. Por aqui foi só mesmo, só lazer mesmo, trazer muita coisa boa mesmo.

Pesquisadora: Tem alguma coisa que tu gostaria de dizer sobre a Areninha, sobre a comunidade, mais uma coisa que eu não perguntei?

E2: Em relação ao benefício?

Pesquisadora: É, dos aspectos positivos, negativos...

E2: Ah, eu acho que negativo, eu assim, eu não, eu não vejo. Porque assim, aqui era escuro, era uma coisa apagada aqui. Então hoje ela é clara, o negócio aqui é animado, isso aqui é isso aí, de segunda a segunda, não tem dia que não tem movimento não. Então, pra mim, né, só mesmo aspecto positivo, de negativo eu não vejo. Só o fato de as pessoas da comunidade e ao redor, né, tá aqui jogando aqui, e gostar, sabe? Aqui é um ponto que vem todo mundo aqui. Então, nem sempre vem jogar não, mas vem assistir. Então, é uma coisa assim que só positivo.

Pesquisadora: O quê que pode... Mas ainda assim, o quê que pode melhorar? Sim, tem menina jogando? Mas num tem o projeto agente cidadão...

E2: É, assim, o quê que acontece é em relação de mulher que não tem. As mulheres daqui aparecem duas, sabe, mas não vem assim dez meninas pra jogar? Aparece uma, duas, três no máximo, entendeu? Acho que falta ainda, a meu ver, um time de mulher pra treinar, jogar, e animar mais, entendeu? Ter uma coisa diferente também, que é também que tem três aqui, né? Por enquanto falta um time feminino.

Pesquisadora: Antes da pandemia estava tendo a Copa Arena. Teve jogos aqui?

E2: Teve! Aqui teve vários jogos aqui. Aqui foi uma das Areninhas que mais teve jogos, aqui. Aqui era assim, na semana, teve jogos, era quase a quadra oficial também, né? Aí as pessoas gostavam muito daqui, sabe? As pessoas que vem de fora jogar aqui... pronto, tem um time que vem lá do Aracapé, domingo, o time do Juventude, rapaz aqui só sai elogios, pelo atendimento que a gente deu pra ele, pela Areninha que é bem cuidada também, sabe? E a gente só faz é se

alegrar, sabe? Pelo menos de fazer um bom trabalho. É muito bom ser elogiado, o pessoal que vem de Aracapé, né? Então nós estamos fazendo um bom trabalho, né? Pra nós é gratificante.

Pesquisadora: Com certeza, com certeza.

Entrevista 3

Data da entrevista: 28/05/2021.

Local da entrevista: Casa dos moradores.

Duração da entrevista: 31 minutos e 42 segundos.

Identificador para a entrevistada: Ana (E3) e João (E4).

Funcionalidade da entrevistada com o bairro ou Areninha: Residem no entorno da Areninha Sítio São João e tem um comércio com venda de espetinhos e bebidas.

Pesquisadora: Vai começar a conversar, e vai, vou explicar. Então, eu trabalho na Federação, e aí quando eu vi a construção das Areninhas me chamou muita atenção, porque de repente eram uma, duas, dez, e aí de repente veio a Copa Arena. E lá na Federação era chamando os árbitros antigos pra poder trabalhar, e eu “menino, que coisa boa”. E aí, o que, o slogan da prefeitura é “a gente vai construir Areninha em locais de vulnerabilidade social”. Era essa que era o slogan dela. E aí de repente estavam construindo mais e mais, e não teve a avaliação da Areninha: o que estava sendo de bom, o que estava sendo de ruim.

E3: Hunrum.

Pesquisadora: E aí foi o meu projeto do mestrado, eu queria entender mais, assim, contribuir pra a política pública da Areninha. Quando eu precisava, assim... quando eu comecei tinham vinte e duas e eu precisava escolher uma. Então eu fui por números, “eu acho que eu vou pelo IDH mais baixo” que é o índice de desenvolvimento humano, que é justamente a Areninha São João. E aí, ao chegar aqui, me falaram, né, vai conversar com a Maria³, que é responsável lá pelo banco Palmas, e aí ela trouxe mais história da realidade da comunidade, mas eu também,

³ Nome fictício.

além da comunidade, queria saber especificamente as pessoas que moram no entorno da Areninha, o que estão achando que deu certo, o que não deu certo, o que pode melhorar, o que vocês vêem de diferente. E aí a idéia da entrevista é essa, de escutar vocês, da gente conversar mais sobre, sobre aqui. Desde quando vocês moram aqui nessa casa?

E3: 1992.

Pesquisadora: Ah, nossa.

E4: Muito tempo.

Pesquisadora: Vocês acompanharam muita coisa.

E3: Já temos 33 anos que mora aqui.

E4: Nós somos os primeiros moradores aqui do Sítio São João. Quando eu vim receber essa casa aqui eu me lembro como se fosse hoje. Até eu fiquei um pouco assim restrito em vir morar aqui porque não tinha nada só tinha apenas três vigias...

Pesquisadora: Você pode sentar aqui? Que aí fica mais pertinho aqui do celular.

E4: Tinha três vigias e tal, aí lá fui ver o cara lá na avenida aqui nesse fim de mundo aqui, lá na ponta do governo da Val Paraíso, aí me trouxe até aqui pra... aí vim receber esta casa. Aí eu pensei e tal, “rapaz, eu vou ficar aqui mesmo”. Eu morava de aluguel e eu consegui essa casa através da Caixa e tal, “por conta do meu trabalho eu vou ficar por aqui”, eu pensei. Eu nunca me lembrava aí tinha esse campo aqui, né? É anexo aqui ao Conjunto essa rua aqui e eu nunca me lembrei assim de ter um futuro como a gente tem hoje.

Pesquisadora: Aqui já era um campo...

E4: Era um campo mas era só piçarra, num movimentava nem nada.

Pesquisadora: Mas desde o começo aqui era um campo e as pessoas já jogavam, né?

E4: Era. Todo piçarrado, muita pedra, num tinha... era um negócio totalmente que não tinha um progresso de nada. Aí foi indo, um ano, dois anos, três anos então a gente foi ficando. Quando deu um certo tempo surgiu o projeto das Areninha, um projeto da Areninha no Sítio São João. Aí pronto, foi uma benção pra gente.

Pesquisadora: E pela história queriam era derrubar os campos, né?

E4: Isso, era.

E3: É, queriam fazer casas, uns apartamentos. Foi uma luta pra eles tirarem, né? Ia pra associação, a gente fazia abaixo-assinado, né? Era muita coisa. O Almeida⁴ ali, mais o Carlinhos que faleceu, né? Eles trabalharam muito nisso.

Pesquisadora: E aí vocês acham que foi um movimento positivo, assim, da comunidade?

E4: Positivo, muito positivo.

E3: Porque se fossem os apartamentos acho não ia dar certo, porque além de tomar a visão, né, do Palmeira, ia ficar aqui uma coisa assim abafada, sei lá...

E4: Isso aqui pra comunidade foi excelente.

E3: Quem vinha morar aqui também, né?

Pesquisadora: Sim, sim.

E4: Foi um desenvolvimento, foi um desenvolvimento aqui da comunidade. Muito bom esse projeto aqui dessas Areninhas é excelente.

Pesquisadora: O que que vocês acham, assim, porque tem essa característica das pessoas que, das lideranças do Conjunto Palmeiras de conseguir as coisas, mais, assim na briga, né? Assim, tiveram que pelear. E aí foi mais um movimento desses, assim, né? De manter o campo, né?

E4: De manter o campo, sim. Foi, foi muito bom, porque, é, se não tivesse saído essa Arena aqui seria assim um local totalmente, assim, apagado, esquecido e tal. Então... então como ela falou na certa vez veio o pessoal já certo pra construir umas casas e já tinha um vereador aí e tal.

E3: Veio o trator e veio tudo.

E4: E veio trator e veio tudo. E foi uma luta grande aí, o menino da associação pra conseguir, pra manter, pra vir a Arena. Então que veio o projeto Arena, aí que as coisas foi melhorando. A gente vê com outra visão, hoje, aqui, a comunidade aqui, é excelente.

⁴ Nome fictício

Pesquisadora: Sim... E aí vocês, assim, aqui como é que, vocês se conhecem todo mundo, aqui? A vizinhança, como é que se ajudam? O quê que vocês acham daqui?

E3: Aqui a vizinhança, graças a Deus, é muito boa. São pessoas tranquilas, se precisar um do outro o outro ajuda. É assim, a gente vive em comunidade.

Pesquisadora: E ainda mais na pandemia, como é que vocês acham que estão se ajudando?

E3: Aí é mais complicado, né?

E4: É, fica um pouco mais restrito, né? A gente não ter esse negócio da gente estar se vendo todo dia, de estar saindo, de estar chegando até aqui. Porque, a gente entende que dessa pandemia da gente estar conversando com os vizinhos, até mesmo por isso, com a comunidade, né? Ninguém pode estar chegando e a comunidade num vem também. Mas a gente espera que isso aí passe, né?

E3: No nosso caso aqui a gente não abre aqui, por quê? Porque não pode ter aglomeração. Aí, a Areninha, a Areninha estando aberta, tendo jogo, aqui dá movimento. Mas se não tiver, a rua é morta, não tem movimento. Só as amizades que vem, e que realmente não estão podendo vir, né? Por que a gente podia ligar o plano e a gente abriu, e vinha, mas ninguém pode.

Pesquisadora: O quê que pra vocês significa comunidade? Assim, as amizades?

E3: Eu acho que é a união, né? As amizades, respeitar uns aos outros. Pra mim é, tem a opinião dele aí.

Pesquisadora: A dos dois é válida.

E4: É... a comunidade é o trabalho, você trabalhar em comunidade é... você estar buscando, vendo o seu vizinho, ter um trabalho juntos, né, entendeu? Num é que, você vê esse trabalho, esse projeto da prefeitura, né? Então, é comunidade, é... vai o benefício pra comunidade, o quê? O filho vem jogar, o pai vem jogar, a mãe vem assistir, a filha e tal, entendeu?

Pesquisadora: Sim.

E4: Isso aí é comunidade, é um trabalho comunitário. É um trabalho que traz benefícios pra comunidade, que é o caso o nosso bairro.

Pesquisadora: Que aí, no caso, a Areninha acaba fortalecendo a comunidade no sentido disso, né?

E4: Com certeza, muito bom, viu? Essa Areninha foi muito, é... foi muito bom aqui pra gente aqui. Pra mim, principalmente pra nós, pra gente, né? Nós tem esse pontinho aqui. A gente... quer dizer, é uma renda a mais, entendeu? Pra gente... pra gente sobreviver, entendeu? Ajuda muito, é excelente, é bom.

Pesquisadora: Com certeza.

E4: E aqui, é... o pessoal vem jogar, é tudo, aqui é só gente, eu digo, de comunidade, que a pessoa boa. Pessoas boas, não tem pessoas más. Você vê, é... todo mundo com aquele papo de amizade, fica sentando e batendo papo depois do futebol, ficam conversando. Isso é muito bom, entendeu? Quer dizer, se torna uma comunidade, uma irmandade.

Pesquisadora: Sim.

E4: A gente só vê esse lado aqui, aqui a gente não vê esse outro lado. Que sempre que tem aqui hoje, né, a violência tá, né? Nas comunidades mesmo, nos bairro. Mas aqui mesmo em si, na Areninha, aqui é família, porque eu falo que é família aqui. Porque aqui nunca houve problema, confusão e nem nada, a gente ver mais o lado das famílias. É tanto que os veteranos, né, como eles se chamam, eles vem jogar, eles trazem esposa, traz filho, e ficam conversando. Elas ficam na mesa e os veteranos jogando, e depois ficam conversando, batendo papo. Então isso gera um ciclo muito bom.

Pesquisadora: Sim, sim... é, vocês aqui moram desde 92, né?

E3: É.

Pesquisadora: Como é que vocês viram a construção da comunidade? Vocês falaram que foram uma das primeiras casas. E que esse trabalho também é algo que contribui para a comunidade. Vocês ajudaram a construir as outras casas ou viram a construção das outras casas?

E3: A gente viu. Quando nós chegamos aqui a nossa casinha era só uma coisinha, pequenininha, não cabia nem as coisas foi preciso a gente dar umas coisas. Tinha bastante mosca, afe Maria, tinha uma granja e fedia o Conjunto. Muita gente foi embora, por causa disso, vendeu suas casas. E hoje em dia, graças a Deus, tem muita gente que vive bem aí, montou restaurante, montou pizzaria. Desses que chegou no nosso tempo também, que nem eu tem o baião do Dedé

ali, nosso primo, nosso cumpadre. Tem o Jonnhy do açaí, tudo eles quase que iam embora por causa disso, né? Mas aguentaram e hoje estão bem, graças a Deus.

Pesquisadora: Vocês acham que se ajudavam pra poder se aguentar também?

E4: Não resta dúvida. A gente conversava e tal, mas a gente tinha que ter o projeto de continuar aqui. E sempre trazendo família, né, pessoas boas vir morar do lado da gente, a vizinha, né, fazendo amizade com a vizinhança. Aí vai se dando, na medida do possível, a gente ia construindo a casa da gente, pra gente poder aumentar mais um pouquinho. Porque o terreno é muito bom, é grande, do Conjunto, das casas, né? Agora a casa era pequena, agora quem tinha condição de fazer de imediato, fazia. Quem não tinha ia fazendo devagarzinho, fazendo. E depois a gente ia ajeitando. Entendeu?

Pesquisadora: Quando a gente olha pro mapa da cidade de Fortaleza, aqui é ainda uma região que... que se coloca pelos números como uma região pobre.

E3: É.

Pesquisadora: O que significa pobreza para vocês?

E4: Não, mas é uma questão de geração de renda, entendeu? Aí vem a questão do trabalho. Porque hoje tá aí, o bairro, é... muita gente que procura trabalho, mas trabalho hoje tá muito difícil, num tá fácil. Você conseguir um trabalho pra você sobreviver, pra dar pra você sobreviver. Porque hoje se você ganhar, pelo meu caso, ganhar um salário pra manter a minha casa, num dá. Com certeza não dá. Então, pra mim me manter, manter a minha esposa que trabalha em casa e tem meu menino que estuda. Tem dois filhos, um casou. Então hoje aqui nós estamos em três pessoas, mas um salário não dá pra gente sobreviver, eu teria que ter mais. Então onde vê que encaixou mais uma rendazinha extra a gente junta pra gente ir vivendo, né? Melhor.

Pesquisadora: Sim... e o que você acha de pobreza, o que você vê de pobreza aqui na região?

E3: Pobreza aqui é muita gente mesmo aí passando fome, né, passando necessidade. Principalmente agora com essa pandemia, né? Pessoal tudo desempregado, dependendo dessa mixaria que o governo dar. Muita gente mesmo passando fome. É uma vilazinha ali que o pessoal fica tudo pedindo. Aí as pessoas têm bom coração ajuda, dar, faz uma cesta básica, bem

nós mesmo quando... tem o grupo do terço dos homem, né? Se reúnem, faz cesta básica, e sai dando pras essas comunidades com mais necessidades, as pessoas mais carentes.

Pesquisadora: Vocês perceberam que aumentou...

E3: Aumentou muito.

Pesquisadora: As pessoas pedindo, né?

E3: Foi...

E4: Aí passa muita gente aqui.

E3: Muita gente aqui pedindo.

E4: Um quilo de alimento. Na medida do possível a gente pode. Porque nós temos um grupo, eu tenho um grupo aqui na comunidade, na igreja. Então, é... é toda segunda-feira nós se reunimos as oito horas, então toda, todos os meses nós fazemos uma cesta. É pouco? É pouco, é, mais ajuda. Chega uma pessoa você leva dois, três quilos de alimento naquela pessoa, na casa da pessoa, já ajuda, já tem três, quatro dias pra tranquilo botar no fogo, entendeu? Então, nós tem, eu tenho esse projeto aqui também, eu tenho esse projeto aqui na comunidade.

Pesquisadora: Sim, já ajuda. E as pessoas, assim, a gente vê que, por exemplo, quem tem a questão de pobreza ela tem a questão da fome, mas a estrutura também.

E3: As casinhas, né? Tem gente que mora que, essas que eu tô falando que mora ali, é uma vilazinha de aluguel. Eu não sei como é que eles vivem, aí as crianças tudo pedindo, né? Acho que, um dia desses eu contei, tinha oito meninos em três casas.

Pesquisadora: Vocês não sabem como é que eles enfrentam, assim, a pobreza?

E3: Não. É esse bolsa família, né? Ninguém sabe.

Pesquisadora: O sentimento que eles sentem...

E4: Ficam esperando, né? Tem bolsa família e a ajuda de um, a ajuda de outro. Porque trabalho mesmo eles, o pessoal não tem, entendeu? Um emprego fixo, porque hoje é difícil você manter um emprego fixo. Eu... graças a Deus, eu tenho meu trabalho fixo, trabalho de muitos anos, né? Já sou mais veterano, graças a Deus eu tive essa oportunidade, né? Deus me deu de eu ter meu trabalho, entendeu?

Pesquisadora: Hunrum.

E4: E dar ir me mantendo na medida do possível, aqui com a minha família. Muito bom.

Pesquisadora: Sim, sim... é...hum... além da questão da fome tem alguma coisa que vocês percebem, assim, ainda é uma situação de pobreza aqui no bairro?

E3: As doenças, né, a falta de necessidade de viver melhor, uma roupa, um alimento melhor. Assim... a dificuldade de, por exemplo, o menino doente, aí leva no posto e não tem médico, não tem. Porque no posto tá um caso sério, né?

Pesquisadora: Essa falta de estrutura também de saúde.

E3: É.

Pesquisadora: Sim.

E4: E... eu acho também aqui no Conjunto, é... que você abordou aí, é... o problema, rapaz o Sítio São João é só buraco. Você não anda aqui no Sítio São João não, aqui é uma loucura, tá horrível. Você sai de um buraco e cai noutro. Você vê, esse Conjunto aqui era pra ser, era pras autoridades, né? Eu não sei se é a prefeitura onde cabe isso aqui pra ver isso aqui. Que a Cagece fez o saneamento, é por dentro o saneamento. E a Cagece fez novo saneamento, mas aí fez e deixou a buraqueira aí, tá horrível. Você pode dar uma volta aqui nessas ruas aqui que é muito buraco. Então eles teriam que ver mais esse lado aí.

Pesquisadora: Como é que foi na chuva, como é que ficou esse período de chuva que a gente teve agora?

E3: Foi bom, né? Num teve problema não. Também foi pouca chuva.

E4: Mas é porque é saneado esse Conjunto aqui, é saneado.

Pesquisadora: Então a água escorre.

E3: É, e a gente tem no quintal, ainda. Aí a água da rua vai embora, entra nos bueros e vai embora, né? Num fica muita lama não. Fica mais lá porque é mais dividido os buracos que eles fizeram isso aí, mas não terminaram ainda.

Pesquisadora: Hurum, tá... Tá, então, vamos... Assim, eu acho que é isso mesmo com relação ao que tem, né, o que a gente vê. Então, vamos...eu vou tentar agora fazer perguntas mais

específicas sobre a Areninha, assim né? Porque a Areninha é, a idéia é que jogue futebol, mas que também promova outras formas de lazer, de entretenimento. Como é que vocês acham que as pessoas, é... a gente tem um momento em que as pessoas que trabalham, também, e tem as pessoas que a gente ainda, assim, que não tenha um trabalho fixo, que buscam formas de se divertir e de ter lazer. Como é que vocês vêem que as pessoas utilizam a Areninha? Como são as formas de lazer na Areninha?

E4: É, eu já te falei, tem futebol né, tem o jovem na escolinha, que é um ponto muito positivo. E tem o racha da comunidade, né? Que chamam os veteranos, os cinquentão, os quarentão, o pessoal vem e tal, e a família. E tem uma academia anexo ali, uma quadra de vôlei, né, de areia. Então, é muito bom.

Pesquisadora: Pessoal joga vôlei?

E4: Vem, vem jogar toda tarde eles estão jogando aí. Jogam até tarde, até oito, nove hora. E tem academia, e eu mesmo tive que ir a academia um dia lá, fazer uma musculação, é muito bom, entendeu? É excelente.

Pesquisadora: Vocês vêem o pessoal caminhando?

E4: Vejo, caminhando, todo dia a família caminha aqui ao redor do Conjunto.

E3: Eu caminhava, só parei devido a pandemia mesmo. Principalmente porque eu tive, né? E aí fiquei com medo.

Pesquisadora: Sim.

E4: Mas antes muita gente caminhando, muita gente fazendo a academia.

Pesquisadora: Já pode voltar, né?

E4: Muita gente indo pra academia, entendeu? Pro vôlei. Agora o problema é que com a pandemia as pessoas ficam mais com medo de vir, e tal, mas vai começando, aos poucos as pessoas estão voltando pra fazer suas atividades físicas, o que é muito bom.

Pesquisadora: E tinha um... outros, outros comércios, tinha...

E3: Tinha, e acabou.

Pesquisadora: Como é que foi isso, assim, de ter colocado e depois tirado?

E3: Eu... isso aí eu não sei nem dizer que era do outro lado, aí parece que devido a violência, né? Mais que teve aí uns dias que tava meio complicado, e o pessoal acabaram tirando as bancas. Teve outros que foram embora. Tinha uma senhora ali que trabalhava e foram embora. Foram acabando aos poucos.

Pesquisadora: Tinha pratinho, essas coisas? Chegou a ter, mas vocês acham que pela violência o pessoal achou melhor tirar?

E3: Foi, no começo... no começo o pessoal ficaram com medo. Teve um tempo aí que ficou muito violento, né? E aí o pessoal ficaram com medo, aí tiraram.

E4: É a questão dessas facções, né, que vão se infiltrando nos bairros, né, nas comunidades. Então, acho que teve um período que aqui teve, ficou um pouco meio movimentado sobre isso. Aí eu acho que o pessoal tiveram medo e tal, de ficar ali e se expor até umas oito, nove, dez horas da noite, e aí mais ou menos acho que foi isso também, teve esse ponto aí também do pessoal se afastar.

E3: Tinha muita coisa ali do outro lado, tinha assim aquelas coisas das crianças pintarem, brincarem, tinha o pula-pula. Tinha tudo isso, acabaram tudo.

Pesquisadora: Que era a forma de lazer das crianças, né, de se divertirem?

E3: Exatamente, que o lazer das crianças era só mesmo a escolinha pra eles jogarem. Somente, não tem outra coisa mais. Até os brinquedos, não tem mais.

Pesquisadora: Porque uma das coisas que a gente está refletindo é que, é assim, não adianta só construir a Areninha, e tem que ter outras políticas também, né?

E3: Exatamente, que nem às vezes quando o pessoal, as mulheres vem brincar com as crianças, elas falam até porque que nós não bota um pula-pula pras crianças brincarem. Eu disse: “não”, né, porque quem era para botar isso aí era a prefeitura, né?

Pesquisadora: Hunrum.

E3: Porque a gente, é, nós não dá pra mim porque tem que ficar uma pessoa exclusivamente lá, para ficar pra cuidar das crianças. Eu tenho medo, pode acontecer alguma coisa.

Pesquisadora: E é isso que, que é o que tem gerado, assim, né, começa a aumentar o movimento, né, ótimo que tem luz, né? Mas aí até que ponto sendo uma situação num lugar de

mais vulnerabilidade social, então pode ser que tenha mais perspectiva de violência também. Então isso foi uma das coisas que a gente começou a observar que tem que vir outras políticas junto com a política da Areninha, entendeu?

E3: Exatamente.

E4: Hunrum, verdade.

Pesquisadora: É... e aí assim, diretamente aqui na família de vocês, a Areninha foi bem positiva por ser a oportunidade de abrir uma outra, um outro comércio aqui para vocês, uma outra forma de renda?

E4: Sim, muito positivo, muito bom.

Pesquisadora: E desde 2016 que essa Areninha está aqui, num é isso? 5 anos.

E3: Isso, vai fazer agora em junho.

Pesquisadora: Logo de início vocês montaram o espetinho? Como é que foi a história do espetinho?

E4: Não, foi assim, a Areninha surgiu e tal, aí surgiu eu que tinha aqui um ponto, né?

Pesquisadora: Aí como ela é grande veio vários jogos da Copa Arena aqui né?

E4: É, aí surgiu e eu “rapaz, eu vou botar um espetinho aqui pra ver como é que é, e tal”. Devagarzinho e tal, e deu certo.

Pesquisadora: Foi no mesmo ano, 2016?

E4: Não, foi logo depois, né?

E3: Foi no outro ano, 2017.

E4: Sei que a gente foi botando aos poucos e graças a Deus deu certo. É muito bom, deu uma atividade.

E3: Foi no final de 2016, vaila, bem em outubro que a gente começou a botar, a comprar as coisas.

Pesquisadora: E logo vocês foram...

E3: Só que o ponto a gente já tinha, né? Antes da Areninha a gente tinha um comerciozinho, só que num... era fraco e aí acabou. Que essa rua aqui ela é morta, ela não tem muito movimento, só vem gente se a Areninha tiver aberta, não tem movimento.

Pesquisadora: Aí com a Areninha funcionando vocês resolveram pensar em outra forma de...

E3: Por exemplo, aí nos domingos, tem os cinquentão, os quarentão, sei lá qual é, que jogam. Aí eles passam o dia aqui bebendo, brincando. É... se divertindo, eles mesmo, a turma né deles.

Pesquisadora: Aham.

E3: Aí a gente vende bem pra eles.

E4: Aí tem a televisão e o pessoal vem aqui assistir o jogo, eu boto os campeonatos, né? Aí é bom, ficam assistindo o futebol, batendo um papo.

Pesquisadora: Vai começar a Série A.

E4: Isso, é muito bom, é excelente.

Pesquisadora: Hunrum... É... vocês acham que a população passou a ter mais lazer por conta da Areninha? Porque já tinha um campo e o pessoal já jogava futebol.

E3: Tinha, tinha um campo.

E4: Sim, com certeza.

E3: Mas a Areninha melhorou muito. Porque o campo era escuro... tinha as luzes, mas só que era escuro, né? O pessoal tinha medo de vir para cá, tinham muito medo de andar nessa rua.

E4: É... era piçarra.

E3: Era piçarra, nem todo mundo vinha, quando chovia ficava só a lama, aí o pessoal tinha muito medo dessa rua aqui. Mas essa rua sempre ela foi uma rua calma, ela nunca foi uma rua violenta.

Pesquisadora: E por fato de ter mais gente aqui jogando, vocês acham que melhorou a convivência entre as pessoas?

E3: Melhorou.

Pesquisadora: Vocês tem algum exemplo, assim, que vocês lembram... algo que antes as pessoas não se falavam, mas aqui passaram a se falar?

E3: Não, nós mesmos, a gente que morava tudo aqui pertinho e a gente não tinha convivência com eles. Hoje a gente tem.

E4: A vizinhança, é. Muita gente a gente conheceu, o pessoal vem, “opa, excelente!”. Todo mundo, o casal...

E3: Que morava ali do outro lado e a gente não conhecia, muita gente.

E4: O pessoa já vem, entendeu?

E3: A gente ficou conhecendo muita gente.

Pesquisadora: E o fato de conhecer as pessoas melhor faz, assim, de ter uma sensação maior de comunidade?

E3: Com certeza.

Pesquisadora: Hunrum... Eu acho que é isso... vocês têm uma opinião final sobre a Areninha?

E4: Minha opinião é que continue.

Pesquisadora: O que pode melhorar, o que está bom?

E4: Eu acho que é um trabalho excelente dos meninos aí. O Almeida, o Marcos, né? Eles cuidam, zelam muito bem a Areninha, é muito bem cuidada.

Pesquisadora: Um deles é o Jorge?

E4: O Jorge e o Almeida⁵, eles cuidam muito bem. Então... e essa Areninha aqui...

E3: Quando é pra ajudar eles ajudam também.

E4: Então, é... é muito bom a Areninha continuar, entendeu? Funcionando, a comunidade, na medida do possível, quando for reiniciar, né? É muito bom pra comunidade, né? O pessoal vem pra ter mais um lazer a mais, né?

⁵ Nomes fictícios

Pesquisadora: Vocês vêem que acabam fazendo um trabalho junto, se complementam. Uns cuidam da Areninha, e vocês cuidam aqui do espaço de lazer ao redor.

E4: É, muito bom.

E3: Agora se a Areninha tivesse uns brinquedos para criança, se tivesse mais, é... aparelho pra academia seria melhor, né? Aí já tem essa escola aí que começaram e não terminaram, né? Que é pros meninos da Areninha, você sabe, né?

Pesquisadora: Sim, sim.

E4: Anexo aí, né?

Pesquisadora: Que só colocaram e não começou.

E3: Mas eu acho que foi devido a pandemia, né?

Pesquisadora: E a creche, tá funcionando?

E3: Também não. Não tá funcionando. Ah não ser, né, que é igual aos outros, né? Tudo... não sei se tá funcionando não, está não porque é só para crianças.

Pesquisadora: Porque o motivo inicial era construir uma creche, e aí foi creche e Areninha, né?

E3: É, mas eles, eles continuam as crianças matriculadas, eles dão cesta básica. Só não está funcionando, mas...

Pesquisadora: Não está funcionando porque os professores precisam ser vacinados, né, por causa da pandemia.

E4: É.

E3: Quem sabe em agosto, né?

Pesquisadora: Mas antes da pandemia a creche funcionava?

E3: Funcionava.

E4: É, muito bom.

Pesquisadora: E aqui foi logo, logo quando começou a pandemia mesmo que construíram, né?

E3: Aqui foi logo na pandemia. Já tava na pandemia, que até eu fazia comida pros meninos que trabalhavam ali. Eu que fazia a merenda, o almoço.

Pesquisadora: Sim.

E3: Aí eles vinham almoçar aqui, e eu morria de medo, porque as vezes eles vinham tudo sem máscara. Mas graças a Deus deu certo e nenhum chegava perto de mim não.

Pesquisadora: Mas vocês conseguiram, é, alguma licitação da prefeitura pra fazer comida para eles ou eles pagavam a parte?

E3: Não, a empresa quem pagava.

Pesquisadora: A empresa? Sim, que é a participação público-privada.

E3: Hunrum

Pesquisadora: Mas é bom que, enfim, que beneficia...

E3: Hunrum.

E4: Foi.

Pesquisadora: Perfeito, perfeito... Eu acho que é isso. Mais alguma coisa?

E4: Tá bom, né, é só agradecer, viu?

E3: Assim, devia conseguir, assim, era, de botar a luz, que ficou tudo escuro. De colocar, porque eles cortaram a energia um tempo aí. Aí a gente pelejou, pelejou. Vivia lá na regional até que conseguiram trazer de volta. Aí ele lutou muito por esse campinho aí, o Carlinho, com o pessoal ele cercou tudo com pneu. Vivia cheio de lixo e ele limpava, chamava os meninos pra limpar ali mais ele. Fora mais que a gente vivia limpando também, né, a nossa frente. Pessoal colocavam o lixo e a gente mandava tirar.

Pesquisadora: O Carlinho vivia lá na Federação pedindo coisa, pedindo bola.

E3: Era, ele era show demais, ele. A sorte dessas crianças aqui a maioria foi ele.

E4: Pois é, pra você ver né, surgiu o projeto das Areninhas e aqui foi o local que trouxeram uma Areninha.

E3: Sentimos muita falta com a morte dele.

Pesquisadora: Nossa...

E3: E ele, ela era uma confiança pra gente, né?

E4: Era o nosso braço direito, né?

E3: Porque quando ele estava aqui, ele era...

E4: Ele era muito conhecido da comunidade, ele era conhecido.

E3: Era conhecido da comunidade, ninguém mexia em nada por aqui.

E4: Ele tinha muito respeito.

E3: Ninguém mexia em nada. Ele estando aqui era a nossa segurança, fora dele, né?

Pesquisadora: Sim.

E3: Ele era a segurança que a gente sentia.

Pesquisadora: Por conta dele ser uma pessoa que articula com todo mundo isso fez vocês se sentirem seguros?

E3: Era.

E4: Ele era um cara assim, ele tinha muito carisma com as crianças.

E3: Ele só ia embora quando a gente fechava. Ele deixava a gente fechar pra ir embora, era assim.

Pesquisadora: E o Jorge tá seguindo o legado aí?

E3: Tá, tá quase igual a ele o Jorge.

Pesquisadora: E aí faz vocês também se sentirem seguros, assim das coisas acontecendo?

E3: Claro, com certeza. Jorge e Almeida são duas pessoas excelentes. Aí, a gente, quando tem um negócio assim, como é que chama? A eleição, né? Pra tirar eles, todo mundo se combina pra eles não sair.

Pesquisadora: De manter, né? Porque se eles fazem um bom trabalho, tem que manter mesmo.

E4: Eles são uns cara que trabalham muito sério, sabe? Tem um trabalho muito bom, o Almeida...

E3: E o pessoal respeitam eles, os meninos, os adolescentes respeitam eles. Então é isso, que eles respeitam.

Pesquisadora: Sim.

E3: Porque os adolescentes de hoje, você sabe né como é.

Pesquisadora: E aí que o esporte, também né? A prática esportiva, né, faz ensinar mesmo de não estarem mais...

E3: De se educarem mais, né?

Pesquisadora: É um potencial de educação, né? De respeitar as pessoas, de respeitar, de ajudar a construir o campo, de manter o campo.

E4: O problema é, a prefeitura dar, o problema é manter, né, tudo limpinho, tudo consertadozinho. Quando dá algum problema, que eles já se preocupam em mandar consertar. Toda a Arena toda pintadinha, toda limpa, toda... você chega e você vê um ambiente limpo, bem asseado, é muito bom.

Pesquisadora: Sim... Que é cuidado pela comunidade?

E3: Isso, todo mundo que vem aqui na Areninha diz que é a Areninha a mais limpa e a mais bem conservada que tem de todas, né?

Pesquisadora: Que é mesmo o trabalho das pessoas que estão aqui, né? Não só limpa, aí de repente tem o, o... o que vocês colocaram aí pra proteção do sol, né?

E4: Isso, a barraca, né, que eu mandei fazer, né, e anexeí aí.

E3: Aí eles agora cortaram as plantas, porque as plantas estavam pegando nos fios e sujava muito lá dentro. Eles mandaram podar as plantas tudo. Chamavam a Prefeitura e não vinham, chamavam a Coelce e não vinham.

E4: Aí a gente mesmo fez.

E3: Aí eles que fizeram, aproveitaram um dia que a Coelce estava trocando os postes e faltou energia o dia todo, aí aproveitaram e cortaram.

E4: A gente vai manter a sombra toda igualzinha, né? Que agora a gente não vai deixar eles... Quando a gente quiser chama o cara que já sabe como é que fica toda bonitinha.

Pesquisadora: Sim, sim.

E4: Se Deus quiser vai ficar, vai deixar tudo igualzinha.

Pesquisadora: E eu venho de vez em quando pra ver se tá mesmo.

E4: Se Deus quiser! Vai dar certo.

Pesquisadora: Então é isso, gente.